

CLEDENICE BLACKMAN

A MULHER AFRO-ANTILHANA DE PORTO VELHO
E A SUA ANTERIORIDADE NA EDUCAÇÃO



MARÍLIA
2020



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS - CAMPUS MARÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO

CLEDENICE BLACKMAN

**A MULHER AFRO-ANTILHANA DE PORTO VELHO
E A SUA ANTERIORIDADE NA EDUCAÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Doutorado em Educação, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - *Campus* Marília, para obtenção do Título de Doutora em Educação.

Linha de Pesquisa: Políticas Educacionais, Gestão de Sistemas e Organizações, Trabalho e Movimentos Sociais.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo

**MARÍLIA
2020**

B629m Blackman, Cledenice
A mulher afro-antilhana de Porto Velho e a sua anterioridade na educação / Cledenice Blackman. -- Marília, 2020
163 f. : il., tabs., fotos, mapas

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientadora: Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo

1. Mulher Afro-Antilhana. 2. Rondônia. 3. Educação. 4. Análise Bibliográfica e Documental. 5. Estudos Culturais. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Marília

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: A MULHER AFRO-ANTILHANA DE PORTO VELHO E A SUA ANTERIORIDADE NA EDUCAÇÃO

AUTORA: CLEDENICE BLACKMAN

ORIENTADORA: TANIA SUELY ANTONELLI MARCELINO BRABO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em EDUCAÇÃO, pela Comissão Examinadora:

Prof(a). Dr(a). TANIA SUELY ANTONELLI MARCELINO BRABO (Participação Virtual)
Departamento de Administração e Supervisão Escolar / Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Prof(a). Dr(a). MARIA VALERIA BARBOSA (Participação Virtual)
Departamento de Sociologia e Antropologia / Unesp, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Prof(a). Dr(a). JULIO CESAR TORRES (Participação Virtual)
Departamento de Educação / Unesp, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

Prof(a). Dr(a). GUSTAVO HENRIQUE ARAÚJO FORDE (Participação Virtual)
Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais – Centro de Educação / Universidade Federal do Espírito Santo

Prof(a). Dr(a). JOSELIA GOMES NEVES (Participação Virtual)
Departamento de Educação Intercultural / Universidade Federal de Rondônia

Marília, 10 de dezembro de 2020


Profa. Dra. Graziela Zambao Abdian
Coordenadora do PPG em Educação

Às antepassadas afro-antilhanas que possibilitaram uma memória histórica de luta, resistência e contribuição educacional;

Às gerações de mulheres negras, de hoje e de amanhã, que poderão contar com mais este registro historiográfico na/sobre educação amazônica;

Às várias mulheres guerreiras que lutaram em prol da democratização da escola pública;

À minha mãe, Leonilce de Nazaré Blackman;

Às minhas afilhadas: Marcele Hadriele Shockness Martins, Lara Melissa Shockness Arrais e Viviane dos Santos Rhodius;

Às minhas tias: Anália Blackman, Maria Ester Blackman

A todas as pessoas que participaram direta ou indiretamente na minha formação e que sempre me incentivaram ao caminho da aprendizagem enquanto superação social.

*A minha bisavó barbadiana Constança Goodrich,
em memória que se aventurou na travessia do Mar
do Caribe à beira do Madeira.*

*A minha avó Maria Rocha Blackman, em memória
uma exímia mulher, pescadora, analfabeta, mais de
uma imensurável sabedoria popular e social.*

*A James da Silva Taveira, em memória [...]
que encontrou a primeira entrevista do meu avô
Elton Blackman
no Centro de Documentação Histórica de Rondônia -
CDH/RO (2004) [...]*

*com quem dividia conversas culturais
como: as lacunas historiográficas,
os espaços e vazios de nossa história regional e
educacional.*

*E essa entrevista foi um verdadeiro portal para
ressignificar essa nova história na educação
à moda afro-antilhana.*

AGRADECIMENTOS

Antes de iniciar meus agradecimentos, descrevo brevemente minha trajetória acadêmica e profissional. Ingressei no serviço público no ano de 1999, na Prefeitura Municipal de Porto Velho/Rondônia, via concurso para professora da Educação Básica, com o antigo Curso Normal (Magistério), o qual cursei no Instituto Estadual de Educação Carmela Dutra (1994/1996). Assim, em 1999 comecei minha experiência na profissão docente (Pré-escolar até o atual 5º ano), espaço base para o arcabouço profissional de uma vida toda. Por 15 anos tive a experiência na docência das escolas municipais Darcy Ribeiro, Chapeuzinho Vermelho, Wadih Darwich Zacarias, Pé de Murici, mas a maior parte desse tempo (mais de uma década) atuei como professora na E.M.E.F. Pedro Tavares Batalha e quatro anos como especialista em educação/orientadora educacional.

Posteriormente, fui removida para a Secretaria Municipal de Educação, como Formadora do Programa Nacional de Informática. Após um ano, retornei para trabalhar na orientação escolar na E.M.E.I.F Pé de Murici. No ano de 2014, consegui êxito no concurso do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO) para o cargo de bibliotecária/documentalista, minha segunda formação acadêmica.

No período 2003 a 2006, cursei História (Licenciatura e Bacharelado), na Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). No Bacharelado, defendi o projeto sobre as atividades profissionais das mulheres afro-antilhanas. Na época, utilizei a nomenclatura *mulheres barbadianas*; mesmo tendo a compreensão sobre as *múltiplas identidades*, eu ainda não tinha maturidade, muito menos documentação, para adentrar nessa discussão. Após a defesa do referido projeto, no ano de 2006, resolvi mudar o foco da pesquisa para “Os *barbadianos* e as contradições da historiografia regional”. Depois de mais de uma década de caminhada, cursei dois Mestrados em História e um Bacharelado em Biblioteconomia (2009/2013). Chegando ao sonhado doutoramento, voltei-me para o tema que gostaria de ter escrito no Bacharelado em História.

A partir dessa síntese de minha trajetória, agradeço a oportunidade de formação neste Doutorado em Educação:

Ao Prof. Uberlando Tiburtino Leite, Reitor do IFRO, que, como gestor público, prioriza a formação dos(as) servidores(as).

À Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação (PROPESP), na pessoa do Prof. Gilmar Alves Lima Junior.

À Coordenação de Pós-Graduação, representada pelas servidoras Gisele Caroline Nascimento dos Santos, Michele Gomes Noé da Costa e Prof^a. Daniela Tissuya Silva Toda.

À Coordenação Interna do DINTER/IFRO/UNESP, representada pelas Professoras Márcia Letícia Gomes e Iza Reis Gomes Ortiz.

Ao Coordenador Interno do DINTER/UNESP/Marília, Prof. Dr. Rodrigo Pelloso Gelamo.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo, por ter acreditado na minha proposta de pesquisa, pelas orientações, publicações e toda a ajuda durante este processo de doutoramento.

Aos professores e professoras da UNESP/Marília: Dagoberto Buim Arena, José Carlos Miguel, Júlio Cesar Torres, Neusa Maria Del Ri, Eduardo José Manzini que ministraram disciplinas de excelência.

À primeira turma do Doutorado em Educação/DINTER/IFRO/UNESP: Andréia, Cláudia, Dioneia, Fábio, Greissi, Márcia Barbosa, Márcia Mendes, Marcelo, Mauro, Moisés, Mônica, Neusa, Raimundo, Sônia, Silvana, Silvane, Sirley, Vanessa.

Agradecimento especial ao Professor Dr. Júlio Cesar Torres por toda a orientação, crítica e indicação de leitura na qualificação.

À Professora Dr^a. Ana Maria Klein que participou da banca de qualificação.

Àquelas pessoas que extrapolaram os laços de amizade e se tornaram *minhas manalindas*: Barneth Costa, Beatriz Costa e nossa *família*: Barnabé (pai), Francinalva (mãe) e Samuel (cunhado). Gratidão por todo o carinho, solidariedade e cuidado. Durante todo o doutoramento, sempre me motivaram, deixando bilhete surpresa, nas idas e vindas ao aeroporto de Porto Velho/Marília.

À minha prima-irmã Márcia Adriana Shockness da Silva e família, pelas idas/vindas ao aeroporto, pelas palavras e por nos ter presenteado, junto com Célio Arrais, com uma joia rara da Dinda: Lara Melissa Shockness Arrais e Marcele Hadriele Shockness Martins, que acompanham desde sempre a madrinha nas atividades acadêmicas e hoje, com apenas quinze anos, colabora/coordena os eventos por mim idealizados.

À professora e amiga Dr^a. Rosa Martins (IFRO), coordenadora do Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologias (GET/IFRO) e aos amigos e amigas que compõem essa coletividade de pesquisadores e pesquisadoras.

À Claudete, Janaína Leite, Janaína Ferri, Laura Nogueira, Marta Quirino, Moisés Lima, Rosária Silva, Solimária Lima e aos demais amigos e amigas do IFRO.

À Miriã Veiga, minha querida bibliotecária/documentalista da primeira turma Biblioteconomia da UNIR.

Ao Grupo de Trabalho Relações Étnico-Racial e Decolonialidades – RERAD/FEBAB – bibliotecárias(os) e professoras(es). Coordenadora Ana Paula Meneses Alves e demais integrantes: Ana Claudia Borges Campos (Espírito Santo), Ana Cristina Xavier de França (Rio Grande do Sul), Angelita Garcia (São Paulo), Dávila Feitosa (Ceará), Edilson Targino de Melo Filho (Paraíba), Franciéle Carneiro Garcês da Silva (Santa Catarina), Jocélia Martins de Oliveira (Goiás), Leyde Klebia Rodrigues da Silva (Bahia), Marcio Ferreira da Silva (Maranhão), Priscila Rufino Fevrier (Rio de Janeiro) e Roberta Kelly Amorim de França (São Paulo).

À Secretaria de Educação Municipal de Porto Velho, especialmente, a Alice, Darcy, Edney, Eric, Elisangela, Enderson, Marcos, Naile, Nefertith, Talita.

À Cândrica Silva, grande Bebel.

Ao primo amado Percy Holder, por ter acreditado e incentivado.

À descendente Mônica Redman pelas conversas sobre nossa ancestralidade barbadiana.

Aos amigos e amigas que mesmo após quinze de anos da nossa formatura em História/UNIR continuamos juntos na caminhada da vida: Cíntia Barbara, Claudia, Francigerle, Vanessa, Valdeci, Vagner e Uilian.

À Joelna Holder, por toda consideração, irmandade e amizade.

Às famílias afro-antilhanas de Porto Velho/Rondônia e do Brasil: Blackman, Chalender, Davy, Denny, Forde, Holder, Johnson, Maloney, Redman, Rock, Rhodius, Scantlebury, Siqueira (Squires), Shockness, Winter et al.

A todas e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta Tese.

A Imigração Afro-antilhana na Visão Cordelista

Dentre as grandes migrações
À nossa terra adorada,
A dos afro-antilhanos
Foi a menos estudada
Só agora vem à luz
Para ser analisada.

De mão-de-obra treinada
Nosso país carecia
Para tocar um projeto
Que há muito tempo existia
De cortar a Amazônia
Por meio da ferrovia.

Farquhar encabeçaria
A construção da estrada
Porto Velho a Guajará
Seria a linha traçada
Para escoar a borracha
À época valorizada.

Foi quando houve a chegada
Da força afro-antilhana,
Outras nacionalidades
Vieram com a mesma gana
Para trabalhar na obra
Duma empresa americana.

Nesta luta quase insana
Entre homem e natureza,
Endemias variadas
Dominavam a fortaleza
Dos homens que trabalhavam
Desprovidos de defesa.

Foi então que a Empresa
Temendo todas as pragas
Contratou Oswaldo Cruz
E o notável Carlos Chagas,
Também Afrânio Peixoto
Hábeis em diversas sagas.

Apesar de serem vagas
Algumas informações
Ou omitidas por quem
Tinha outras intenções
De mostrar como viviam
As nossas povoações.

Mas de todas as Nações
Que cederam trabalhadores
Foi a ilha de Barbados
A enviar mais atores
Pelo seu Porto que era
Rota dos navegadores.

Estes colaboradores
(Como a História ensina)
Fundaram o *Barbadian Town*
No alto duma colina,
Um bairro onde preservaram
A cultura genuína.

Este “morro da colina”
Era bem estruturado,
Nele existia uma escola
E o inglês era ensinado
Para que o dialeto
Fosse assim perpetuado.

Foi o morro apelidado
Como forma de despeito,
“Morro do Alto do Bode”,
Isso porque um sujeito
Disse que barbadiano
Não conversava direito.

Este bairro achou um jeito
De preservar a cultura
De 1910 a 1943
Manteve a sua estrutura
Sendo depois demolido
Num ato da Ditadura.

Segundo a literatura
Os migrantes de Barbados
Tinhavam alguma formação,
Todos alfabetizados
Transmitiam o que sabiam
Aos filhos e agregados.

Temos exemplos mostrados
No setor da Educação,
Contribuíram demais
Para a nossa formação
Deixando um grande legado
À cidade e região.

Até na habitação
A sua influência emana,

As construções que carregam
A presença afro-antilhana,
Que ornamentam o cenário
Da terra rondoniana.

A partir desta semana
Veremos doutra maneira
Esta contribuição
Duma Nação estrangeira
Trazendo o Mar do Caribe
Pra desaguar no Madeira!

Autor: Wellington Vicente
Local: Teatro Guaporé –
Lançamento do livro: *Do mar do
Caribe à beira do Madeira*
Porto Velho, 09 de nov. de 2019.

A escola, melhor dizendo a escolarização, é um valor para a comunidade negra [...]. [...] a escolarização era um valor de refúgio, para nós negras e negros [...]. Refúgio, nesse caso, pois, não é um abrigo, mas um instrumento para fazer conhecido e reconhecido um povo, o nosso povo negro, e sua luta.

(FONSECA; BARROS, 2016, p. 7)

BLACKMAN, Cledenice. **A mulher afro-antilhana de Porto Velho e sua anterioridade na educação**. 2020. 163 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP - Faculdade de Filosofia e Ciências - *Campus Marília*, 2020.

RESUMO

Esta tese tem como objetivo principal contribuir para uma revisão histórica, no sentido de desconstruir padrões estereotipados, reforçados em obras e escritos nacionais e regionais de/sobre Rondônia acerca da anterioridade da mulher afro-antilhana na educação portovelhense. A investigação foi orientada por cinco questões: (1) Como a mulher afro-antilhana foi apresentada e estigmatizada nas bibliografias, ainda que a memória local reconheça sua participação na identidade histórica educacional, mesmo de forma marginalizada? (2) Qual a primeira escola de Porto Velho? (3) Quem eram os principais responsáveis por tal iniciativa escolar no início do século XX? (4) Como funcionava a primeira escola informal localizada no *Barbadian Town*? (5) Quais mulheres afro-antilhanas e descendência marcaram presença e contribuíram no contexto educacional portovelhense? A pesquisa foi pautada na análise de fontes bibliográficas e documentais, guiada pelos Estudos Culturais, considerando-se os Estudos Culturais Britânicos, área relacionada historicamente aos estudos sobre a mulher. Tomando-se como referência a documentação, textos e escritos, apresentam-se os estereótipos construídos sobre a mulher imigrante afro-antilhana inglesa na historiografia da história e da educação, em obras nas quais esse grupo multicultural foi estudado e mencionado como *mulheres barbadianas*. Neste trabalho, utilizou-se a nomenclatura *mulheres afro-antilhanas*, enfocando-se a anterioridade da mulher imigrante das Antilhas Inglesas e sua descendência, estritamente as que partiram de Barbados e Granada no início do século XX para Porto Velho. Na construção do trajeto histórico dessas mulheres, considerou-se: a educação em Barbados nos fins do século XIX; as principais motivações para a imigração afro-antilhana inglesa ao Brasil, principalmente via Porto de Belém, sequencialmente, ao recôncavo de Manaus e, posteriormente, para Porto Velho; o surgimento do bairro *Barbadian Town*, que resistiu de 1910 até 1943, em Porto Velho, enfatizando a atividade educacional promovida pelas mulheres imigrantes das Antilhas Inglesas no início do século XX; a primeira escola informal bilíngue no início do século XX, em Porto Velho; as professoras afro-antilhanas inglesas que se destacaram no *Barbadian Town*. Foram identificadas 30 mulheres, moradoras do *Barbadian Town*, sendo duas professoras bilíngues, imigrantes das Antilhas Inglesas. Realizou-se um mapeamento da anterioridade das mulheres imigrantes das Antilhas Inglesas e as de sua descendência que atuam na educação. Foram analisados documentos de cinco professoras descendentes, o que tornou possível a compreensão sobre a antecendência e a contribuição da mulher afro-antilhana no âmbito da educação no município de Porto Velho, por meio da sua história docente. Os resultados destacam a anterioridade e a contribuição identitária da atuação precursora da mulher afro-antilhana inglesa em Porto Velho, no contexto da educação, proporcionando a desconstrução dos estereótipos constantes nas obras nacionais e regionais.

Palavras-Chave: Mulher afro-antilhana. Rondônia. Educação. Análise bibliográfica e documental. Estudos Culturais.

BLACKMAN, Cledenice. **The Afro-Antillean woman from Porto Velho and her previous education**. 2020. 163 f. Thesis (Doctorate in Education) - Paulista State University Júlio de Mesquita Filho - UNESP - Faculty of Philosophy and Sciences - Campus Marília, 2020.

ABSTRACT

This thesis has as main objective to contribute to a historical revision, in the sense of deconstructing stereotyped patterns, reinforced in national and regional works and writings from/about Rondônia, concerning the her previous of Afro-Antillean women in education, in Porto Velho. The investigation was oriented by five questions: (1) How was the Afro-Antillean woman presented and stigmatized in the bibliographies, even though the local memory recognizes her participation in the educational historical identity, even in a marginalized way? (2) What is the first school in Porto Velho? (3) Who were primarily responsible for this school initiative in the early 20th century? (4) How did the first informal school in *Barbadian Town* work? (5) Which Afro-Antillean women and descendants were present and contributed to the educational context of Porto Velho? The research was based on the analysis of bibliographic and documentary sources, guided by Cultural Studies, considering British Cultural Studies, an area historically related to studies on women. Taking as reference the documentation, texts and writings, we present the stereotypes constructed about the English Afro-Antilles immigrant woman in the historiography of history and education, in works in which this multicultural group was studied and mentioned as *Barbadian* women. In this work, it was used the *Afro-Antillean women* nomenclature, focusing on the previous of immigrant women from the English Antilles and their descendants, strictly those who left Barbados and Granada at the beginning of the 20th century to Porto Velho. In the construction of the historical trajectory of these women, it was considered: education in Barbados at the end of the 19th century; the main motivations for English Afro-Antillean immigration to Brazil, mainly via the Port of Belém, sequentially to the Manaus hollow and, later, to Porto Velho; the emergence of the *Barbadian Town* neighborhood, which resisted from 1910 until 1943, in Porto Velho, emphasizing the educational activity promoted by immigrant women from the English Antilles in the early 20th century; the first informal bilingual school in the early 20th century, in Porto Velho; English Afro-Antillean teachers who stood out in *Barbadian Town*. Thirty women were identified, living in *Barbadian Town*, including two bilingual teachers, immigrants from the English Antilles. It was carried out a mapping of the previous of these immigrant women and those of their descendants working in education. Documents from five descendant teachers were analyzed, which made it possible to understand the antecedence and contribution of Afro-Antillean women in the educational context in the city of Porto Velho, through their teaching history. The results highlight the previous and the identity contribution of the precursor performance of English Afro-Antillean women in Porto Velho, in the context of education, providing the deconstruction of stereotypes constant in national and regional works.

Keywords: Afro-Antillean woman. Rondônia. Education. Bibliographic and documentary analysis. Cultural Studies.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Afro-antilhanos(as) na Historiografia.....	18
Quadro 2	Representantes dos Estudos Culturais.....	39
Quadro 3	Mulher afro-antilhana moradora do <i>Barbadian Town</i> em Porto Velho...	80
Quadro 4	Professoras descendentes afro-antilhanas de Porto Velho (Rede municipal)	97
Quadro 5	Professoras descendentes afro-antilhanas de Porto Velho (Rede estadual)	99
Quadro 6	Professoras descendentes afro-antilhanas de Rondônia (Rede federal)	100
Quadro 7	Ancestralidade e as professoras descendentes afro-antilhanas de Porto Velho.....	104
Quadro 8	As professoras afro-antilhanas e descendência de Porto Velho/RO.....	105
Quadro 9	Professoras descendentes afro-antilhanas de Porto Velho	107
Quadro 10	Professora Aurélia Banfield	110
Quadro 11	Professora Berenice Eliza Johnson Silva.....	120
Quadro 12	Professora Judith Holder.....	124

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Professora Marise Castiel.....	25
Figura 2	Afro-antilhanas na lavanderia a vapor da EFMM.....	47
Figura 3	Externa da lavanderia da EFMM e as afro-antilhanas.....	48
Figura 4	Mapa das Antilhas.....	58
Figura 5	Mapa Grenada e Barbados.....	61
Figura 6	Barbados C.....	64
Figura 7	Porto de Bridgetown (1902)	67
Figura 8	<i>Barbadian Town</i> em Porto Velho.....	71
Figura 9	<i>Barbadian Town</i> - Vista de Porto Velho (1910)	74
Figura 10	Banda musical procedente da colônia inglesa de Barbados.....	75
Figura 11	Vista de Porto Velho (1910)	87
Figura 12	Vista atual do local provável do <i>Barbadian Town</i> em Porto Velho.....	89
Figura 13	Mapa do Brasil: regiões, estados e capitais.....	91
Figura 14	Prefeitura de Porto Velho - Portal da Transparência.....	96
Figura 15	Prefeitura de Porto Velho - Portal da Transparência.....	96
Figura 16	Governo do Estado de Rondônia - Portal da Transparência Rendimento dos Servidores Públicos.....	98
Figura 17	Governo do Estado de Rondônia - Portal da Transparência Rendimento dos Servidores Públicos	99
Figura 18	Professora Aurélia Banfield.....	110
Figura 19	Atos Oficiais do Governo do Território Federal de Rondônia.....	111
Figura 20	Professora Berenice Johnson.....	117
Figura 21	Professora Judith Holder (depois e antes do seu centenário)	123
Figura 22	Professora Judith Holder (Entrevista. Série: 100 anos de Porto Velho).	123
Figura 23	Assinatura da Professora Judith Holder.....	125
Figura 24	Diário Oficial dos Municípios do Estado de Rondônia.....	127
Figura 25	E.M.E.I. Judith Holder.....	127
Figura 26	Lydia Johnson (jovem).....	129

Figura 27	Professora Lydia Johnson após aposentadoria.....	129
Figura 28	Escola Lydia Johnson de Macedo.....	132
Figura 29	Professora Rosilda Shockness.....	133
Figura 30	Comenda e Certificado - Homenagem póstuma à Prof ^a . Rosilda Shockness.....	135
Figura 31	Inauguração do Salão Nobre <i>Rosilda Shockness</i>	136

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 O CAMINHO E A ESCOLHA METODOLÓGICA.....	30
1.1 Os estudos culturais e a questão da mulher.....	38
1.2 Os estudos culturais na perspectiva educacional.....	41
2 A MULHER AFRO-ANTILHANA NA HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO E DA HISTÓRIA.....	45
2.1 A mulher <i>barbadiana</i> e a identidade forjada.....	51
3 BREVE HISTÓRIA DAS ANTILHAS INGLESAS.....	58
3.1 Granada.....	61
3.2 Barbados.....	63
4 DO PORTO DE BRIDGETOWN AO <i>BARBADIAN TOWN</i> EM PORTO VELHO.....	66
4.1 A escola informal do <i>Barbadian Town</i> em Porto Velho.....	78
5 HISTÓRIA DE RONDÔNIA E A EDUCAÇÃO EM PORTO VELHO	85
5.1 A presença afro-antilhana e descendência no âmbito educacional portovelhense.....	94
5.1.1 Professoras descendentes afro-antilhanas (Rede municipal)	95
5.1.2 Professoras descendentes afro-antilhanas (Rede estadual)	98
5.1.3 Professoras descendentes afro-antilhanas (Rede federal)	100
5.2 A anterioridade e contribuição das cinco panteras negras ¹ antilhanas no âmbito educacional de Porto Velho.....	103
5.2.1 Aurélia Banfield.....	109
5.2.2 Berenice Elisa Johnson Silva.....	116
5.2.3 Judith Holder.....	121
5.2.4 Lydia Johnson de Macedo.....	128
5.2.5 Rosilda Shockness.....	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
REFERÊNCIAS.....	142

¹ Inspirado no movimento Panteras Negras. Para saber mais, ver: CHAVES, Wanderson da Silva. **O partido dos panteras negras**. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/topoi/v16n30/2237-101X-topoi-16-30-00359.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2020.

INTRODUÇÃO

A construção da história do Brasil é marcada predominantemente pela herança de uma visão historiográfica oriunda do processo de colonização europeu, sendo o mundo português o principal articulador do sistema de escravidão brasileiro, advindo diretamente do continente africano, prevalecendo uma visão hegemônica nos estudos e pesquisas².

Na presente tese, que tem como título *A mulher afro-antilhana de Porto Velho*³ e *a sua anterioridade na educação*, trazemos um contexto histórico em parte interligado ao processo diaspórico africano⁴, por via do Atlântico Negro, primeiramente para a região das Antilhas Inglesas, sendo os negros e negras colonizadas pela Inglaterra e não pelos portugueses, como ocorreu na conjuntura brasileira. No entanto, segundo Santos (2020, p.1),

A formação dessa rede possibilitou às populações negras durante a diáspora africana formarem uma cultura que não pode ser identificada exclusivamente como caribenha, africana, americana, ou britânica, mas todas elas ao mesmo tempo. Trata-se da cultura do Atlântico Negro, uma cultura que pelo seu caráter híbrido não se encontra circunscrita às fronteiras étnicas ou nacionais.

As antepassadas e imigrantes afro-antilhanas inglesas chegaram à região amazônica nos fins do século XIX e, em Porto Velho, no início do século XX. Na localidade há centenas de pessoas descendentes dessas imigrantes, conforme os estudos de Salles (1971), Fonseca; Teixeira (2001), Ferreira (2005), Blackman (2007; 2016; 2019; 2020), dentre outros(as).

É importante esclarecer que o termo *afro-antilhana*, utilizado pela autora desta tese, está vinculado ao sentido genérico da nomenclatura atribuída a todas as mulheres de nacionalidades diversas, que fazem parte da imigração advinda da região das Antilhas Inglesas - conhecida como Caribe inglês, e que foi colonizada pela

² FONSECA; Marcos Vinícius; BARROS; Surya Aaronovich Pombo de (Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Disponível em: https://www.academia.edu/33553284/A_Historia_dos_negros_na_educacao_no_Brasil_.pdf. Niterói, RJ: EdUFF, 2016.

³ Era uma cidade que, com a construção, estava surgindo nessa região da Amazônia (FERREIRA R., 2005, p. 243).

⁴ GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. Modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: Editora 34/UCAM. Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2002. SANTOS, Eufrazia Cristina Menezes. Gilroy, Paul. **O Atlântico negro**. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes - Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012002000100013. Acesso em: 03 out. 2020.

Inglaterra - incluindo não apenas as imigrantes de nacionalidade proveniente de Barbados, mas também das demais ilhas antilhanas de colonização inglesa; relaciona-se também à imigração e descendência caribenha de mulheres, de acordo com os estudos de Blackman (2007; 2016; 2019; 2020).

Durante minha trajetória acadêmica, primeiramente elaborei a monografia denominada *Os Barbadianos e as contradições da Historiografia Regional*. O objetivo era apresentar algumas contradições existentes no discurso vigente da Historiografia Regional, precisamente sobre os(as) *barbadianos(as)* de Porto Velho, conhecidos(as) como os(as) trabalhadores(as) da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Utilizamos obras regionais que mencionaram os(as) afro-caribenhos(as), confrontando-as com corpus documentais e entrevistas dos(as) *barbadianos(as)* e seus descendentes, além de pesquisas recentes sobre essa temática, mostrando a diversidade étnico-sócio-cultural desse grupo, que foi reduzido a certos conceitos ambíguos e contraditórios.

Posteriormente, com a continuidade dos estudos, pesquisa e temática, desenvolvi a dissertação de mestrado intitulada *Do mar do Caribe à beira do Madeira: a comunidade antilhana de Porto Velho* (2015). Naquele momento acadêmico, identifiquei 29 afro-antilhanos(as) que imigraram para Porto Velho no início do século XX, com objetivo de trabalhar na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM) ou fora do âmbito ferroviário. Apresentei alguns apontamentos sobre o processo migratório da comunidade afro-antilhana e a procedência, ou seja, a identificação de qual país caribenho eram originários(as) os(as) afro-antilhanos(as) que fixaram residência no município de Porto Velho, o que foi basilar para investigar as mulheres professoras que constituem este texto doutoral.

No ano de 2019, no Teatro Guaporé, localizado na cidade de Porto Velho/RO parte do trabalho de pesquisa por mim liderado⁵ foi apresentado em forma de um Festival Internacional⁶ denominado *Do mar do Caribe à beira do Madeira: Historiografia, Cultura e Imigração* (homônimo o título do livro). O evento foi marcado

⁵ O Projeto Internacional *Do mar do Caribe à beira do Madeira* foi institucionalizado no IFRO em 23 de julh. 2019. Processo SEI Nº 23243.023104/2019-53.

⁶ **FESTIVAL Internacional do mar do Caribe à beira do Madeira tem parceria do IFRO**. Disponível em: <https://portal.ifro.edu.br/ultimas-noticias/9327-festival-internacional-do-mar-do-caribe-a-beira-do-madeira-tem-parceria-do-ifro>. Acesso em 09 de jan. de 2020. **IFRO participa de Festival Internacional “Do mar do Caribe à beira do Madeira”**. Disponível em: <https://portal.ifro.edu.br/ultimas-noticias/9377-ifro-participa-de-festival-internacional-do-mar-do-caribe-a-beira-do-madeira>. Acesso em: 09 jan. 2020. Contou com a presença da embaixadora de Barbados no Brasil – Senhora Tonika Sealy-Thompson e a vice-chefe de missão Resa Andrea Layne.

pela presença de mais de trezentas pessoas, comunidade em geral e inclusive centenas de famílias remanescentes: Abdelnour, Allyene, Blackman, Chalender, Denny, Holder, Johnson, Maloney, Rock, Scantbelruy, Shockness, Siqueira dentre outras famílias que carregam até a atualidade o sobrenome anglo-saxônico, uma herança afro-antilhana em Porto Velho e Rondônia.

É relevante apresentar alguns excertos⁷, organizados cronologicamente, sobre como os(as) imigrantes afro-antilhanos(as) são apresentados(as) e representados nas obras e escritos nacionais e regionais de/sobre Rondônia, categorizados geralmente como *barbadianos*, moradores do *Alto do Bode*, ferroviários, prostitutas, lavadeiras:

Quadro 1 - Afro-Antilhanos(as) na Historiografia

AFRO-ANTILHANOS(AS) NA HISTORIOGRAFIA		
	Citação	Obra/Autores(as)
01	Porto Velho had a population of about three hundred. There were Americans, Germans, English, Brazilians, a few Frenchmen, Portuguese, some Spaniards, and a crowd of negroes and negresses (TOMLINSON, 1912, p. 163, grifo nosso).	TOMLINSON, H. M. The Sea and Jungle . 1912. Disponível em: Acesso em 20 de out. de 2014.
02	[...] fomos despertados por terrível confusão de vozes estranhas [...] porto de Bridgetown [...] pilotados por barqueiros escuros, que gritavam, brigavam e vomitavam impropérios pior que os carroceiros de Nova York [...] Moleques tismados [...] o isolamento em que vive o povo propiciou um dialeto que ingleses e norte-americanos às vezes encontram dificuldade em compreender (CRAIG, 1947, p. 90, 92, grifo nosso).	CRAIG, Neville B. Estrada de Ferro Madeira Mamoré. História trágica de uma expedição . Trad. Moacir N. Vasconcelos. Ed. Brasiliense. Série 5ª. Companhia Editora Nacional, 1947.
03	[...] ficavam as casas dos barbadeanos [...] lavadeiras particulares em geral barbadeanas [...] orquestra de instrumentos de cordas tangidos por pretos de Barbados (NOGUEIRA, 1959, p. 14, 15 - 22, grifo nosso).	NOGUEIRA, Júlio. Estrada de Ferro Madeira – Mamoré . Rio de Janeiro. Typographia do Jornal do Comércio, 1959.
04	“Alto do Bode” está associado ao mau cheiro característico da raça negra que lembra o odor do bode (FERREIRA H. 1969, p. 47, grifo nosso). Esse morro [...] devido o odor do almíscar característico da Raça, foi certo dia crismado por um qualquer espirituoso nordestino, ao passar por perto, de ALTO DO	FERREIRA, Hugo. Reminiscências da Madmarmrly e outras mais . Porto Velho, s/ ed., 1969.

⁷ Poucos são os trabalhos sobre a comunidade afro-antilhana. Destacamos algumas monografias, dissertações e teses, a exemplo: Blackman, 2007, 2010, 2015, 2019; Burgeile, 1989; Siqueira, 2007; Lima, 2006, 2013; Sampaio, 2010; Schuindt, 2016, Silva et al., 2010. Algumas bibliografias constantes nesta tese trazem apenas fragmentos sobre a comunidade afro-antilhana.

	BODE (FERREIRA H, 1969, p. 48, 49, grifo do autor).	
	Citação	Obra/Autores(as)
05	[...] a mão-de-obra utilizada pela companhia em dois blocos: brancos e negros [...]. Os brancos constituíam os operários mais qualificados [...] aos negros desde sempre ficaram reservados as tarefas mais pesadas: abertura e limpeza dos terrenos, terraplenagem, carregamentos etc. (HARDMAN, 1988, p. 128, 129).	HARDMAN, Francisco Foot. O trem fantasma: a modernidade na selva. São Paulo: Companhia de Letras, 1988.
06	Foi permitido acesso à bebida e as prostitutas negras de Barbados (GAULD, 1996, p. 191, grifo nosso).	GAULD, Charles A. Farquhar, último titã. Tradução Eliana Nogueira do Vale. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.
07	[...] havia barbadianos e “ barbadianos ”, estes, por racismo, comodismo histórico e oficial, foram erroneamente identificados, excluindo-se suas nacionalidades (MATIAS, 2007, p. 1, grifo nosso).	MATIAS, Francisco. Mãe Filó, as mãos da história. Disponível em: Acesso em: 02 de Fev. de 2007.
08	[...] Qualquer um que conheça um pouco da história regional saberá identificar os “barbadianos” e estes, com certeza, formam uma importante parcela da identidade regional. O que é preciso é identificar suas origens, sua religiosidade e suas nacionalidades verdadeiras. Seus filhos, netos e bisnetos participaram ativamente do processo de desenvolvimento de Porto Velho e do Estado como um todo (MATIAS, 1998, p. 2, grifo nosso).	MATIAS, Francisco. As Famílias da Madeira-Mamoré. Jornal O Estadão do Norte. 29 e 30 de nov. de 1998. Porto Velho.
09	eu conto mais da ilha de Granada onde papai nasceu...o que ocorre é que aqui em Porto Velho [...] eles acham que toda pessoa de cor é barbadiano [...] todo mundo que fala inglês aqui, dizem que é barbadiano. (MENEZES, 1998, p. 32, grifo nosso).	MENEZES, Nilza. Chá das cinco na floresta. Pesquisa Acadêmica. Campinas: Editora Komedi, 1998.
10	No ano de 1910 dos 6.090 trabalhadores contratados pela EFMM: “ 2.211 [...] homens imigraram das “Antilhas e Barbados” (FERREIRA R, 2005, p. 212, grifo nosso).	FERREIRA, Manoel Rodrigues. A ferrovia do Diabo. São Paulo: Melhoramentos, 2005.
11	Autores e Autoras regionais sobre a História de Rondônia dentre outros(as) pesquisadores(as) que estudaram e/ou apenas citaram a comunidade afro-antilhana em suas obras, reafirmando a designação generalizante de “barbadianos”, Alto do Bode et al.	Ferreira (1969), Salles (1971), Souza (1980; 1994), Costa (1993), Lima (2006; 2013), Fonseca; Teixeira (2001), Menezes (1998; 1999) Gauld (2006), Fonseca (2010), Nogueira, M. (2010), Sampaio (2010), Martins (2011), Andrade (2015) et al.
	Citação	Obra/Autores(as)
12	<i>Barbadianos</i> ⁸	BLACKMAN, Cledenice. Os barbadianos e as contradições da historiografia regional. Porto Velho: RO, 2007. Monografia

⁸ Utilizei, inicialmente, o termo *barbadianos* em itálico, pois aponte as contradições na historiografia, no entanto não havia identificado as múltiplas identidades/nacionalidades. Em 2010, durante a

		(Bacharelado em História). Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, 2007.
13	Antilhanos(as)	BLACKMAN, Cledenice. Os imigrantes antilhanos de Porto Velho. In: CAMPOS, A. P.; GIL, A. C. A.; SILVA, G. V. da; BENTIVOGLIO, J. C.; NADER, M. B. (Org.) Anais eletrônicos do III Congresso Internacional Ufes/Université Paris-Est/Universidade do Minho: territórios, poderes, identidades (Territoires, pouvoirs, identités). Vitória: GM Editora, 2011. BLACKMAN, Cledenice. Do mar do Caribe à beira do Madeira: A comunidade antilhana de Porto Velho. Dissertação de Mestrado. Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Porto Velho, 2015.
14	Afro-antilhanos(as)	BLACKMAN, Cledenice. Um século de imigração afro-antilhana no Brasil. In: Rosana Baeninger; Roberta Peres; Duval Fernandes; Sidney Antonio da Silva; Gláucia de Oliveira Assis; Maria dguibaa Consolação G. Castro; Marília Pimentel Cotin. (Org.). Imigração haitiana no Brasil. Ied. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, v. I, p. 65-84. BLACKMAN, Cledenice. A imigração afro-antilhana inglesa para o Brasil, trabalho e memória. P. 901-910. In: Rosana Baeninger; Lúcia Machado Bógus; Júlia Bertino Moreira; Luís Renato Vedovato; Duval Fernandes; Marta Rovey de Souza; Cláudia Siqueira Baltar; Roberta Guimarães Peres; Tatiana Chang Waldman; Luís Felipe Aires Magalhães (Organizadores). Migrações Sul-Sul. 2ª ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População Elza Berquó Nepo/Unicamp, 2018. BLACKMAN, Cledenice. A Imigração afro-antilhana para o Brasil, historiografia e identidade. pp. 54-66. In: Veronica Aparecida Silveira Aguiar (Org.). O lugar da história e dos historiadores nas Amazôniaas. Macapá: UNIFAP, 2018. BLACKMAN, Cledenice. Do mar do Caribe à beira do Madeira: Historiografia, cultura e imigração. I. ed. Appris: Curitiba, 2019. BLACKMAN, Cledenice; ARENA, Dagoberto Buim; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. Afro-antilhanos em Porto Velho, Brasil: história, cultura e alfabetização. v. 7 n. 7 (2020): Educação formal e não formal, cultura e currículo II. Disponível: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2479. Acesso em 10 jun. 2020. BLACKMAN, Cledenice; SILVA, Gilberto Paulino da; PEREIRA, Rosa Martins Costa (Orgs.). Dossiê Rondônia “o rio que nos une”: educação, migração e cultura nestas paragens. Cultura à moda afro-antilhana em Porto Velho. Porto Velho/RO: Temática, 2019.

Fonte: Organização de Blackman, C. (2020), a partir da pesquisa bibliográfica e documental desenvolvida durante os anos de 2005 a 2020.

realização do primeiro mestrado em História, empreguei o termo *antilhanos*, visto que nossos estudos anteriores foram aperfeiçoados. A terminologia que podemos considerar uma categoria de análise foi aprimorada para *afro-antilhanos(as)* a partir do ano de 2016, sendo reiterada a referida classe após a aprovação no doutoramento em Educação pela UNESP/Marília, o que representa um avanço para a pesquisa em tela.

Por meio da breve apresentação do meu percurso acadêmico, foi possível destacar também algumas contribuições culturais, identitárias e sociais dos(as) afro-antilhanos(as) de Porto Velho, da vivência no bairro *Barbadian Town*, que surgiu em 1910, resistindo até 1943, considerado uma das primeiras organizações sociais, formada por estes(as) negros e negras imigrantes do Caribe inglês. Através do confronto entre a base documental e historiográfica, elaborei quatro versões, no que diz respeito, à nomenclatura do reduto dos(as) afro-antilhanos(as), ou seja, o *Barbadian Town versus “Alto do Bode”*:

- 1) a comunidade recebeu esse nome em consequência da grande quantidade de bodes que os/as afro-antilhanos/as criavam;
- 2) devido à língua falada, o inglês barbadiano, idioma oficial utilizado na Comunidade Antilhana (dialetos do inglês britânico) que os(as) brasileiros(as) associavam ao balido dos bodes, ou seja, que os(as) afro-antilhanos(as) não conversavam, e sim baliavam;
- 3) em função de alguns afro-antilhanos possuírem barbichas, fazendo alusão ao bode e
- 4) que o apelido “Alto do Bode” está associado ao mau cheiro característico da raça negra, que lembra o odor do bode (FERREIRA H. 1969, p. 47; BLACKMAN, 2020, p. 61).

Nos textos e escritos, verifica-se a recorrência da utilização dos termos *Alto do Bode*, *barbadianos(as)*, *ferroviários*, *prostitutas negras de Barbados*, dentre outros, mencionados por escritores(as), pesquisadores(as), cronistas, no que tange à historiografia regional, nacional e internacional relativa à temática em destaque. Avaliamos alguns termos como sendo generalizantes e, por vezes, pejorativos, depreciativos e discriminatórios, ou seja, estereotipados.

Assim, foi possível observarmos a construção, a reprodução estigmatizada, redundante, generalizante e preconceituosa relacionada às imigrantes afro-antilhanas inglesas, elaborada e reafirmada de maneira histórica e discursiva através das obras regionais que versam sobre o processo histórico portovelhense como sendo as **barbadianas** [grifo nosso].

Durante 15 de pesquisa, vimos tentando contribuir para o reconhecimento das identidades múltiplas das(os) imigrantes negras e negros das Antilhas Inglesas. Nesse sentido, optamos por utilizar, desde o ano de 2016, logo após a finalização do segundo mestrado, sendo reiterada esta categoria de análise quando iniciamos o doutoramento em educação. Considera-se o termo *afro-antilhanas(os)* como melhor forma de denominar, qualificar, estudar, citar as(os) membros e a descendência da comunidade

advinda da imigração das Antilhas de colonização inglesa, identificada e reconhecida, por meio de pesquisas, como sendo uma comunidade multicultural (BLACKMAN, 2015, 2016, 2019, 2020), tendo em vista que nossos estudos e análise documental comprovam que as afro-antilhanas eram imigrantes de diversas ilhas inglesas como: Barbados, Trinidad e Tobago, Granada, São Vicente, Guiana Inglesa, dentre outras ilhas caribenhas inglesas.

Assim, consideramos relevante a continuidade desta investigação, em vista dos incipientes trabalhos sobre a temática, principalmente abordando a tônica em destaque neste estudo: a mulher afro-antilhana na educação. Nos escassos fragmentos escritos e obras, observamos certo silenciamento, invisibilidade, linearidade e estigmatização, pois “as imigrantes mulheres antilhanas são retratadas em alguns textos como sendo utilizadas para atividades de meretriz” (BLACKMAN, 2015, p. 14). Em conformidade a essa afirmativa, encontramos comentários como: “foi permitido acesso à bebida e **as prostitutas negras de Barbados**” (GAULD, 1996, p. 191, grifo nosso).

A Lei nº 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a **obrigatoriedade da presença da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Africana"**, sendo alterada pela Lei Nº 11.645, de 10 março de 2008, que orienta:

Art. 1º - O art. 26-A da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, **torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira⁹ e indígena.**

§ 1º **O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.**

§ 2º **Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras** (grifos nossos).

⁹ Para construir a produção textual sob a perspectiva da cultura afro-brasileira [...] é necessária a produção de pesquisas em instituições de fomento à investigação.

Com esta investigação, visamos contribuir para o estudo sobre as professoras negras nos confins da Amazônia. É verdade que não podemos partir da premissa de que **todas** as mulheres de origem afro-antilhana inglesa prestaram atividades de meretriz, apesar de que em nossas buscas documentais, ao longo destes 15 anos de pesquisas, encontramos alguns processos localizados no Centro de Documentação do Tribunal de Justiça que relata: “a denunciada vivia em estado de mancebia [...]” (Caixa 01 ou 2A/Santo Antônio/1931). Não obstante, muitas mulheres afro-antilhanas trabalharam na Estrada de Ferro Madeira Mamoré como lavadeiras, passadeiras oficiais, particulares, enfermeiras, vendedoras, nas suas residências e/ou no espaço público, como no I Mercado Municipal em Porto Velho, sendo doceiras, professoras, etc. (NOGUEIRA, 1959).

Contudo, os estudos históricos sobre Porto Velho e de cunho nacional e internacional descrevem essa temática de maneira universalizada. Gauld (2006) afirma que:

A questão é que o discurso da historiografia regional, abordava a temática, sempre de maneira linear, sem levar em consideração, a multiculturalidade, heterogeneidade e diversidade sócio-cultural da imigração antilhana para Porto Velho (BLACKMAN, 2015, p. 14). A vida também parecia melhor para os homens na EFMM, até então **virtualmente sem mulheres**, exceto pelas visitas ilegais a Santo Antônio [...]. Foi permitido acesso a bebida e as **prostitutas negras de Barbados** - oficialmente contratadas **apenas como lavadeiras** (GAULD, 2006, p. 191, grifo nosso).

No fragmento acima, evidenciamos o problema de nossa pesquisa, pois não podemos dar continuidade à generalização, à invisibilidade e ao estereótipo da condição profissional da mulher afro-antilhana inglesa, partindo apenas de uma representatividade negativa, que atrela toda mulher imigrante, negra, antilhana inglesa à prostituição e/ou à atividade de lavadeira da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré.

Apresentamos, a seguir, as motivações e dificuldades para continuar nossa pesquisa sobre a comunidade afro-antilhana de Porto Velho, com foco principal nas mulheres que se dedicaram a educação desse município:

1) A questão pessoal - sou professora, bibliotecária/documentalista e descendente da quarta geração de barbadiano(a) no/para Brasil; nossos antepassados e antepassadas da linhagem materna imigraram da ilha antilhana de Barbados. Meu bisavô, o *mister* Preston Blackman, trabalhou como mecânico ajustador na Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Após um acidente de trabalho

ocorrido na década de 40, pois “foi retirar rebarba¹⁰ debaixo de uma locomotiva [...] que causou a cegueira¹¹” atingiu os seus olhos e ficou “ruim da vista [...] foi ser bombeiro¹²” na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Sua esposa, *Mrs.* Constança Goodrich, minha bisavó, trabalhava como lavadeira e doceira, na imediação do I Mercado Municipal de Porto Velho, atual Mercado Cultural. Ambos imigrantes afro-antilhanos(as) ingleses, chegaram ao Brasil, no município de Porto Velho, no ano de 1910, segundo Elton Blackman¹³, filho do casal e ferroviário.

2) Desde o ano de 2005, venho me dedicando a coletar fontes bibliográficas, documentais junto aos acervos das seguintes instituições: Centro de Documentação do Estado (CDH/RO), 5º Batalhão de Engenharia e Construção (5º BEC), Centro de Documentação do Estado do Tribunal de Justiça (TJRO) e fontes como cartas em inglês, ficha funcional, biografia, fotografias e outras doadas por familiares remanescentes de afro-antilhanos(as) de Porto Velho, Manaus, Rio de Janeiro e até Barbados. Ressaltamos as dificuldades de localizar e situar as fontes documentais e bibliográficas sobre os(as) afro-antilhanos(as) em Porto Velho, levando em consideração as especificidades de localidade, da constituição segmentada da História de Rondônia. As fontes primárias sobre o surgimento de Porto Velho encontram-se totalmente fragmentadas, dispersas e disseminadas em vários lugares do Brasil; podemos encontrar documentos no Rio de Janeiro, Belém, São Paulo, Brasília e até mesmo nos Estados Unidos e na Inglaterra. Essa dificuldade de acesso documental tornou-se um entrave para as pesquisas sobre os(as) afro-antilhanos(as) em Porto Velho, que continuaram sendo popularmente chamados ou apelidados como *barbadianos*. Os arquivos da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (1907-1912) foram transferidos para os locais enunciados anteriormente (FERREIRA M., 2005).

3) É recorrente atribuir-se o pioneirismo educacional em Porto Velho à professora Marise Castiel, que chegou à região no período posterior à criação do Território Federal do Guaporé¹⁴. Embora devamos reconhecer o importante trabalho

¹⁰ Pedaco de ferro que fica sobrando, tirado na talhadeira. Fonte: Entrevista concedida pelo ferroviário Elton Blackman.

¹¹ BLACKMAN, Elton. Entrevista documentada encontrada no Centro de Documentação Histórica de Rondônia - CDH - RO. Projeto Pró-Memória, 1981.

¹² BLACKMAN, Elton. Entrevista documentada encontrada no Centro de Documentação Histórica de Rondônia - CDH - RO. Projeto Pró-Memória, 1981.

¹³ [...] resolveram ir buscá-los nos países estrangeiros, principalmente na América Central [...] O contingente maior era procedente das Antilhas e Barbados [...] durante o ano de 1910 chegaram a **Porto Velho contratados pela companhia, seis mil e noventa homens (6.090) [...] Antilhas e Barbados, 2.211** (FERREIRA, 2005, p. 211, 212, grifo nosso).

¹⁴ CASTIEL, Sandra. **Professora Marise Castiel e Rondônia**. Porto Velho: Ed. do Autor, 2013.

dessa educadora, tal atribuição contribui para a exclusão, o apagamento e a invisibilidade da antecedente presença negra na educação deste lugar amazônico.

A matéria denominada *Marise Castiel - Pioneira do Ensino* traz a seguinte narrativa:

[...] Desde quando **desembarcou em Porto Velho, vinda do Pará, juntamente com o marido Jaime Castiel, a professora Marise foi muito atuante em diversas áreas, a começar pela Educação.** Teve influência política sendo eleita *vereadora*. Também foi uma das pessoas que trabalhou pela **elevação do Território Federal à condição de Estado**. Foi uma das **fundadoras da Escola de Samba Pobres do Caiari**, tendo assinado enredos e criado fantasias e adereços. Na área do Ensino, atuou como professora, diretora de escolas e **Diretora de Ensino do Território, o que equivale hoje a secretário de Educação**. **Implantou escolas em todo município de Porto Velho**, que ia do rio Madeira até a região do atual município de Vilhena. A professora Marise Castiel faleceu em fevereiro de 1999 (SÁ, 2018, p. 1, grifo nosso).

Figura 1 - Professora Marise Castiel¹⁵



Fonte: Marise Castiel - Pioneira do Ensino.

Disponível em: <https://www.gentedeopinioao.com.br/colunista/jose-carlos-sa/marise-castiel-pioneira-do-ensino>. Acesso em: 09 de out. 2020.

A professora Marise Castiel¹⁶ foi de grande importância para o desenvolvimento educacional em Rondônia. Entretanto, no período anterior e posterior, que congregava

¹⁵ Descrição da Figura 1 - Professora Marise Castiel. Em sentido horário: ao chegar em Porto Velho; inaugurando o Jardim de Infância Marise Castiel; com o governador Jorge Teixeira e dona Aída; com a professora Fátima Bártolo e dona Labibe Bártolo (Fotos do livro *Professora Marise Castiel – Rondônia: Educação, Cultura, Política*, de Sandra Castiel e Gente de Opinião).

¹⁶ [...] **chegou a Porto Velho no início de 1947** [...] foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Câmara Municipal de Porto Velho (CASTIEL, 2013, p. 64; 274, grifo nosso).

o pátio e a construção da Estrada de Ferro Mamoré-Mamoré, a *escola informal* localizada no *Barbadian Town* em Porto Velho era a principal base escolar instituída por imigrantes negros e negras advindos do Caribe inglês. Algumas professoras afro-antilhanas, como Ursula Maloney e Syvill Winte Shockness, trabalharam diretamente com a professora Marise Castiel no desenvolvimento educacional público, no município de Porto Velho e do estado de Rondônia.

O silenciamento, a lacuna e o não-dito sobre a anterioridade da mulher afro-antilhana no contexto educacional brasileiro, especificamente em Porto Velho, se revela em imagens reproduzidas e encontradas em diversas bibliografias acerca desse tema. Por exemplo, Dana Merrill, fotógrafo norte-americano contratado pela administração da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (1907/1912) para registrar a trajetória desse empreendimento no contexto amazônico, registrou as mulheres afro-antilhanas na seção de lavanderia da Estrada de Ferro Madeira Mamoré¹⁷ (FERREIRA, 2005; WANDERLEY, 2016). Mário de Andrade, na sua obra *O turista aprendiz* (1983, p. 160), apresenta a mulher afro-antilhana da região de Porto Velho e Guajará-Mirim como: “Mulher do povo e de chapéu, já sabe, é barbadiana”.

Esse tipo de representações, estigmas e estereótipos sobre a presença da mulher afro-antilhana é recorrente na historiografia: a prostituição, a lavanderia da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, a mulher do povo que utiliza chapéu, a nacionalidade dúbia e generalizada como **barbadiana** (grifo nosso). Entretanto, cabe ressaltar que “as representações do mundo social assim construídas [...] são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1988, p. 17).

Esses conceitos identitários generalizantes, representações, mentalidades globais e singulares impostas pelas bibliografias, mais especificamente pela historiografia da educação e pela história, constituem práticas discursivas, pois “o poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para cultura e o imperialismo” (SAID, 2011, p. 11). Sob este prisma, há a necessidade de buscarmos replicar e confrontar os discursos bibliográficos, orais e documentais, para tentar resgatar, recuperar, ressignificar e registrar, mesmo que de maneira concisa, a história, ou melhor, a anterioridade presente e a contribuição das

¹⁷ Ver Figuras 2 e 3 desta Tese.

professoras imigrantes e descendentes de afro-antilhanas inglesas no contexto educacional no município de Porto Velho **já no início do século XX** (grifo nosso). Essas mulheres negras, imigrantes, antilhanas inglesas e sua descendência possuíam um nível de escolaridade alto e se vinculavam à cultura educacional como uma forma de ascender socialmente em Porto Velho (BLACKMAN, 2019).

Durante o período histórico posterior ao destacado, a mulher, quase que de maneira geral, ainda estava ocupando o espaço privado no Brasil. Segundo Camargo (2017),

Nas **últimas décadas do século XX**, presenciamos um dos fatos mais marcantes na sociedade brasileira, que foi a inserção, cada vez mais crescente, da mulher no campo do trabalho, fato este explicado pela combinação de fatores econômicos, culturais e sociais [...]. Conforme estudos recentes, verifica-se, mesmo que de forma tímida, que a mulher tem tido uma inserção maior no mercado de trabalho. Consta-se, também, uma significativa melhora entre as diferenças salariais quando comparadas ao sexo masculino. Contudo, ainda não foram superadas as recorrentes dificuldades encontradas pelas trabalhadoras no acesso a cargos de chefia e de equiparação salarial com homens que ocupam os mesmos cargos/ocupações. Ainda nos dias de hoje é recorrente a concentração de ocupações das mulheres no mercado de trabalho, sendo que 80% delas são professoras, cabeleireiras, manicures, funcionárias públicas ou trabalham em serviços de saúde. Mas o contingente das mulheres trabalhadoras mais importantes está concentrado no serviço doméstico remunerado; no geral, **são mulheres negras, com baixo nível de escolaridade** e com os menores rendimentos na sociedade brasileira (CAMARGO, 2017, p. 1, grifo nosso).

Esse fragmento demonstra que é imprescindível e relevante a investigação sobre a anterioridade, a contribuição, o registro e a ressignificação, no âmbito educacional, da participação, atuação da mulher afro-antilhana inglesa e descendência, bem como, constatado a política educacional em comunidade afro-antilhana de Porto Velho desde o início do século XX. Uma colaboração histórica, no sentido de minimizar as lacunas existentes sobre a preexistência ao estabelecido pelo poder do estado brasileiro, no que tange, a instituição escolar da presença letrada e pedagógica de iniciativa da imigração advinda do Caribe Inglês na conjuntura do espaço afro-amazônico.

Apesar da importância da comunidade afro-antilhana inglesa para o surgimento do município de Porto Velho, as questões educacionais ficaram à margem da temática central, que sempre foi em torno da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Assim, esta investigação pode possibilitar uma visão mais aprofundada, menos reducionista e permitir disseminar a anterioridade da contribuição da mulher negra,

imigrante e descendente no cerne das questões pedagógicas em Porto Velho, desde o ano de 1910, subsidiada pelo mapeamento de professoras afro-antilhanas inglesas e sua descendência.

Cinco questões orientaram esta pesquisa:

- (1) Como a mulher afro-antilhana foi apresentada e estigmatizada nas bibliografias, ainda que a memória local reconheça sua participação na identidade histórica educacional, mesmo de forma marginalizada?
- (2) Qual a primeira escola de Porto Velho?
- (3) Quem eram os(as) principais responsáveis por tal iniciativa escolar no início do século XX?
- (4) Como funcionava a *primeira escola informal* localizada no *Barbadian Town*?
- (5) Quais mulheres imigrantes afro-antilhanas e descendência marcaram presença e contribuíram no contexto educacional portovelhense?

Para responder a essas questões, traçamos os seguintes objetivos:

Objetivo geral:

Contribuir para uma revisão histórica, no sentido de romper e desconstruir com os padrões estereotipados, constituídos e reforçados nas obras e escritos nacionais e regionais de/sobre Rondônia acerca da anterioridade da mulher afro-antilhana na educação portovelhense.

Objetivos Específicos:

- Identificar e apresentar os estereótipos construídos sobre a mulher afro-antilhana na historiografia, ou seja, nas obras e escritos nacionais objetos desta investigação;
- Identificar e apresentar como as afro-antilhanas foram retratadas nas bibliografias, monografias, dissertações, teses e artigos científicos sobre a historiografia da história e da educação, em produções regionais sobre a negra na Amazônia;
- Contextualizar as ilhas afro-antilhanas, especificamente Granada e Barbados;
- Caracterizar a educação em Barbados nos fins do século XIX;

- Apresentar as principais motivações da imigração afro-antilhana para o Brasil (Porto de Belém, Manaus e Porto Velho);
- Contextualizar o bairro *Barbadian Town* em Porto Velho, evidenciando a atividade educacional promovida pelas mulheres imigrantes afro-antilhanas inglesas no início do século XX;
- Evidenciar a primeira escola informal bilíngue no início do século XX, em Porto Velho, e as professoras afro-antilhanas inglesas que foram destaque na docência neste bairro de perspectiva estrangeira;
- Identificar o quantitativo de mulheres imigrantes afro-antilhanas inglesas moradoras do *Barbadian Town*;
- Descrever o funcionamento da escola informal, como acontecia a educação informal no *Barbadian Town* em Porto Velho durante o período de 1910 a 1943;
- Mapear a presença das mulheres imigrantes inglesas e descendência que são profissionais da educação;
- Analisar o *corpus* documental das cinco professoras descendentes de afro-antilhanas: Aurélia Banfield, Berenice Johnson, Judith Holder, Lydia Johnson, Rosilda Shockness;

Esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para agregar novos conhecimentos sobre a anterioridade da contribuição da mulher afro-antilhana e descendência no âmbito da educação no município de Porto Velho por intermédio da análise bibliográfica e documental, bem como colaborar, por meio da constituição da história dessas professoras¹⁸, para uma revisão e ressignificação histórica sobre a presença e o legado identitário da mulher imigrante e descendente afro-antilhana inglesa na educação em Porto Velho, possibilitando a iniciativa de uma desconstrução do estereótipo constante nas obras regionais e nacionais. Além, de destacar o registro da existência de política educacional desde o ano de 1910 organizada pela comunidade imigrante afro-antilhana nos confins da Amazônia Ocidental, notadamente a área que no ano de 1956 recebeu o nome de Território Federal de Rondônia¹⁹.

¹⁸ Aurélia Banfield, Berenice Johnson, Judith Holder, Lydia Johnson, Rosilda Shockness.

¹⁹ MENEZES, Esron Penha de. **Território Federal do Guaporé**. Retalhos para a História de Rondônia. Livro II. Porto Velho: Gênes, 1983. FERREIRA, Manoel Rodrigues. **Nas selvas amazônicas**. São Paulo. Gráfica Biblos Ltda. 1961.

1 O CAMINHO E A ESCOLHA METODOLÓGICA

Essa tese foi baseada em pesquisa bibliográfica²⁰ com procedimentos técnicos no sentido de “objetivar determinar o “estado da arte”, ser uma revisão teórica, ser uma revisão empírica ou, ainda, ser uma **revisão histórica**” (SILVA, 2001, p. 30, grifo nosso), acerca da anterioridade e participação de professoras afro-antilhanas inglesas e sua descendência na educação em Porto Velho.

A perspectiva da contribuição na história educacional de Porto Velho, Rondônia e nacional sob o prisma da mulher imigrante afro-antilhana²¹ desde o ano de 1910 sendo a atuação docente e a organização de ambiente pedagógico informal anterior ao processo instituído pela participação e tutela do Estado foi determinante para subsidiar a busca por objetos escritos publicados, como livros, dissertações, teses, artigos e materiais disponíveis na internet, biblioteca e unidades de informação diversas²². A pesquisa documental também se fez necessária, haja vista que “[...] a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser feitas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 174).

As visitas, pesquisa e coleta de dados sobre o tema barbadianos(as), afro-antilhanos(as), ferroviários(as) realizadas em bibliotecas públicas e centros de documentações foi iniciada em 2005, o que nos possibilitou o acesso a periódicos, livros raros, entrevistas documentadas, dentre outras fontes de informação.

Em janeiro de 2019, tivemos acesso às fichas funcionais²³ das professoras Berenice **Johnson**, Judith **Holder**, Lydia **Johnson** e Rosilda **Shockness**, localizadas no Arquivo Geral do Estado de Rondônia, em Porto Velho. Não foi possível localizar

²⁰ A pesquisa bibliográfica e documental sobre os(as) afro-antilhanos(as) no Brasil, mais especificamente em Porto Velho, foi iniciada no ano de 2005 sendo “os barbadianos” tema central inicial dos estudos no Bacharelado em História (2007), primeiro Mestrado (2010), segundo Mestrado (2015), o mapeamento dos sobrenomes/identidades das famílias afro-antilhanas constante no livro Do mar do Caribe à beira à beira do Madeira (2019) e a continuidade da temática direcionada para a mulher afro-antilhana e descendência na educação de Porto Velho (2018/2020), totalizando quinze anos de busca de documento, bibliografia e investigação.

²¹ Durante o processo de busca documental e bibliografia, utilizamos as palavras-chaves: barbadianos, negros(as), ferroviários, Porto Velho, caribenha(o), mulher barbadiana, afro-antilhana e os sobrenomes das famílias afro-antilhanas de Porto Velho e Rondônia.

²² “O termo é utilizado para contemplar as diversas instituições (ou setores delas) que se ocupam de produzir e oferecer serviços e produtos de informação bibliográfica. No entanto, este termo não é amplamente usado no mercado de trabalho, já que se considera, neste contexto, os nomes específicos dos ambientes de informação em questão, quais sejam, **biblioteca, centro de documentação, entre outros**” (MACEDO; ORTEGA, 2019, p. 326-327, grifo nosso).

²³ Foram digitalizadas pela autora da tese e com a contribuição de Beatriz Costa.

a Ficha Funcional da Professora Aurélia **Banfield**, entretanto, encontramos uma entrevista documentada no Centro de Documentação Histórico de Rondônia (2005). Consultamos também uma entrevista com Berenice Johnson, disponível no *Youtube*, matérias e informações em site regional. Buscamos informações nos Portais da Transparência do Município de Porto Velho, do Estado de Rondônia e do Governo Federal; Diário Oficial do Município e Diário Oficial da União. Utilizamos fotografias, mapas e outros documentos, a exemplo de:

- resumo bibliográfico de Lydia Johnson (por e-mail);
- biografia, ato de nomeação da professora Aurélia Banfield como diretora de grupo escolar (por e-mail) e biografia disponível no *facebook*;
- imagens e informações, por intermédio das páginas: Saudosismo Portovelhense, Arquivo Histórico Afro-Antilhano e Rondônia, Minha Querida Rondônia;
- Registros de Batismos na Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, em Belém/PA.²⁴

Outros documentos que pertencem a acervos de domínio público:

- Jornal Alto Madeira²⁵ dos anos de 1917-1921²⁶, 1940, 1963, 1955, 1982-1984;
- Jornal O Estadão do Norte, ano de 1998,
- Lista em Excel cedida pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação no Estado de Rondônia (SINTERO), em que constam os nomes dos profissionais em educação filiados, inclusive sobrenomes ligados a famílias remanescentes afro-antilhanas;
- *Série de 100*, de Porto Velho, que mostra a história dos barbadianos que migraram para capital (2014).

²⁴ Alguns registros de batismos foram disponibilizados pelo responsável da página do *facebook* denominada atualmente como: Arquivo Histórico Afro-antilhano (2020) título da fan page é subsidiado por conta das pesquisas realizadas pela autora desta tese. Nos anos anteriores a página foi denominada: *Comunidade Barbadianos Paraense*, posteriormente *Barbadianos Paraense Afro-Antilhanos* até a atual nomenclatura *Arquivo Histórico Afro-antilhano*. O coordenador da referida página é o Marcos Paulo Santos Evaristo descendente de afro-antilhano, o antepassado veio de Santa Lúcia e é morador da cidade de Belém. Algumas informações possibilitaram representar através do Quadro 3: Mulher afro-antilhana moradora do *Barbadian Town* em Porto Velho, 2020. No início do século XX, muitas mulheres afro-antilhanas viajavam de Porto Velho até Belém para serem batizadas e/ou batizarem seus(suas) filhos(as) na Igreja Anglicana.

²⁵ [...] retratou no discurso jornalístico e nas imagens vinculadas, como em um espelho imagem invertida, a interpretação do seu entorno em páginas de celulose, que, em pouco tempo restavam amareladas; revelava, assim a vida materializada no cotidiano do povo, dos nossos rios e das cidades (NOGUEIRA; OLIVEIRA, 2019, p. 7).

²⁶ Pesquisa realizada na hemeroteca do site da Biblioteca Nacional.

Como parte dessa busca, baseamo-nos na seguinte classificação para os principais tipos de documentos:

- a) Fontes Primárias - dados históricos, bibliográficos e estatísticos; informações, pesquisas e material cartográfico; arquivos oficiais e particulares; registros em geral; documentação pessoal (diários, memórias, autobiografias); correspondência pública ou privada etc.
- b) Fontes Secundárias - imprensa em geral e obras literárias (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 158).

Como palavras-chaves para busca nos sites, portais e base de dados na internet, utilizamos os sobrenomes *Alleyne, Banfield, Blackman, Box, Brown, Davy, Holder, Johnson, Julien, Maloney, Pierre, Siqueira* (Squires), *Shockness, Winter*, referentes às famílias afro-antilhanas de Porto Velho, para fins de identificação dos(as) imigrantes da comunidade afro-antilhana inglesa, para construir os quadros de mapeamento das professoras e descendentes afro-antilhanas (grifo nosso).

Nossa tese não segue uma sequência linear temporal²⁷, tendo em vista que analisamos e partimos da representação das mulheres afro-antilhanas inglesas nos objetos literários, sabendo que:

“[...] muitas das representações da Amazônia brasileira, construídas por viajantes de diferentes nacionalidades e em diferentes épocas, contribuíram com uma certa mentalidade e imaginário que vêem a região apenas como um lugar distante e completamente antitético do mundo metropolitano [...] (ROCHA, 2012, p. 15).

Procedemos a análise documental de cinco mulheres professoras, a saber: 1) Aurélia **Banfield** [1916-2008]; 2) Berenice **Johnson** [1937-2019]; 3) Judith **Holder** [1913-2015]; 4) Lydia **Johnson** [1934-2013]; e 5) Rosilda **Shockness** [1961-2015]. Todas elas foram educadoras e nasceram em períodos distintos em Porto Velho. As quatro primeiras docentes foram moradoras do *Barbadian Town* (1910-1943), local onde ocorreu a primeira experiência pedagógica informal e bilíngue. A última professora nasceu no início da década de 60 e faleceu em 2015, em Porto Velho. A escolha dessas cinco mulheres de descendência afro-antilhana inglesa se justifica, haja vista que, em algum momento da sua trajetória profissional, todas elas exerceram a docência em Porto Velho, sendo que as quatro primeiras foram precursoras,

²⁷ A fragmentação e dificuldade de encontrar fontes documentais contribuiu para a construção desta tese com uma abordagem temporal não linear.

enquanto mulheres negras, no exercício da prática docente na Amazônia Ocidental, desde o final da década de 1930.

Mapeamos a presença das professoras afro-antilhanas inglesas de Porto Velho e sua descendência, o que podemos destacar como uma produção de dados, informações utilizando como recurso a construção de tabelas e quadros, “um método estatístico sistemático, de apresentar os dados em colunas verticais ou fileiras horizontais, que obedece à classificação dos objetos ou materiais da pesquisa” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 169).

A interpretação e análise dos dados documentais foi determinante para “uma operação ou um conjunto de operações, visando **representar o conteúdo de um documento** sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referência” (BARDIN, 1977, p. 45, grifo nosso). Há diferença entre a finalidade da análise documental e a da análise de conteúdo:

O objectivo da análise documental é a representação condensada da informação, para consulta e armazenagem; **o da análise de conteúdo**, é a manipulação de mensagens (conteúdo e expressão desse conteúdo), para **evidenciar os indicadores que permitam inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem** (BARDIN, 1977, p. 46, grifo nosso).

Nesse sentido, a análise de conteúdo foi essencial na construção desta tese, por meio da descrição, interpretação e inferências a partir dos documentos, confrontando-as com a revisão bibliográfica. Segundo Moraes (1999),

A matéria-prima da análise de conteúdo pode constituir-se de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não-verbal, como cartas, cartazes, jornais, revistas, informes, livros, relatos auto-biográficos, discos, gravações, entrevistas, diários pessoais, filmes, fotografias, vídeos, etc. Contudo os dados advindos dessas diversificadas fontes chegam ao investigador em **estado bruto**, necessitando, então ser processados para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo (MORAES, 1999, p. 2, grifo nosso).

Aliada à análise de conteúdo, utilizamos a análise cultural, que consiste no “protocolo metodológico dos EC, buscando explorar seu alcance epistemológico como sistema capaz de decodificar significados dados” (MORAES, 2016, p. 28). Isso possibilitou a construção de respostas para nossas questões investigativas, objetivos geral e específicos. O confronto documental e bibliográfico nos permitiu elaborar, descrever, interpretar e inferir, em parte, o conteúdo temático ligado à contribuição e compreensão da presença precedente da mulher afro-antilhana inglesa e

descendência na educação de Porto Velho, desde o início do século XX, com práticas escolares informais de alfabetização e política de gestão educacional em comunidade.

Utilizamos paradigmas conceituais construídos por autores e autoras que pertencem ao campo dos Estudos Culturais²⁸, tendo em vista que a educação é uma construção social e, ao longo do tempo, vem sofrendo influências socioculturais. No cerne das instituições escolares e agentes, podemos alicerçar as temáticas vinculadas à educação, imigração, identidade, mulher, estereótipo, minorias, dentre outros temas que constituem a base de investigações desse campo conceitual interdisciplinar (PRYSTHON, 2010, p. 12). Conforme Baptista (2009),

Na verdade, se algum 'método' há nos Estudos Culturais, ele consiste na contestação dos limites socialmente construídos (por exemplo, de classe, género, raça, etc.) nas mais diversas realidades humanas. A 'naturalização' dessas categorias tem sido precisamente objecto de grande contestação a partir dos Estudos Culturais. Não admira, por isso, e desde logo pela marca de crítica constante com que nasceu e da qual se alimenta, que este domínio científico tenha tantas dificuldades em auto-limitar-se (BAPTISTA, 2009, p. 452).

Os Estudos Culturais são baseados na refutação das categorias construídas na sociedade (por exemplo: de classe, género, raça, etc.). A contribuição historiográfica sobre a anterioridade da mulher afro-antilhana no âmbito educacional do município de Porto Velho, desde o início do século XX, em contraposição aos discursos hegemônicos encontrados em bibliografias, é uma possibilidade de rompimento de paradigmas e desconstrução de estereótipos. O estereótipo, segundo Bardin (1977),

[...] é «a ideia que temos de [...]», a imagem que surge espontaneamente, logo que se trate de [...] É a **representação de um objecto** (coisas, pessoas, ideias) mais ou menos desligada da sua realidade objectiva, partilhada pelos membros de um grupo social com uma certa estabilidade (BARDIN, 1977, p. 51, grifo nosso).

²⁸ Os trabalhos precursores dos Estudos Culturais, apesar de não serem unívocos em suas perspectivas de problematização, estão unidos por uma abordagem cuja ênfase recai sobre a importância de se **analisar o conjunto da produção cultural de uma sociedade - seus diferentes textos (Aqui a palavra textos não faz referência apenas às expressões da cultura letrada, mas a todas as produções culturais que carregam e produzem significados**. Um filme, um quadro, uma foto, um mapa, um traje, uma peça publicitária ou de artesanato podem ser considerados textos culturais.) e suas práticas - para entender os padrões de comportamento e a constelação de idéias compartilhadas por homens e mulheres que nela vivem. Em seus desdobramentos, os Estudos Culturais investem intensamente nas discussões sobre a cultura, colocando a ênfase no seu significado político (COSTA, SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 38, grifo nosso).

Alguns conceitos são basilares e orientadores desta tese, tais como: representação (CHARTIER, 1988; 1991; HALL, 2006); memória (HALBWACHS, 2006, identidade (HALL, 2003; ROSENDAHL; CORRÊA, 2005; CANCLINI, 2011); estereótipos (BARDIN, 1971; BHABHA, 2013); historiografia (CORDEIRO, 2015; JR. BONTEMPI; ALMEIDA, 1993), história e memória (Le Goff, ____). A respeito dos Estudos Culturais em Educação, baseamo-nos nos trabalhos de Beck e Guizzo (2013), Costa, Silveira e Sommer (2003). No que se refere à História de Rondônia e à Educação em Porto Velho, temos o suporte de Craig (1947), Ferreira M. (1961; 2005); Ferreira H. (1960), LIMA A. (1987) dentre outros(as).

Esta tese se insere na *Linha de Pesquisa 04 - Políticas Educacionais, Gestão de Sistemas e Organizações, Trabalho e Movimentos Sociais* e está estruturada em cinco seções, a saber:

Seção 1 - Caminho e escolha metodológica - descrevemos a escolha e o percurso metodológico da pesquisa. Esta seção se subdivide em duas subseções:

1.1 - Os Estudos Culturais e a questão da mulher - apresentamos o contexto dos Estudos Culturais, enquanto área de investigação relacionada historicamente à inclusão dos estudos sobre a mulher, apresentando os principais fundadores, como Hoggart, Williams e Thompson.

1.2 - Os Estudos Culturais na perspectiva educacional - contextualizamos o caminho dos Estudos Culturais na perspectiva educacional, para situar o leitor e a leitora sobre os fundamentos da epistemologia sobre os estudos culturais, memória, identidade e o prisma educacional, considerando a documentação, os textos e escritos que tratam da anterioridade e contribuição das professoras afro-antilhanas e descendência na educação de Porto Velho, desde o início do século XX, em parte da Amazônia Ocidental.

Seção 2 - A mulher afro-antilhana na historiografia da educação e da história - tem como finalidade responder a *primeira pergunta de pesquisa*: *Como a mulher afro-antilhana foi apresentada e estigmatizada nas bibliografias, apesar de que a memória local reconhece sua presente participação na identidade histórica educacional mesmo que de forma marginalizada?* Para isso, identificamos e apresentamos os estereótipos construídos sobre a mulher afro-antilhana na historiografia, ou seja, nas obras e escritos nacionais, relacionando estigma, ausência, silenciamento, invisibilidade, homogeneização e generalização sobre a presença predecessora e a atuação profissional da mulher negra, advinda das Antilhas Inglesas e descendência, no

contexto da educação em Porto Velho. Nas obras e escritos, identificamos as representações e memórias, as dificuldades e as lacunas sobre o tema mulher afro-antilhana na historiografia da educação e da história, discutindo a questão da identidade “barbadiana” reiterada e reforçada na historiografia.

2.1 - A mulher *barbadiana* e a identidade forjada - nesta subseção, apresentamos como as afro-antilhanas foram retratadas nas bibliografias, monografias, dissertações, teses e artigos científicos sobre a historiografia da história e da educação, a concepção de produções regionais sobre a negra na Amazônia, objetivando contribuir na desmistificação da mentalidade sobre este grupo multicultural, estudado e mencionado, forjadamente, como sendo *barbadianas*.

Seção 3 - Breve História das Antilhas Inglesas - apresentamos concisamente as ilhas antilhanas inglesas, mais especificamente dois principais territórios caribenhos: Granada, de que tratamos na subseção 3.1, e Barbados, na subseção 3.2. Caracterizamos a educação nos fins do século XIX, tendo em vista que as antepassadas afro-antilhanas emigraram destas localidades antilhanas inglesas no início do século XX, em busca de melhores condições de vida em terras à beira do Madeira.

Seção 4 - Do porto de *Bridgetown* ao *Barbadian Town* em Porto Velho - apresentamos as principais motivações para a travessia, o movimento e a chegada da imigração afro-antilhana para o Brasil, principalmente via Porto de Belém, sequencialmente, ao recôncavo de Manaus e, posteriormente, aportando do mar do Caribe à beira do rio Madeira. Contextualizamos o bairro *Barbadian Town* em Porto Velho. Tratamos da primeira escola informal bilíngue, no início do século XX, em Porto Velho, organizada por dois casais afro-antilhanos: Dona Priscila e Mr. Fred Banfield; Dona Sátyra e Mr. Davy. Assim, respondemos a segunda e a terceira questões de nossa pesquisa: *Qual a primeira escola de Porto Velho? Quem eram os principais responsáveis por tal iniciativa escolar no início do século XX?*

4.1 A escola informal do *Barbadian Town* em Porto Velho - nesta subseção, visamos contribuir para a ressignificação da anterioridade da mulher afro-antilhana, identificando o quantitativo de trinta mulheres afro-antilhanas moradoras do *Barbadian Town*. Descrevemos o funcionamento da escola informal, por intermédio dos fragmentos documentais e bibliográficos. Especificamos como acontecia a educação informal no *Barbadian Town*, em Porto Velho, durante o período de 1910 a 1943.

Respondemos, assim, a quarta pergunta de pesquisa: *Como funcionava a primeira escola informal localizada no Barbadian Town?*

Seção 5 - História de Rondônia e a Educação em Porto Velho - abordamos brevemente a História de Rondônia e a Educação em Porto Velho, enfatizando os antecedentes e atualidades deste território amazônico.

5.1 - A presença da descendência afro-antilhana no âmbito educacional portovelhense - apresentamos o mapeamento (em âmbito municipal, estadual e federal) das professoras que atuam/atuaram e/ou trabalham/trabalharam na docência e que descendem da imigração afro-antilhana para Porto Velho.

5.1.1 - A anterioridade e contribuição das cinco panteras negras²⁹ afro-antilhanas no âmbito educacional de Porto Velho - buscamos compreender a presença antecessora e contribuição da mulher afro-antilhana e descendência no âmbito da educação no município de Porto Velho por intermédio da História, apresentando a história docente de cinco professoras: **Aurélia Banfield, Berenice Elisa Johnson Silva, Judith Holder, Lydia Johnson e Rosilda Shockness.**

Dessa forma, buscamos a reconstituição histórica da presença precursora das mulheres educadoras afro-antilhanas, tendo como propósito contribuir para o reconhecimento identitário das mulheres afro-antilhanas e descendência que se dedicaram à educação em Porto Velho desde o início do século XX. A história dessas mulheres colabora para a desconstrução da visão estereotipada constante nas obras nacionais e regionais que versam sobre as professoras afro-antilhanas nessa parte da Amazônia Ocidental, especificamente em Porto Velho. Respondemos, portanto, a quinta pergunta de pesquisa: *Quais mulheres imigrantes afro-antilhanas e descendência marcaram presença e contribuíram no contexto educacional portovelhense?*

Portanto, esta tese caminha pelas análises cultural e bibliográfica, envolvendo a gama documental descrita na presente seção. Esse caminho nos possibilitou compreender e buscar desconstruir os estereótipos presentes nos escritos historiográficos regionais. A partir dessa compreensão e do (re)conhecimento de parte da sua trajetória, mapeamos e ressignificamos a presença antecessora da mulher

²⁹ Inspirado no movimento Panteras Negras. Para saber mais, ver: CHAVES, Wanderson da Silva. **O partido dos panteras negras**. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/topoi/v16n30/2237-101X-topoi-16-30-00359.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2020.

afro-antilhana inglesa na educação portovelhense, desde o início do século XX. Essas mulheres foram antecessoras na experiência docente, constituindo uma escola informal e bilíngue no *Barbadian Town*, durante os anos de 1910 a 1943, combateram o analfabetismo e promoveram o bilinguismo dos filhos e filhas da primeira geração de nascidos no Brasil, especificamente em Porto Velho. A atuação docente da mulher afro-antilhana inglesa e sua descendência é uma marca identitária à beira do Madeira, seguida pelas gerações posteriores, a exemplo das professoras: Aurélia Banfield, Berenice Johnson, Judith Holder, Lydia Johnson e Rosilda Shockness.

1.1 Os Estudos Culturais e a questão da mulher

Nesta subseção, descrevemos, de forma sucinta, o contexto do campo dos Estudos Culturais Britânicos³⁰, enquanto área de investigação relacionada historicamente à inclusão dos estudos sobre a mulher, especificamente a categoria social construída e interligada à mulher afro-antilhana representada nas obras regionais, nacionais e documentos, que são objetos de análise dos Estudos Culturais³¹. Os Estudos Culturais Britânicos surgiram em meados da década de 1950, na Inglaterra, através da corrente Leavisismo, conforme aponta Prysthon (2006):

[...] a partir do trabalho de F. R. Leavis que foi uma tentativa de redisseminar o agora chamado “capital cultural” (Bourdieu) e para isso Leavis propunha usar o sistema educacional para distribuir mais amplamente (para todas as classes) conhecimento e apreciação literários baseado numa “grande tradição”, no cânone da alta cultura (PRYSTHON, 2006, p. 3).

No Quadro 2, apresentamos três autores e suas respectivas obras, que estão intrinsecamente interligados ao surgimento dos Estudos Culturais; suas contribuições são consideradas fundamentais para a consolidação desse campo. Visamos destacar as contribuições dos Estudos Culturais e a inserção da categoria mulher e, posteriormente, ressaltar este campo teórico para subsidiar a abordagem educacional.

³⁰ COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 37.

³¹ “Es un proyecto de pensar a través de las implicaciones de la extensión del término “cultura” para que incluya actividades y significados de la gente común, precisamente esos colectivos excluidos de la participación en la cultura cuando es la definición elitista de cultura la que gobierna” (BARKER; BEEZER, 1994, p. 12).

Quadro 2 - Representantes dos Estudos Culturais

REPRESENTANTES DOS ESTUDOS CULTURAIS		
Autor	Obra	Ano de publicação
Richard Hoggart	As Utilizações da Cultura	1957
Raymond Williams	Cultura e Sociedade	1958
E. P. Thompson	A Formação da Classe Operária	1968

Fonte: Organizado pela autora, a partir de Prysthon, 2006, p. 3.

Os autores e suas respectivas obras, mencionados no Quadro 2, iniciaram os Estudos Culturais através da implantação do *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, sendo crucial para a institucionalização dos Estudos Culturais³², ampliando o objeto e os estudos sobre cultura e seus conceitos (PRYSTHON, 2010, p. 2).

Richard Hoggart, por intermédio da obra *As utilizações da cultura* (1957), procurou romper com o positivismo científico da objetividade sociológica concentrada na “subjetividade” (PRYSTHON, 2010, p. 2). Raymond Williams, escritor do livro *Cultura e sociedade* (1958), destacou a dificuldade de identificação dos efeitos culturais das desigualdades sociais, conforme nos aponta Prysthon (2010). Já o terceiro representante dos Estudos Culturais, E. P. Thompson, autor da obra *A formação da classe operária* (1968), discutiu sobre a identidade da classe operária, que estará sempre focalizada num “componente político e conflitual, independente de valores e interesses culturais particulares” (PRYSTHON, 2010, p. 2).

Salientamos a importância dessa tríade de autores para o fortalecimento e surgimento dos Estudos Culturais na Grã-Bretanha, em meados da década de 1950, tendo como plataforma basilar as relações culturais da classe operária inglesa, que foi surgindo como nova característica estrutural da implantação dos meios de produção. Ao longo das décadas, os Estudos Culturais foram incorporando conceitos de hegemonia advindos da teoria marxista, indústria cultural que adveio da escola de Frankfurt, semiótica, teoria francesa (pós-estruturalismo francês) e autores de distintas linhas e escolas teóricas como: Michel Foucault, Barthes, Hall, Althusser,

³² CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

Said, Bhabha, entre outros autores e autoras que trouxeram contribuições conceituais e temários antes categorizados como *grupos minoritários* ao longo do processo histórico do Ocidente. A exemplo, citamos os segmentos: afrodescendente, **mulher**, indígena, quilombola, remanescentes, dentre outros, no sentido, de garantir voz a sujeitos que anteriormente não tiveram esse direito (PRYSTHON, 2010, p. 12, grifo nosso).

Os Estudos Culturais, área de investigação multidisciplinar, privilegiam a discussão, inserção, ressignificação e ampliação do conceito de cultura. Para Williams (1969, p. 58), “Cultura é todo sistema de vida, no seu aspecto material, intelectual e espiritual”. Entretanto, é válido salientar que o conceito de cultura vai acompanhar a periodização, ou seja, a fase histórica, desenvolvimento técnico, científico e cultural de cada época, povo e mentalidade”. Nesse sentido, tomamos o conceito de **educação**:

“[...] entendida como **um processo de desenvolvimento da capacidade intelectual da criança e do ser humano**, tem um significado tão amplo e abrangente que, em geral, prescinde de adjetivos **É um processo único, associado quase sempre à escola**” (GASPAR, 171, 2020).

Todavia, utilizamos as concepções de educação e de mulher afro-antilhana enquanto produções socialmente e culturalmente construídas por agentes históricos, sendo categoria pertencente também aos estudos da/para/sobre cultura (grifo nosso). Conforme apontam Costa, Silveira e Sommer (2003),

Os Estudos Culturais (EC) vão surgir em meio às movimentações de certos grupos sociais que **buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes** que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, **aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso. Uma educação em que as pessoas comuns, o povo, pudessem ter seus saberes valorizados e seus interesses contemplados** (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 37, grifo nosso).

Assim, esse campo foi absorvendo e tornando-se referência como sendo o berço, a tradição e a fonte multifacetada teoricamente estruturada na diversidade e na interdisciplinaridade³³ das áreas vinculadas aos estudos e conceitos advindos das humanidades. Nesse sentido, “os Estudos Culturais não configuram uma “disciplina”,

³³ Conforme afirma Prysthon (2006, p. 2): “olhar interdisciplinar que caracteriza a empresa metodológica dos Estudos Culturais”.

mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando ao estudo de aspectos culturais da sociedade” (ESCOSTEGUY, 2019, p. 6). Segundo Hollanda (1996),

Com o tempo, Birmingham vai absorvendo as novas questões trazidas especialmente pelos pensadores franceses como Foucault, de Certeau, Bourdieu etc., passam do estudo das comunidades - articulados como classes ou sub-culturas - para o estudo dos grupos étnicos, de **mulheres, raciais e tornam-se a voz do outro na academia**, absorvendo assim um contingente expressivo de antropólogos, sem entretanto abrir mão, da criação de novos cruzamentos intelectuais e institucionais que produzam o efeito político de expandir a sociedade civil (HOLLANDA, 1996, grifo nosso).

Portanto, utilizamos como orientação estudiosos e estudiosas dos Estudos Culturais na perspectiva educacional, com foco na anterioridade da mulher afro-antilhana na educação em Porto Velho, juntamente com a análise cultural da documentação³⁴, em confronto com a historiografia, sendo os textos e escritos sobre as *barbadianas* o fio condutor desta investigação.

1.2 Os Estudos Culturais na perspectiva educacional

O objetivo desta subseção é contextualizar brevemente o caminho dos Estudos Culturais na perspectiva educacional, visando situar o leitor e a leitora sobre os fundamentos epistemológicos dos Estudos Culturais interligados ao prisma educacional, levando em consideração a documentação, os textos e escritos que tratam da presença precursora das professoras afro-antilhanas e descendência na educação de Porto Velho.

A respeito do surgimento dos Estudos Culturais, Costa, Silveira e Sommer (2003) comentam:

Os Estudos Culturais (EC) vão surgir em meio às movimentações de certos grupos sociais que **buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem**, ao longo dos séculos, aos anseios

³⁴ [...] **analisar o conjunto da produção cultural de uma sociedade - seus diferentes textos (Aqui a palavra textos não faz referência apenas às expressões da cultura letrada, mas a todas as produções culturais que carregam e produzem significados**. Um filme, um quadro, uma foto, um mapa, um traje, uma peça publicitária ou de artesanato podem ser considerados textos culturais) e suas práticas - para entender os padrões de comportamento e a constelação de idéias compartilhadas por homens e mulheres que nela vivem. Em seus desdobramentos, os EC investem intensamente nas discussões sobre a cultura, colocando a ênfase no seu significado político (COSTA, SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 38, grifo nosso).

por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso. Uma educação em que as pessoas comuns, o povo, pudessem ter seus saberes valorizados e seus interesses contemplados (COSTA, SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 37, grifo nosso).

Considerando os Estudos Culturais no contexto educacional, Oliveira (2009) propõe que:

[...] a escola reconheça e **valorize as diferenças e o hibridismo, que incorpore as diversas tradições culturais dos grupos que fazem parte da sociedade**, inclusive daqueles que, historicamente, vivem em condição de subordinação – mulheres, negros e negras, homossexuais, pessoas com necessidades especiais, trabalhadores rurais, entre outros (OLIVEIRA, 2009, p. 33, grifo nosso)

Diante desses dois fragmentos é coerente afirmarmos que a base teórico-metodológica dos Estudos Culturais privilegia o alargamento de temas que perpassam a categorização e aglutinação de pesquisas em contexto multicultural, da perspectiva da mulher, afro, indígena, representação, identidade, memória, imigração, educação e outros. Assim, “desde seu surgimento, **os EC configuram espaços alternativos de atuação para fazer frente às tradições elitistas**” (COSTA, SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 37, grifo nosso). Destarte, os Estudos Culturais trazem uma reflexão sobre o papel e as práticas pedagógicas e curriculares que acontecem na escola, geralmente, pautados numa perspectiva educacional hegemônica, visando buscar o desenvolvimento de práticas educacionais culturalistas, “atentas à relação entre poderes/saberes/identidades, à contingência e à pluralidade do contexto social” (OLIVEIRA, 2009, p. 33):

A partir de meados do século XX e, principalmente, com a crise da modernidade, surgem tensões em torno destes pontos de vista. **A antropologia, a linguística, a filosofia, a sociologia e mais tarde a educação, começam a questionar a epistemologia monocultural e caminhar em direção à construção de uma epistemologia multicultural** que se consolida, de acordo [...] sob a influência da virada linguística e dos **Estudos Culturais** (OLIVEIRA, 2009, p. 35, grifo nosso).

Essa crise do conhecimento, em meados do século XX, impulsionou as práticas educacionais a repensar sobre suas bases, implantadas numa perspectiva hegemônica, unilateral e excludente, haja vista que “os elementos da vida social, entre eles a cultura, passam a ser vistos como discursivamente construídos e como contingentes [...] Não existe uma linguagem e uma cultura ideal, elas são contingentes” (OLIVEIRA, 2009, p. 35-36). Assim, não podemos dar continuidade a

um projeto de educação pensando o processo educacional como único, centrado em apenas uma única cultura, pois há uma multiculturalidade nos cenários sociais e educacionais. Conforme Veiga-Neto (2003, p. 12-13),

[...] apenas dizer, àqueles que estão entrando no mundo, o que é mesmo este mundo e como ele funciona [...] o que no máximo ela pode fazer é mostrar como o mundo é constituído nos jogos de poder/saber por aqueles que falam nele e dele, e como se pode criar outras formas de estar nele.

O surgimento e fortalecimento dos Estudos Culturais Britânicos, alicerçados na antropologia, linguística, educação, história, sociologia e outras áreas do conhecimento,³⁵ teve bastante relevância para inclusão, aprofundamento e desenvolvimento de temas sobre a inclusão multifacetada da visão da cultura e a ressignificação do papel da educação e seus agentes. Nesse sentido, os Estudos Culturais são uma concepção recente, atrelada à sociedade da informação, que é transitória, multifacetada e diversificada. Dessa maneira, o campo educacional³⁶ sofre influências e as investigações vêm se mostrando complexas: “[...] no campo da educação, as pesquisas desenvolvidas se apresentam bem polarizadas e diversificadas, não estando vinculadas necessária e exclusivamente aos aspectos referentes à educação escolar” (BECK; GUIZZO, 2013, p. 175).

É notório o caráter híbrido do mundo social, fazendo surgir novas identidades culturais e sociais, extinguindo as fronteiras. Assim, surge a pedagogia cultural,³⁷ que ultrapassa e amplia as discussões educacionais do eixo da instituição escolar como detentora de todo e qualquer processo de aprendizagem e ensino (GIROUX, 1995). Neste entendimento Henry Giroux e Peter McLaren (1998, p. 144) preconizam que:

Existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar em que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar-comum.

³⁵ (BOTELHO, 2017; BECK; GUIZZO, 2013)

³⁶ Chama atenção para o fato de a escola, historicamente, ter organizado seu currículo e suas práticas pedagógicas com base em valores e padrões das culturas hegemônicas e defende o desenvolvimento de teorias e práticas educacionais mais sensíveis às culturas, atentas à relação entre poderes/saberes/identidades, à contingência e à pluralidade do contexto social (OLIVEIRA, 2003, p. 33).

³⁷ Outra vertente de estudos tem sido aquela compreendida pela expressão “pedagogia cultural” (STEINBERG; KINCHELOE, 2001, p. 14).

A pedagogia cultural é vista como produto social e cultural, construído de maneira transitória, que inclui “áreas pedagógicas” entendidas como “aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros, esportes etc.” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p. 56), sendo essas algumas das preocupação centrais nos Estudos Culturais Contemporâneos, o que Giroux (1995, p. 98) condensou como “o estudo da produção, da recepção e do uso situado de variados textos e da forma como eles estruturam as relações sociais, os valores e as noções de comunidade, o futuro e as diversas definições do eu”.

Recorrendo aos Estudos Culturais na perspectiva educacional como campo de investigação multifacetado e interdisciplinar, que agrega diversas disciplinas, assim como compreendendo a escola, a educação, a imigração, a memória, a história, as representações localizadas/analizadas nas fontes de informação³⁸ e os sujeitos enquanto historicamente construídos, ressignificados e instrumentos de poderes,³⁹ buscamos contribuir para sua ressignificação, mediante a apresentação do mapeamento da anterioridade da mulher afro-antilhana na educação portovelhense.

Realizamos a análise cultural de textos e documentos, o que foi de fundamental relevância na perspectiva de possibilitar a desconstrução da visão hegemônica - presente na historiografia e nos textos⁴⁰ - de uma perspectiva advinda do processo de colonização portuguesa em território brasileiro, que invisibiliza a influência, a participação e a presença da colonização, da imigração, da identidade e da memória das Antilhas Inglesas em Porto Velho, bem como do papel das mulheres afro-antilhanas na educação desde início do século XX.

³⁸ Citadas na Seção 1 - Caminho e Escolha Metodológica.

³⁹ Em uma primeira vertente, poderíamos citar aquelas questões, **discursos e artefatos** que, tradicionalmente tidos como pedagógicos, **são ressignificados**: livros didáticos, cartilhas, legislações educacionais, revistas pedagógicas, livros de formação pedagógica para professores, programas e projetos educativos, a própria seriação escolar, a ciclagem e as classes de progressão, a arquitetura escolar. Práticas escolares como a da merenda, da avaliação, ou dos cuidados na educação infantil, entre outras, **são problematizadas e constituídas como objetos de estudo sob uma ótica cultural**, oportunizando seu esquadrinhamento e análise como produtoras de significados, como imersas em redes de poder e verdade, em discursos circulantes, através dos quais se **legitimam determinadas representações** de crianças, de menino e de menina, de estudante, **de professores e professoras**, de trabalho docente, de alfabetismo, de determinados componentes curriculares e de educação (COSTA, SILVEIRA; SOMMER, 2003, 2003, p. 56, grifo nosso).

⁴⁰ O próprio **sentido de texto é alargado**, referindo-se a sons, imagens e dispositivos microeletrônicos como os computadores e a Internet. Trata-se de textos culturais que no mundo contemporâneo atravessam as fronteiras entre Estados Nacionais, cidades e comunidades (COSTA, SILVEIRA; SOMMER, 2003, 2003, p. 57, grifo nosso).

2 A MULHER AFRO-ANTILHANA NA HISTORIOGRAFIA⁴¹ DA EDUCAÇÃO E DA HISTÓRIA⁴²

Esta seção tem como objetivo principal responder à primeira pergunta de pesquisa: *Como a mulher afro-antilhana foi apresentada e estigmatizada nas bibliografias, apesar de que a memória local reconhece sua presente participação na identidade histórica educacional mesmo que de forma marginalizada?*

Para isso, identificamos e apresentamos os estereótipos construídos sobre a mulher afro-antilhana, retratados nas bibliografias, monografias, dissertações, teses e artigos científicos nacionais. Em outras palavras, o que nos diz a historiografia⁴³ produzida sobre a mulher afro-antilhana:

[...] e a produção "recente" na área de educação, e da semelhança entre a historiografia (no sentido de conjunto de obras) da educação brasileira e a historiografia brasileira, de modo geral (JR. BONTEMPI; ALMEIDA, 1993, p. 13).

[...] a preocupação com a educação dos negros brasileiros por parte das instituições de educação e pesquisa é muito recente. Assim ao tentarmos tecer a trajetória institucional da escolarização dos descendentes de africanos no Brasil, nos deparamos com a **Historiografia da Educação Brasileira, que num primeiro momento dá margem a inexistência de experiências escolares desse segmento até os anos 60**⁴⁴, quando acontece uma vasta expansão da rede pública de ensino (SILVA, C., 2009, p. 50, grifo nosso).

⁴¹ Desde o início do século, e sobretudo nos últimos vinte anos, vem se desenvolvendo um ramo da ciência histórica que estuda a evolução da própria ciência histórica no interior do desenvolvimento histórico global: **a historiografia, ou história da história** (LE GOFF, 1990, p. 4, grifo nosso). Destaca-se que sobre a mulher afro-antilhana há textos fragmentados. Não há uma obra sobre a questão.

⁴² Aqui no Brasil, de forma análoga, **não parece haver maiores constrangimentos em obras históricas não produzidas por historiadores profissionais como historiografia, principalmente no que diz respeito à escrita da história do Brasil Colônia e Império**. Isso se dá em razão da criação tardia dos cursos de história no país, que datam da década de 1930. Até então, o locus privilegiado de produção do conhecimento histórico (e nacional) no Brasil era o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, criado em 1838. **As obras de caráter histórico anteriores ao IHGB eram produzidas no âmbito das crônicas, da literatura de viagem e dos periódicos, bem como por alguns padres jesuítas. Neste sentido, recorre-se a essas obras não produzidas por historiadores de formação para se analisar a cultura historiográfica do período** (CORDEIRO, 2015, p. 6, grifo nosso).

⁴³ Atualmente, a definição do que vem a ser "historiador" pode ser bastante complexa, sobretudo se levarmos em conta a diversidade de abordagens, métodos, objetos e temas que podem ser estudados por uma obra de História. Paralelamente, entra em discussão se profissionais de outras áreas, como filósofos, jornalistas, juristas, cientistas políticos, etc., podem escrever uma obra historiográfica, na medida em que seguem métodos próprios à História, como a verificação e crítica de fontes primárias. De fato, será que as obras propriamente históricas são monopólio dos historiadores? (CORDEIRO, 2015, p. 7).

⁴⁴ Se há lacuna no processo de escolarização da população negra na historiografia da educação brasileira, quiçá registro de comunidade negra que desenvolveu mecanismo informal pedagógico, trazendo mulheres negras como protagonistas no processo educacional exercendo a profissão docente

Buscamos identificar nos textos estigmas, silenciamento, invisibilidade,⁴⁵ generalização e ausência da presença predecessora e da atuação profissional da mulher negra na educação em Porto Velho. Registramos a presença afro-antilhana nas instituições escolares desde o início do século XX, confirmando o vanguardismo pedagógico da mulher advinda das Antilhas Inglesas e descendência. Nas palavras de Bhaha (2013),

[...] busca legitimação para suas estratégias **através da produção de conhecimentos do colonizador e do colonizado que são estereotipados** mas avaliados antiteticamente. **O objetivo do discurso colonial é apresentar o colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial de modo a justificar a conquista e estabelecer sistemas de administração e instrução** (BHABHA, 2013, p. 123-124, grifo nosso).

Barros (2009, p. 36) afirma que “memória se coloca assim como uma construção - tal como já se compreende desde há muito a Historiografia”. Em entrevista documentada concedida pelo ferroviário, descendente e bilíngue Elton Blackman encontramos as seguintes memórias:

O pessoal, como se vestia nas festas? bem trajado, melhor que hoje em dia. Naquele tempo, tinha casemira, tecido inglês com quadradozinho, meu pai se metia naquilo; um chapéu e o camarada que não tivesse uma bengala boa, bem polida, não estava vestido. Se trajava bem. **E as mulheres? É vestido comprido de seda e chapéu na cabeça** (BLACKMAN E.,1981).

Porém, analisando os textos, encontramos Merrill (1910); Tomlinson (1912); Salles (1971) Gauld (1996); Menezes (1998; 2010); Lima (2006; 2013); Sampaio (2010); Siqueira (2007); Silva (2010); Silva (2013); Souza (1980; 1994); Schuindt (2016), dentre outros trabalhos de cunho histórico, cultural e educacional, que utilizam a nomenclatura “barbadiana(o)”, “negroes and negresses” (TOMLINSON, 1912, p. 163), “prostitutas negras de Barbados” (Gauld, 1996, p. 191), “Mulher do povo e de chapéu, já sabe, é barbadiana” (ANDRADE, 2015, p. 160). Merrill (1910) registrou uma fotografia sobre a presença das afro-antilhanas na lavanderia a vapor externa e interna da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, conforme demostram as Figura 2 e 3, a seguir.

e gestora educacional em escolas em Porto Velho desde 1910 até a atualidade (Ver: Seção 4; 4.1 e a Seção 5 e subseções).

⁴⁵ [...] historiografia educacional e suas formas de tratamento em relação à população negra. [...] em história da educação, com ênfase nos procedimentos teóricos que produziram **uma invisibilidade dos negros na historiografia educacional** e seus impactos na formação docente (FONSECA; BARROS, 2016, p.15).

Figura 2 - Afro-antilhanas na lavanderia a vapor da EFMM



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com/search?q=dana+merril+-+foto+lavanderia&tbm=>>. Acesso em 28 de jun. de 2019.
Fotografia adaptada por Cledenice Blackman.

Na Figura 2, temos o exterior/interior da lavanderia a vapor, instalada em Porto Velho por volta de 1910, pertencente à *Madeira-Mamoré Railway Company*⁴⁶. De modo geral, as mulheres afro-antilhanas eram maioria neste tipo de serviço. Identificamos a presença de oito mulheres e três pessoas do sexo masculino. Verificamos, ao centro, a presença possivelmente do diretor da lavanderia, provavelmente de cidadania inglesa ou norte americana. Já os dois negros, possivelmente afro-antilhanos, deveriam exercer alguma atividade de fiscalização na lavanderia.

⁴⁶ Ver: TOMLINSON, H. M. *The sea and jungle*. 1912; CRAIG, Neville B. *Estrada de ferro Madeira Mamoré*. História trágica de uma expedição. 1947; NOGUEIRA, Julio. *Estrada de ferro Madeira Mamoré*. 1959; FERREIRA, Manoel Rodrigues, *A ferrovia do diabo*. 1995.

Figura 3 - Externa da lavanderia da EFMM e as afro-antilhanas



Fonte: Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10214142786749107&set=p.10214142786749107&type=1&theater>. Acesso em 28 de jun. de 2019. Colorido por Luís Claro.

Nas Figuras 2 e 3, observamos a majoritária presença feminina negra na lavanderia a vapor (interna e externa) da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré que era “provida de todas as máquinas e aparelhos necessários a esse trabalho” (NOGUEIRA, 1959, p. 21). Identificamos apenas um homem branco, ao centro, que possivelmente seria o diretor da lavandeira, no ano provável de 1910, em Porto Velho (Figura 2) e outro homem executando atividades, juntamente, com as mulheres “[...] negras de Barbados - oficialmente contratadas **apenas** como lavadeiras” (GAULD, 2006, p. 191, grifo nosso).

O estudo sobre a anterioridade, contribuição e participação da mulher negra das Antilhas Inglesas na área da educação na/para Amazônia - especialmente em Porto Velho, delimitação espacial de nossa investigação - necessita de mais pesquisas, visto que “poucos trabalhos no campo da aprendizagem da linguagem e da alfabetização foram dedicados aos afro-antilhanos em Porto Velho” (BLACKMAN; ARENA; BRABO, 2020, p. 60). Entretanto, possivelmente esse grupo de imigrantes afro-antilhanos e afro-antilhanas fazem parte de um grupo seletivo de assalariados no Brasil, desde o início do século XX. Assim, poderíamos afirmar que, conforme o

professor e historiador Marco Teixeira,⁴⁷ seria a primeira classe média negra no Brasil, o que é sustentado e reforçado por Salles (1971):

[...] para Belém, onde ainda há numerosos remanescentes. **Esses negros, ostentando nomes anglo-saxônicos e falando o idioma inglês, chegaram em condições bastante favoráveis e galgaram posição social em diferentes setores: arte, magistério, economia etc. São geralmente industriais.** Não foram estudados devidamente. (SALLES, 1971, p. 59, grifo nosso).

Lima M. (2006, p. 63 -65) e Barroso (2010, p. 37) informam que houve em Belém *uma escola* que pertencia a Mrs. Doris Chase uma mulher, professora descendente afro-antilhana nos confins da Amazônia durante os períodos fins do século XIX e início do XX, na cidade de Belém. Precisamos recuperar, pelo menos em parte, e ressignificar a memória⁴⁸ desse grupo de imigrantes, principalmente no quesito educacional. Entretanto, as dificuldades de acesso às fontes históricas, uma vez que a primeira e segunda geração não estão mais vivas e a documentação (fotografias, cartas, objetos pessoais, diários, dentre outros) pode estar sob guarda de famílias afro-antilhanas, havendo dispersão documental. Não obstante, esperamos que esta tese possa contribuir, mesmo de forma lacunar, para uma nova perspectiva sobre a anterioridade, a participação e a contribuição da mulher imigrante das Antilhas Inglesas e sua descendência no contexto da educação portovelhense que, de certa maneira, teve sua origem nas iniciativas de aprendizagem na comunidade afro-antilhana, numa escola localizada no *Barbadian Town*, desde o ano de 1910.

Andrade (2005, p. 160) traz a descrição de que a “Mulher do povo e de chapéu, já sabe, é barbadiana”, Dana Merrill (1910), na, Figura, 2 e 3, e Gauld (1996) foram emblemáticos em mencionar as mulheres afro-antilhanas, generalizando e estigmatizando-as. Gauld, (1996, p. 191, grifo nosso), faz a seguinte narrativa:

A vida também parecia melhor para os homens na EFMM, até então **virtualmente sem mulheres**, exceto pelas visitas ilegais a Santo Antônio [...]. **Foi permitido acesso à bebida e as prostitutas negras de Barbados** [...] oficialmente contratadas apenas como **lavadeiras**.

⁴⁷ TEIXEIRA, Marco Antônio Domingos. **Entrega voto de louvor a personalidades que lutam pela igualdade racial**. Porto Velho, 19 de nov. de 2019. Informação Verbal concedida na abertura do Voto de Louvor. AMARAL, Ronaldo Afonso do. **Lazinho da Fetagro entrega voto de louvor a personalidades que lutam pela igualdade racial**. Publicado em 21 nov. 2019. Disponível em: <https://www.al.ro.leg.br/institucional/noticias/lazinho-da-fetagro-entrega-voto-de-louvor-a-personalidades-que-lutam-pela-igualdade-racial>. Acesso em: 21 jan. 2020.

⁴⁸ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro. 2006.

O estereótipo⁴⁹ “seria então um “tipo social”, uma representação comum posta em larga circulação, mas que não necessariamente faz jus à realidade: ele existe somente enquanto representação social de um dado real” (p.18). O estigma⁵⁰ e a representação⁵¹ “refere-se a sistemas simbólicos, como os textos e imagens envolvidos na produção de um artefato cultural. Por sua vez, esses sistemas geram identidades [...]” (DU GAY et al., 1997, p. 3, grifo nosso). As representações que tem como “objetivo [...] mascarar a realidade” (CHARTIER, 1991, p. 185).

Essas representações sobre esta população negra são disseminadas nos artefatos culturais por Andrade (2005), Merrill (1910) e Gauld (2006) *et al*, sendo uma maneira estratégica de, a partir da construção do colonizador, invisibilizar, silenciar e generalizar a presença das barbadianas e granadinas na condução inicial, e até na atualidade, das contribuições na docência e na gestão educacional no município de Porto Velho. Em outros estados brasileiros, como Pará, Amazonas, Espírito Santo, os estudos são ainda mais incipientes e lacunares, conforme investigações de Blackman (2019).

Salles (1971) é outro pesquisador preocupado com um estudo mais específico no que diz respeito à população das Antilhas Inglesas que veio para diversas partes da Amazônia e outros territórios brasileiros. O autor é contundente ao afirmar que essa comunidade conquistou espaços sociais e **profissões diversificadas**, inclusive a prática docente na Amazônia Ocidental e, no caso específico desta tese, no município de Porto Velho (grifo nosso).

Assim, respondemos como a mulher afro-antilhana foi apresentada e estigmatizada, ou seja, de maneira generalizante e estereotipada como sendo: *barbadiana*, mulher do povo, mulher de chapéu, lavadeira, prostituta. Esse estereótipo “mergulha as suas raízes no afectivo e no emocional, porque está ligado ao **preconceito** por ele **racionalizado, justificado** ou **engendrado**”, construído e

⁴⁹ O estereótipo e a *mímica* são dois conceitos que formam a base para entender esse processo de **dominação discursiva**. Através de um **discurso legitimador** que enaltece um povo, uma cultura, uma identidade sendo repassados de geração em geração. E dessa maneira, privilegiando um grupo e excluindo os que não estão presente nesse discurso, narrativa e textualidade passando a ser desconstruído, rejeitado e visto de maneira negativa (BHABHA, 2013, 117-119, grifo nosso)

⁵⁰ Rago (1991, Apud, BEZERRA, 2018, p. 130, grifo da autora) ressalta que, após a abolição, as ex-escravas, lavadeiras, empregadas domésticas e outras trabalhadoras enfrentavam o “estigma de prostituta” pelo simples fato de circularem fora do âmbito privado das casas.

⁵¹ [...] o reconhecimento da heterogeneidade, da multiplicidade dos significados, do esforço envolvido no fechamento da textualidade **e do poder cultural, da própria representação, como sítio de poder e de regulamentação; do simbólico como fonte de identidade** (HALL, 1996, p. 271, grifo nosso).

mediado pelos produtos culturais textuais sobre a mulher afro-antilhana na historiografia, ou seja, nas obras e escritos nacionais que possibilitam a produção, a circulação e a continuidade de práticas de representações hegemônicas (BARDIN, 1977, p. 51-52; OLIVEIRA, 2009, p. 38, grifo nosso).

2.1 A mulher “barbadiana” e a identidade forjada

Esta subseção tem como objetivo identificar e apresentar como as afro-antilhanas foram retratadas nas bibliografias, monografias, dissertações, teses e artigos científicos sobre a historiografia da história e da educação⁵², na concepção de produções regionais sobre a negra na Amazônia, de maneira específica as produções de/sobre Rondônia⁵³ acerca da mulher *barbadiana*. Buscamos identificar os estigmas, a ausência, o silenciamento, a invisibilidade, a homogeneização, a generalização e a ausência da presença e da atuação profissional, no contexto da educação em Porto Velho, com relação à mulher negra advinda das Antilhas Inglesas e sua descendência⁵⁴.

Nesse sentido, almejamos contribuir para a desmistificação e ressignificação identitária da visão construída sobre esse grupo, que abrange uma identidade multicultural, contudo foi estudado e mencionado genericamente como sendo *barbadianas(os)*, como podemos observar no seguinte trecho, extraído de vários produtos literários regionais:

⁵² [...] aborda questões relativas à historiografia educacional e suas formas de tratamento em relação à população negra [...]. A população negra no ensino e na pesquisa em história da educação no Brasil. Nele, encontramos uma análise sobre os processos de constituição do ensino e da pesquisa em história da educação, com ênfase nos procedimentos teóricos que produziram **uma invisibilidade dos negros na historiografia educacional e seus impactos na formação docente** (FONSECA; BARROS, 2016, p. 15). Construindo um apagamento da mulher negra docente imigrante das Antilhas Inglesas para o Brasil e descendência.

⁵³ [...] memória fica aqui compreendida enquanto uma construção produzida por uma elite letrada, constituindo assim aspectos de representação enquanto projetos de diferentes matizes e que disputam entre si a hegemonia do discurso. Nesse sentido, as imagens das populações tradicionais aparecem delineadas a partir de conceitos estereotipados e marcados por um viés ideológico: a noção de vazio demográfico, as populações indígenas igualadas à natureza e o bandeirante como herói civilizador (SOUZA, 2011, 45-117).

⁵⁴ Salles (1971, p. 86) aponta que “a literatura etnográfica, antropológica e sociológica que os cientistas do passado nos legaram tangência, e de alguma forma apresenta algumas conclusões, o que problema que tratamos neste livro. **A abundância de conceitos estereotipados** que nela encontramos deve passar pelo crivo da crítica não tanto pela maior ou menor importância científica com que se revestem, mas por se haverem generalizado imerecidamente. **A falta de estudos sobre o negro na Amazônia é certamente uma amostra deste comportamento científico.** Isto sem aludir ao etnocentrismo de alguns autores - até cientistas - da região (grifo nosso).

[...] a enxurrada de deserdados e aventureiros que chegavam... a caminho dos seringais... eram os índios, os mestiços **os negros de Barbados**, os nordestinos” (SOUZA, 1994, p. 140 e 141); Divide a mão-de-obra utilizada pela companhia em dois blocos: brancos e negros [...] Os brancos constituíam os operários mais qualificados [...] aos negros desde sempre ficaram reservados as tarefas mais pesadas: abertura e limpeza dos terrenos, terraplenagem, carregamentos etc. (HARDMAN, 1988, p. 128 e 129); “Foi permitido acesso à bebida e as **prostitutas negras de Barbados** - oficialmente contratadas apenas como **lavadeiras** (GAULD, 2006, p. 191). [...] **ele era de Georgetown. Não era barbadiano**. Com essas palavras, Mãe Filó, do alto dos seus 95 anos, fez uma revelação histórica acerca dos negros que vieram para a região, no começo do século XX: **havia barbadianos e “barbadianos”, estes, por racismo, comodismo histórico e oficial, foram erroneamente identificados, excluindo-se suas nacionalidades** (MATIAS, 2007, p. 1, grifo nosso) [...] **eu conto mais da ilha de Granada onde papai nasceu** [...] o que ocorre é que aqui em Porto Velho [...] **eles acham que toda pessoa de cor é barbadiano** [...] **tudo mundo que fala inglês aqui**, dizem que é **barbadiano**. (MENEZES, 1998, p. 32, grifo nosso). [...] **Qualquer um que conheça um pouco da história regional** saberá identificar os **“barbadianos”** e estes, com certeza, **formam uma importante parcela da identidade regional. O que é preciso é identificar** suas origens, sua religiosidade e **suas nacionalidades verdadeiras**. Seus filhos, netos e bisnetos participaram ativamente do processo de desenvolvimento de Porto Velho e do Estado como um todo (MATIAS, 1998, p. 2, grifo nosso). [...] **construção da ferrovia, trouxeram das Antilhas algumas centenas deles, oriundos de Trinidad, Martinica, Granada, São Vicente, Guianas, Jamaica, Barbados, etc.** e aqui, na grande Babel reinante foram **apelidados de “Barbadianos”** (FERREIRA H, 1969, p. 47, grifo nosso).

A identidade afro-antilhana foi forjada, sob a denominação *barbadiano(a)*, em razão de que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 2006, p. 48). Esse termo se refere a uma comunidade de nacionalidade heterogênea,⁵⁵ denominada nesta tese como afro-antilhana, em razão de que perpassa pelo conceito de identidade e representação. Segundo Hall (2006, p. 71) “a identidade está profundamente envolvida no processo de representação” que construiu e consolidou, por intermediação dos artefatos culturais regionais, a nomenclatura hegemônica *barbadiano*, que seria o “cânone literário” regional sobre/de Rondônia. Conforme Costa, Silveira e Sommer (2003, p. 38),

É na esfera cultural que se dá a luta pela significação, na qual os grupos subordinados procuram fazer frente à imposição de significados que sustentam os interesses dos grupos mais poderosos. Nesse sentido, **os**

⁵⁵ De acordo com os estudos iniciados, propostos e apresentados por Blackman (2007-2020) sobre reconhecimento de identidades da imigração da população das Antilhas para o Brasil, especificamente, para Porto Velho no início do século XX.

textos culturais são o **próprio local** onde o **significado é negociado e fixado** (grifo nosso).

As pesquisas sobre a mulher *barbadiana*, sob a perspectiva educacional, mencionada nos trabalhos regionais⁵⁶ das autoras Siqueira (2007), Silva R. (2013), Sampaio (2010), Schuindt (2016), de maneira generalizante, em parte reproduzem certo estigma, silenciamento, invisibilidade e ausências propagadas nos textos nacionais. Siqueira (2007) produziu a monografia denominada *O processo de alfabetização dos descendentes de **barbadianos** no início do século XX, Porto Velho*. Silva R. (2013) escreveu o texto *Mulher **barbadiana**: um modelo educacional*. Sampaio (2010) elaborou a tese intitulada: *Uma escola (in)visível: memórias de professoras negras em Porto Velho no início do Século XX*. Schuindt (2016) é autora da dissertação denominada *A diáspora **barbadiana** e o legado educacional em Porto Velho* [grifos nosso].

O trabalho monográfico da Siqueira (2007) menciona que existe um quantitativo pequeno de pesquisa na área da educação, levando em consideração que “no início do século a situação se agrava”. Essa pesquisa tentou fazer um resgate histórico, cultural e educacional, investigando como se dava o processo de alfabetização dos descendentes de **barbadianos** no início do século XX em Porto Velho [grifo nosso].

Silva R. (2013) assina o artigo *Mulher barbadiana: um modelo educacional*, que vem reafirmar a identificação da comunidade advinda das várias ilhas antilhanas inglesas como sendo *professoras barbadianas*, ou seja, utilizando uma visão linear sobre o grupo heterogêneo. Vale lembrar que, neste período, já havia pesquisas elaboradas por Blackman (2007; 2011) sobre a desmistificação identitária. Silva R. (2013, 78-79) faz uma explicação sobre o termo barbadiano, designando-o por *afro-caribenho*. No resumo do artigo, a autora traz a seguinte descrição:

Este trabalho **refere-se a uma possível caracterização da Mulher Barbadiana como modelo educacional**, tratando de peculiaridade e diferenciais dessas mulheres, que **lutaram pela educação de seus descendentes em uma terra ainda sem Escolas**, que fizeram da **educação símbolo da resistência cultural do seu povo e contribuíram imensamente com início e a estruturação da Educação na cidade de Porto Velho. Mulheres negras, pobres**, em maioria protestantes, **professoras de formação**, que transformaram a Educação e são modelos educacionais ontem e hoje (SILVA R, 2013, p. 76, grifos nossos).

⁵⁶ Produtos culturais elaborados por mulheres.

De acordo com o trecho acima, podemos reiterar a importância e a resistência das educadoras negras advindas das Antilhas Inglesas e descendência no contexto histórico educacional de Porto Velho.

A tese defendida por Sampaio (2010, p. 8) versa sobre a:

[...] tentativa de reconstituição e apresentação de uma escola no início do século XX, em Porto Velho, a partir das memórias contidas nas narrativas/depoimentos das professoras negras, descendentes de trabalhadores **barbadianos** que chegaram para trabalhar na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré – E.F.M.M, e que foram **alunas** da chamada escola dos cateigas, abrigada nos vários espaços do morro do **Alto do Bode** e que apresentava um modelo de **educação não contemplado**, pois a cidade não tinha escolas. O **objetivo do estudo** é apresentar, além da escola, as memórias de **três professoras, sujeitos da pesquisa**, sobre o **funcionamento e os aspectos pedagógicos que fundamentavam a prática escolar**, bem como o aspecto móvel, posto que a escola não funcionasse em um lugar fixo (grifo nosso).

Diante do trecho da tese de Sampaio (2010), acima disposto podemos constatar estudos que trazem e versam sobre a relevância das práxis educacionais no *Barbadian Town* ou *Bajan Hill* pelas afro-antilhanas, desde a chegada desse grupo multicultural em Porto Velho.

Schuidt (2016), na dissertação *A diáspora barbadiana e o legado educacional em Porto Velho*, discute sobre o arcabouço cultural deixado pelo povo **barbadiano** no campo da educação no município de Porto Velho [grifo nosso].

Analizando esses trabalhos como produtos culturais, produzidos por autoras residentes em Porto Velho, devemos esclarecer que esse quarteto de pesquisadoras tem como singularidade alguns aspectos profissionais: são mulheres pesquisadoras e exercem a profissão de professoras; entretanto, todas utilizam o termo **barbadiano**⁵⁷ e os seus estudos perpassam pelo processo educacional, a influência, o legado, a memória de professoras negras [grifo nosso]. É interessante registrar que Siqueira (2007) é professora municipal, descendente dos(as) imigrantes afro-antilhanos(as) que aportaram e viveram em Porto Velho por volta de 1910. O sobrenome Siqueira/Squires está relacionado ao processo de abasileiramento estudado por Blackman (2015, p. 76 - 86).

⁵⁷ Masculino mesmo estudando as mulheres afro-antilhanas na educação. Destacam a visão linear da historiografia regional “Por toda essa diferença cultural, imposta pela colonização inglesa, os Barbadianos **se sentiam superiores em relação aos outros negros**, aos locais e até mesmo à elite branca [...]” SAMPAIO (2010, p. 38, grifo nosso).

Sampaio (2010, p. 8), em sua tese *Uma escola (in)visível: memórias de professoras negras em Porto Velho no início do Século XX*, traz uma visão de dubiedade, ambiguidade, imprecisão e incerteza acerca da existência da escola localizada no *Barbadian Town*, bairro para o qual a autora utiliza a denominação estigmatizada “Alto do Bode”. Pode ser que o fato de trabalhar com a memória nos possibilita essa interpretação, ou porque a escola tinha “bem como **o aspecto móvel**, posto que **a escola não funcionasse em um lugar fixo**” [grifo nosso] como a autora afirma.

São recorrentes essas questões de mobilidade identitária, transmobilidade, diáspora, trânsito, tendo em vista a dispersão forçada do povo negro(a) antilhano(a). Segundo Hall (2003, p. 34), a “cultura caribenha é essencialmente impelida por uma estética diaspórica”. Nas ilhas pequenas das Antilhas Inglesas nos fins do século XIX, as moradias no Caribe inglês, denominadas de *Chattel Houses*, coincidentemente, eram arquiteturas móveis, conforme descrevem Rocha e Alleyne ([200?], p. 311):

As condições de vida no final do século XIX eram marcadas por pequenas vivendas feitas de madeira, em geral dois cômodos construídos de forma precária (*chattel houses*), sobre terrenos alugados ou cedidos dentro das fazendas de açúcar. **Mudar de emprego, em geral, significava mudar-se de casa ou, mais comumente, mudar a casa, pois as *chattel houses* eram casas móveis** (grifo nosso).

Essa descrição contribui na compreensão dos estudos de Blackman (2015) sobre o *Barbadian Town* como forma de resistência cultural, preservação da cultura trazida pelas ancestrais afro-antilhanas, sendo o processo educacional uma das bases identitárias dessa cultura estrangeira em parte da Amazônia Ocidental. A primeira escola móvel e a população marcada pelo movimento diaspórico comprovam o fato de que “[...] todos os processos de produção e manutenção de identidades sociais necessitam do suporte espacial, assim como o espaço geográfico é indissociável das ações sociais” (ROSENDAHL; CORRÊA, 2005, p. 81).

A categoria representação retratada nas pesquisas mencionadas no início desta seção, enquanto objetos culturais, parece “mascarar a realidade” identitária (CHARTIER, 1988, p. 17), pois são construções sociais “[...] determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (CHARTIER, 1991, p. 185).

As autoras são produtoras culturais de seu tempo, memória e cultura, ou seja, foram e são influenciadas pelos conceitos e discursos históricos da temporalidade e da sociedade à qual pertencem e/ou pertenceram; conseqüentemente, reproduzem automaticamente a nomenclatura *Alto do Bode* e *barbadiano* para analisar as professoras afro-antilhanas que compuseram uma comunidade multicultural, de nacionalidades diversas, fruto do processo migratório do Caribe Inglês para as várias regiões da América Latina, Estados Unidos e Brasil (BLACKMAN, 2015, p. 32). Bhabha (2013, p. 124, grifo nosso) afirma que:

Ele lembra uma forma de **narrativa pela qual a produtividade e a circulação de sujeitos e signos** estão agregadas em uma totalidade reformada e reconhecível, Ele emprega um **sistema de representação**, um regime de verdade, que é estruturante similar ao realismo.

Assim, identificamos o poder hegemônico das narrativas, objetos culturais constituídos por sistemas de representações, o que “significa utilizar a linguagem⁵⁸ para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas”; neste caso, a mulher que pertenceu à comunidade afro-antilhana em Porto Velho, um grupo multicultural que foi forjadamente estudado e mencionado como sendo *barbadianas* e *moradoras do Alto do Bode*, termos que são construções do real por meio das representações produzidas, apresentadas e compartilhadas nos objetos culturais, ou seja, por interposição da diversidade textual (HALL, 2006).

Como observamos, a identidade da mulher negra vinda das várias ilhas inglesas do Caribe foi forjada, invisibilizada, generalizada, estigmatizada, silenciada, sendo representadas como *moradoras do Alto do Bode*, *barbadianas*, *lavadeiras* e *prostitutas de Barbados*⁵⁹. Rago (1991, apud, BEZERRA, 2018, p. 130) ressalta que, após a abolição, as ex-escravas, lavadeiras, empregadas domésticas e outras trabalhadoras enfrentavam o “estigma de prostituta” pelo simples fato de circularem fora do âmbito privado das casas.

A historiografia regional⁶⁰ reproduziu alguns termos citados na historiografia nacional e da educação, tendo em vista a uma construção social decorrente da visão

⁵⁸ [...] é capaz de fazer isso porque ela opera como um *sistema representacional*. Na linguagem, fazemos uso de signos e símbolos - sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos (HALL, 2006, p. 18).

⁵⁹ Conforme apresentado na seção 2. A mulher afro-antilhana na historiografia da Educação e da História

⁶⁰ TOMLINSON, H. M. *The sea and jungle* (1912); CRAIG, Neville B. *Estrada de Ferro Madeira Mamoré*. História trágica de uma expedição (1947); NOGUEIRA, Julio. *Estrada de Ferro Madeira-*

hegemônica do colonizador, basta ver que: “[...] as próprias nações são narrativas. O poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para cultura e o imperialismo [...]” (SAID, 2011, p. 11).

As afro-antilhanas inglesas tinham uma identidade multifacetada; por isso, neste trabalho elaboramos um mapeamento acerca da anterioridade das professoras afro-antilhana inglesas e descendentes de barbadianos(as) e granadinos(as) ao longo do processo histórico do município de Porto Velho, levando em consideração, o multiculturalismo social dessa comunidade (HALL, 2006, p. 61). Consideramos que a visão hegemônica corrobora os anos e décadas de ausências, invisibilidade, silenciamento, generalização, linearidade, estigmatização e preconceito presentes nos sistemas de representações sobre a mulher afro-antilhana de Porto Velho e a sua presença precursora na educação.

Sob uma perspectiva cultural, percebemos que, nas pesquisas sobre a temática em tela, ainda lacunares e escassas, são recorrentes as representações hegemônicas, pois não partiram de uma análise cultural, utilizando fontes diversificadas.⁶¹ Essa é uma atividade recente⁶²; e o que existe, maciçamente, conduz para a produção, circulação e reprodução de artefatos culturais com a visão eurocêntrica, hegemônica e reproduzida geralmente por autores e autoras

Mamoré (1959); FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A ferrovia do Diabo** (1995); SOUZA, Márcio. **Breve História da Amazônia** (1994); COSTA, Francisco de Assis. **O grande capital e agricultura na Amazônia**: a experiência Ford no Tapajós (1993); SALLES, Vicente. **O negro no Pará, sob o regime da escravidão** (1971); LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. **Ingleses pretos, barbadianos negros, brasileiros morenos?** Identidades e memórias (Belém, Séculos XX e XXI) (2006); LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. **Barbadianos, negros e estrangeiros**: trabalho, racismo, identidade e memória em Belém de início do século XX. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense (2013). FONSECA, Dante Ribeiro; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **História Regional**: Rondônia (2001); MENEZES, Nilza. **Chá das cinco na floresta** (1998); HARDMAN, Francisco Foot. **O trem fantasma** (1998); FERREIRA H. **Reminiscências da Madmamrly e outras** (1969); CANTANHEDE, Antônio. **Achegas para História de Porto Velho** (1930); SOUZA, Márcio. **Mad Maria** (1980); GAULD, Charles A. Farquhar. **Último Titã**. (2006); FONSECA, Dante Ribeiro. **Barbadianos**: trabalhadores negros caribenhos da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. (2010); MENEZES, Nilza. **Mocambo**: com feitiço e com fetiche (trajetória do bairro Mocambo de Porto Velho (1999); TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **Jovens afrodescendentes de Porto Velho** - Os caminhos para auto-afirmação (2006); SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. **Uma escola (in)visível**: memórias de professoras negras em Porto Velho no início do Século XX (2010).

⁶¹ Escassez de pesquisas que analisem os produtos culturais oficiais, bibliografias primárias, secundárias, documentários, relatórios e outro, confrontando com fontes cartoriais, cartas, entrevistas produzidas também a partir da própria comunidade afro-antilhana e outras fontes de pesquisa.

⁶² Que contribui para legitimação da Lei 11.645 de 10 de março de 2008, que trata da alteração da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

externas(os)⁶³ à coletividade da herança bilíngue, ou seja, que não descendem das imigrantes caribenhas inglesas de nossa região.

3 BREVE HISTÓRIA DAS ANTILHAS INGLESAS

Este espaço é reservado para a contextualização da história de Barbados e Granada,⁶⁴ duas ilhas antilhanas de colonização inglesa, ambas localizadas na América Central. Caracterizamos, ainda, a educação em Barbados nos fins do século XIX.

Na Figura 4, identificamos as Antilhas Maiores e Antilhas Menores, área conhecida também como Caribe Inglês. Em destaque, as ilhas inglesas de Granada e Barbados.

Figura 4 - Mapa das Antilhas



Fonte: Disponível em: https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&tbm=isch&source=hp&biw=1242&bih=597&ei=M7T9XMn_AuzW5OUPhN-L-A4&q=antilhas+&oq=antilhas+&gs_l=img.3..0l10.1035.3964..7071...0.0..0.402.285.4.0j3j1j5j1.....0....1..gws-wiz-img.....0.j_tO_BDeMt4#imgsrc=asdhQjPlwmb7BM. Acesso em: 09 jun. 2019.

⁶³ Destacamos que todo esse conjunto de produção cultural é de fundamental relevância para fundamentar esta tese doutoral, sendo que, os Estudos Culturais têm sua base na contestação de categorias hegemônicas conforme nos afirma Baptista, 2009, p. 452.

⁶⁴ Contextualizar as ilhas de Granada e Barbados tem como motivação o fato de as professoras Aurélia Banfield, Berenice Johnson, Judith Holder, Lydia Johnson e Rosilda Shockness serem descendentes de imigrantes afro-antilhanos(as) advindos(as) dessas duas ilhas, conforme apontado por Blackman (2007; 2011; 2015; 2016; 2019; 2020).

A América Central Insular ou Antilhas é a porção da América Central que se encontra dividida entre diversas ilhas. É composta pelos seguintes países: Bahamas, **Barbados**, Cuba, Dominica, Jamaica, Haiti, República Dominicana, São Cristóvão e Nevis, Antígua e Barbuda, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas, **Granada** e Trindade e Tobago. E ainda pode ser dividida em Grandes Antilhas, que são as grandes ilhas do Mar do Caribe, e Pequenas Antilhas, que são as ilhas caribenhas menores (ANTILHAS, 2019, grifos nossos).

As Antilhas são compostas por uma junção de ilhas banhadas pelo Mar do Caribe, que tiveram influências diversificadas da colonização europeia desde o século XVI, tendo em vista que a região caribenha foi campo de disputa dos países europeus que por ali navegavam, como os espanhóis, os holandeses, os franceses e ingleses (MACPHERSON, 1963).

Anteriormente ao processo de colonização advindo de vários lugares da Europa,

[...] as ilhas eram ocupadas por populações nativas, os ameríndios dos grupos caraíbas e aruaques (ou tainos). Essas populações foram em pouco tempo dizimadas pelas doenças européias, pela fome e maus tratos associados ao regime de trabalhos forçados (ARQUIPÉLAGO, 2019).

A chegada dos colonizadores europeus na região das Antilhas Inglesas, o Mar do Caribe, especialmente na ilha de Barbados, foi determinante para/no processo colonial: “o sistema que se desenvolveu em Barbados, incluindo uma “ideologia da brancura”, se espalhou porque Barbados se tornou um “centro cultural” para as Américas inglesas (MENARD, 2010). Podemos considerar Barbados como o berço das imigrações contemporâneas que aconteceram em fins do século XIX e início do XX para América do Sul, mais precisamente com destino às várias localidades brasileiras e de forma peculiar a região do Mamoré e Guaporé, ou seja, o município de Porto Velho (BLACKMAN, 2015, 37 - 40). Reiteramos que nossa pesquisa está delimitada ao contexto espacial geográfico as Antilhas Inglesas, de maneira peculiar as ilhas caribenhas de Granada e Barbados como já explicado inicialmente.

A partir do século XVI aconteceu o processo de colonização na região das Antilhas, primeiramente os espanhóis, em seguida os ingleses, holandeses e franceses partiram ao projeto “alto mar” de colonizar as Américas. Em consequência das efetivas e recorrentes tentativas de conquistas europeias, associadas com a população tradicional local (grupos caraíbas, aruaques ou tainos) que habitava a região antilhana, novas formas de organização da cultura identitária desencadearam

o fortalecimento da hibridação das tradições dos povos e etnias nessa região (CANCLINI, 2011, p. 283) e “Durante esses dois séculos, os territórios ingleses, franceses e [...] do Caribe passaram por uma “revolução açucareira” e tornaram-se sociedades de plantation escravagistas, gerando imensa fortuna” (GIUSTICORDERO, 2019, p. 19).

Embora a produção do açúcar tenha sido o produto principal na economia das Antilhas, há registro de que muitas ilhas desta região se dedicaram à monocultura da produção do tabaco, que iniciou seu declínio no século XVII; em contrapartida, “a cultura do tabaco foi sendo substituída pela da cana-de-açúcar, incrementando-se o tráfico de escravos africanos” e nesse contexto diaspórico chegaram os negros e negras nas Antilhas Inglesas (ARQUIPÉLAGO, 2019).

Da região das Antilhas Inglesas, precisamente das ilhas de Granada e Barbados, *lócus* inicial desta investigação, partiram as antepassadas das negras que em Porto Velho renovaram o encontro, o desencontro, o trânsito, a viagem, a busca, a luta e a construção por espaço advinda de uma segunda diáspora ao Brasil.

Para Hall (2003, p. 33), o conceito de “diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora”. Diante dessa trincheira visível e invisível, localizada na fronteira, está o local de encontro/desencontro com as diferenças culturais, numa relação de dependência, para se constituir um “novo eu”, sendo “as relações de dependência e subordinação sustentadas pelo próprio colonialismo” (HALL, 2003, p. 34). Nessa conjuntura, em que, segundo Chartier (1988, p. 17), as representações do mundo social “[...] são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam”, encontravam-se as primeiras negras que chegaram ao Brasil e ao município de Porto Velho, no início do século XX. Devemos salientar que na “diáspora, as identidades tornam-se múltiplas” (HALL, 2003, p. 27).

Nossa motivação para sintetizar a história dos dois países antilhanos ingleses de Granada e Barbados se justifica-se, pois analisamos um *corpus* documental⁶⁵ para

⁶⁵ Fichas funcionais localizadas no Arquivo Geral do Estado de Rondônia em Porto Velho; entrevista documentada de Aurélia Banfield; entrevista de Berenice Johnson, disponível no *Youtube*; matérias e informações em *site* regional; resumo bibliográfico da Lydia Johnson, enviada por e-mail; biografia, ato de nomeação como diretora de grupo escolar da professora Aurélia Banfield, que tivemos acesso por meio e-mail; biografia encontrada na página do *Facebook*; imagens e informações, por intermédio, das páginas *Saudosismo Portovelhense*, *Arquivo Histórico Afro-Antilhano*, *Rondônia*, *Minha Querida*

buscar compreender de que maneira cinco mulheres professoras (Aurélia Banfield, Berenice Johnson, Judith Holder, Lydia Johnson e Rosilda Shockness), que têm suas origens culturais ligadas à imigração das(os) antepassadas(os) advindas dessas ilhas, estiveram presentes na educação portovelhense. Granada e/ou Barbados era a terra natal de seus pais, avôs, avós ou bisavós. As primeiras imigrantes negras antilhanas eram professoras que chegaram ao município de Porto Velho e contribuíram inicialmente ao processo de alfabetização e política de gestão escolar de imigrantes das Antilhas Inglesas, filhos e filhas já nascidos no Brasil.

3.1 Granada

As ilhas de colonização inglesa Granada e Barbados ficam localizadas na região denominada de Antilhas Inglesas menores, *Lesser Antilles*, Caribe inglês, conforme mapa apresentado na Figura 5:

Figura 5 - Mapa Grenada e Barbados



Fonte: Disponível em:

<https://www.google.com/search?q=mapa+de+granada+e+Barbados+em+destaque&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKE>. Acesso em: 09 de jun. de 2019.

Rondônia e Série de 100 de Porto Velho, que mostra a história dos barbadianos que migraram para capital (2014). Ver Seção 1 - Caminho e escolha metodológica.

Nossa viagem histórica rumo à Amazônia Ocidental, mais especificamente a Porto Velho, inicia-se partindo da ilha de Granada ou Grenada. De acordo com Macpherson (1963, p. 83) “Grenada area: 120 square [...] lies at the southern end of the are of volcanic islands” e “The first successful attempt to colonize Grenada was made by the French in 1650” (MACPHERSON, 1963, p. 83).

Em 1762 foi iniciado o processo de colonização inglesa. A Inglaterra passou a disputar a ilha antilhana com a França e a população tradicional. Houve resistência da etnia Carib no início das tentativas de colonização europeia. Dessa maneira, os franceses e, em seguida, os ingleses, conseguiram assegurar o mencionado território antilhano. Dessa forma, o processo de independência de Granada foi um ato político recente, conforme relata Francisco (2019):

[...] O país obteve sua independência em 1974. Granada tem 90% do território e da **população (predominantemente negra)** concentrada na ilha de mesmo nome. A nação inclui, ainda, a porção das ilhas Granadinas, habitadas por 10% da população (FRANCISCO, 2019, p. 1, grifo nosso).

A capital de Granada é Georgetown e sua independência da Inglaterra ocorreu de maneira tardia, já na década de 1970, ou seja, no século XX:

Com uma cultura muito particular, Granada é a fusão entre as influências francesa e africana, esta decorrente dos escravos transportados há séculos atrás para trabalhar nas plantações de frutas tropicais, de cana-de-açúcar e de especiarias – não é por acaso que é conhecida como a “ilha das especiarias (GRANADA, 2019).

Esse mosaico cultural decorre da mistura de povos tradicionais locais, ou seja, de comunidades indígenas que porventura resistiram à colonização europeia, mais especificamente às influências dos franceses e dos ingleses, juntando-se aos povos que vieram de vários países africanos. Nesse sentido, Granada é um país marcado pelo multiculturalismo, que “descreve uma série de processos e estratégias políticas sempre inacabados” (HALL, 2003, p. 52-53).

O termo “multiculturalismo”, segundo Hall (2003), faz parte do cotidiano e da vivência, sendo um conjunto de processos e planejamentos políticos que sempre estão em transformações, de acordo com a evolução social, econômica e cultural. Vale destacar que, assim como, outras ilhas **caribenhas menores**, marcadas por oportunidades ínfimas de ascensão social e econômica, migrar era sempre sinônimo de buscar melhor qualidade de vida, no desejo de conquistar vínculo empregatício,

conforme relato do imigrante granadense Norman Johnson, ferroviário da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, registrado por Santilli (1987)

Eu cheguei em Porto Velho em 1º de março de 1929, vim da Guiana Inglesa, mas sou granadense. Porque em Granada fui para Trinidad, trabalhei e, depois, fui para Guiana Inglesa, passei em casa, voltei para Guiana e vim aqui em 1929. Quando cheguei, eu tinha 28 anos de idade, nasci em 1901. Bom, eu resolvi vir para cá porque aquele **pessoal das ilhas pequenas**, especialmente da minha - Granada -, os jovens, na sua maior parte, tinham que **trabalhar em outras terras**. Lá não havia fábricas, indústrias, o trabalhador ficava no campo, no roçado, no sítio. Muitos de meus irmãos saíram da minha terra, foram de Trinidad para Cuba, Venezuela e outros estão aí (SANTILLI, 1987, p. 148, grifo nosso).

O relato do imigrante, que foi funcionário da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, evidencia a situação de subemprego, no campo, no roçado e/ou no sítio. O conjunto situacional na ilha de Granada, a exemplo o pequeno espaço territorial, aliado à alta taxa de densidade demográfica nas ilhas caribenhas menores, são algumas das problemáticas recorrentes nas Antilhas Inglesas menores, o que foi ramificado até os séculos XX e XXI. Assim, a migração internacional é uma possibilidade de atenuar a crise social nessa região, marcada por instabilidade econômica e social relacionada à falta de trabalho, bem como a fatores climáticos e ambientais como furacões e terremotos em algumas ilhas.

3.2 Barbados

Barbados tem como capital a cidade de Bridgetown, localizada nas Antilhas Inglesas, ocupando uma possessão de terras que “faz parte das Antilhas Menores e encontra-se situado a leste do Mar do Caribe” (BARBADOS, 2019, p. 1). Esta ilha de colonização inglesa foi considerada “um “centro cultural” para as Américas inglesas” (MENARD, 2006). O processo de colonização da Inglaterra teve início no século XVII, no ano de 1625: “The English successfully occupied Bermuda in 1612, St Kitts in 1624, and Barbados a year later. Nevis, Antigua, Montserrat, certain of the Bahamas, Anguilla, and Barbuda folwed in quick succession” (MACPHERSON, 1963, p. 23):

Antes do processo inicial de colonização europeia, nessa região antilhana viviam duas principais comunidades indígenas: os Arawak e os Carib

(MACPHERSON, 1963, p. 22). Posteriormente, “um grande número de escravos já chegava à ilha para trabalhar com tabaco e algodão no início dos anos 1640”. Na sequência, deu-se o “*boom* do açúcar” com a importação da mão de obra escrava vinda da África (MENARD, 2006).

A Figura 6, a seguir, apresenta um mapa com destaque para Barbados.

Figura 6 - Barbados C



Fonte: Barbados country profile (em inglês). Disponível em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/country_profiles/1154116.stm. Acesso em: 17 jun. 2019.

De acordo com os apontamentos de Rocha e Alleyne ([200-?], p. 312) “a ilha de Barbados, por exemplo, com 430 km² é considerada uma ilha de médio porte para o Caribe, embora seja aproximadamente **trezentas vezes menor do que o estado de Santa Catarina**” sendo o aumento populacional e outras heranças socioculturais interligadas à ruptura do modelo colonial escravista inglês:

[...] a **escravidão foi abolida entre 1834 e 1838** em todas as colônias britânicas, num movimento iniciado no início daquele século e que incluía a propagação de escolas ligadas às igrejas, as quais davam livre acesso a negros e mulatos (ROCHA, ALLEYNE, [200-?], p. 312, grifo nosso).

Marcpherson (1963) comenta sobre a densidade populacional:

With a population density of about 700 per square mile at the time of the emancipation of the slaves, and a rising population ever since, Barbados has not been able to provide adequate opportunities for employment and there have been several waves of emigrants. At different time, migrants have gone to Trinidad, Guyana and Surinam, Central America and the Panama Canal Zone, the Netherlands Antilles, the United States and the United Kingdom (MARCPHERSON, 1963, p.73).

Rocha e Alleyne ([200-?]) analisam que:

[...] os baixos salários pagos aos trabalhadores negros, especialmente no período entre 1870 e 1940, as crises econômicas relacionadas ao preço da cana de açúcar, principal produto de exportação, as convulsões políticas internas e os desastres ambientais como terremotos, tempestades e furacões que destruíam as propriedades e afetavam a oferta de trabalho na região (ROCHA, ALLEYNE, 20?, p. 312 - 313).

Diante das situações elencadas por esses estudiosos, ocorridas ao longo do processo de colonização inglês em Barbados⁶⁶ e demais ilhas de possessão britânica nas Antilhas Inglesas ao longo dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX, migrar era uma forma de buscar melhores condições sociais, em vista da falta de trabalho, escassez de salário razoável, alta densidade demográfica, fatores climáticos e desastres ambientais contribuíram para as inúmeras estratégias de migração.

A imigração afro-antilhana era uma prática alternativa recorrente entre as ilhas de colonização britânica. Os negros e negras embarcavam nos vapores no *Porto de Bridgetown* para outros circuitos circunvizinhos e transnacionais. Dessa maneira, muitos imigrantes antilhanos e antilhanas trabalharam no Canal do Panamá, nos portos e empresas internacionais, a exemplo da Fordlândia,⁶⁷ de concessão ao capital norte americano e inglês, em cidades como Manaus, Belém e Porto Velho, evidenciada por meio da obra de engenharia da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. É relevante destacar que “a **escravidão foi abolida entre 1834 e 1838** em todas as colônias britânicas, num movimento iniciado [...] que **incluía a propagação de escolas ligadas às igrejas, as quais davam livre acesso a negros e mulatos**” (ROCHA, ALLEYNE, [200-?], p. 312, grifo nosso).

⁶⁶ [...] tornou-se gradualmente mais e mais autônoma até que a **independência foi finalmente concedida. Isso ocorreu em 1966 e Barbados** tornou-se um Estado totalmente independente e parte da comunidade das nações (BARBADOS, 2019, grifo nosso).

⁶⁷ COSTA, Francisco de Assis. **O grande capital e agricultura na Amazônia: a experiência Ford no Tapajós**. Belém, Universidade Federal do Pará, 1993.

Compreendemos que as negras que chegavam a Porto Velho, a partir do ano de 1910, tiveram acesso à educação escolar, numa perspectiva visionária, relacionada às negras que participaram da diáspora⁶⁸ diretamente para o Brasil e sua descendência, advinda de uma colonização portuguesa. Então, as mulheres negras afro-antilhanas, quase que de modo geral, chegavam à beira do Madeira à frente de seu tempo, pois eram escolarizadas nas Antilhas Inglesas.

4 DO PORTO DE BRIDGETOWN AO *BARBADIAN TOWN* EM PORTO VELHO

Esta quarta seção tem como objetivos:

- apresentar resumidamente as principais motivações para a travessia, o movimento e chegada da imigração afro-antilhana para o Brasil, principalmente via porto de Belém, sequencialmente, ao recôncavo de Manaus e posteriormente, aportando do mar do Caribe à beira do rio Madeira;
- contextualizar o bairro *Barbadian Town*, em Porto Velho, salientando a atividade educacional promovida pelas mulheres no início do século XX;
- evidenciar a primeira escola informal bilíngue no início do século XX em Porto Velho e as professoras afro-antilhanas que foram destaque na docência e gestão educacional neste bairro de perspectiva estrangeira.

Assim, buscamos responder a segunda e a terceira perguntas de pesquisa: *Qual a primeira escola de Porto Velho? Quem eram os principais responsáveis por tal iniciativa escolar no início do século XX?*

⁶⁸ GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro, Editora 34/UCAM. Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2002.

Figura 7 - Porto de Bridgetown (1902)



Fonte: Disponível em:
https://en.wikipedia.org/wiki/History_of_Barbados#/media/File:Barbados_YORYM-TA0183.jpg. Acesso em: 17 ago. 2019.

De acordo com os estudos de Blackman (2015, p. 38-47), o porto de Bridgetown (Figura 7), durante fins do século XIX e início do século XX, foi palco de abastecimento de carvão, suprimentos alimentares e distribuição de afro-antilhanos(as) para o Brasil e para outras regiões da América Latina e Estados Unidos, bem como para a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré⁶⁹, em Porto Velho (1907/1912).

Craig (1947), Cruz (1910), Tomlinson (1912), Ferreira, R., (2005), Blackman (2015; 2019; 2020), entre outros, enfatizam a passagem e a chegada de vapores ao Porto de Bridgetown, localizado na ilha antilhana inglesa de Barbados.

Abaixo, temos um relato, de acordo com Craig (1947, p. 90), acerca do navio *Mercedita* chegando ao Porto da capital de Barbados:

Não é difícil perceber, pela vigia, que o navio se movimentava lentamente para dentro do **pôrto de Bridgetown**, seguido de vasta frota de pequenas embarcações, pilotados por barqueiros escuros, que gritavam, brigavam e vomitavam impropérios pior que os carroceiros de Nova York, convencidos de que no *Mercedita*, com **seus duzentos e vinte passageiros**, tinham descoberto uma mina (grifos nossos).

⁶⁹ Ver: FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A ferrovia do Diabo**. São Paulo: Melhoramentos, 2005; FONSECA, Dante Ribeiro; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **História Regional**: Rondônia. 4ª ed. Porto Velho. Rondoniana, 2001; HARDMAN, Francisco Foot. **O trem fantasma**: a modernidade na selva. São Paulo: Companhia de Letras, 1988; NEELEMAN, Rose; NEELEMAN, Gary. **Trilhos na selva**: o dia a dia dos trabalhadores da ferrovia Madeira-Mamoré. São Paulo: BEI Comunicação, 2011.

O vapor chegou em Barbados, no Porto de Bridgetown após uma travessia que durava em média 15 quinze dias em navios que partiam dos Estados Unidos e da Filadélfia. Outros vapores saíam da Inglaterra. O *Mercedita* aportou em Barbados em 17 de janeiro de 1878, ocupado por 220 passageiros, compostos por trabalhadores de diversas profissões: eram engenheiros, mecânicos, carpinteiros, lenhadores entre outros trabalhadores que vinham para Brasil.

Primeiramente aportavam em Belém, sendo distribuídos para as várias regiões brasileiras como Manaus, Porto Velho, Acre, Espírito Santo, a fim de trabalhar nas diversas frentes de trabalho, nas construções de obras de engenharia, como ferrovias e portos, na extração da borracha, comandante de navio, lavadeiras, professoras e outras atividades profissionais⁷⁰ em terras brasileiras.

Segundo Ferreira, H. (1969, p. 47), “[...] trouxeram das Antilhas algumas centenas deles, oriundos de Trinidad, Martinica, Granada, São Vicente, Guianas, Jamaica, Barbados, etc. e aqui, na grande Babel reinante foram apelidados de “Barbadianos” [...] **a eles foi permitido trazerem suas famílias** (grifo nosso).

Blackman (2018, p. 903) comenta que:

A pesquisa sobre a temática voltada à imigração da comunidade afro-antilhana para Amazônia, assim como para os estados no Brasil⁷¹. Sendo que podemos observar corrente migratória dos afro-antilhanos nos estados do Amazonas, Acre, Espírito Santo, Pará e Rondônia, entretanto **é estudo pouco explorado no espaço acadêmico** (grifo nosso).

⁷⁰ [...] para Belém, onde ainda há numerosos remanescentes. Esses negros, ostentando nomes anglo-saxônicos e falando o idioma inglês, chegaram em condições bastante favoráveis e galgaram posição social em diferentes setores: arte, **magistério**, economia etc. São geralmente industriais (SALLES, 1971, p. 59, grifo nosso).

⁷¹ Para mais informações ver as pesquisas: BLACKMAN, Cledenice. **Os barbadianos e as contradições da historiografia regional**. Porto Velho: RO, 2007. Monografia (Bacharelado em História). Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, 2007. BLACKMAN, Cledenice. Os imigrantes antilhanos de Porto Velho. In: CAMPOS, A. P.; GIL, A. C. A.; SILVA, G. V. da; BENTIVOGLIO, J. C.; NADER, M. B. (Orgs.) **Anais eletrônicos do III Congresso Internacional Ufes/Université Paris-Est/Universidade do Minho: territórios, poderes, identidades** (Territoires, pouvoirs, identités). Vitória: GM Editora, 2011. BLACKMAN, Cledenice. **Do mar do Caribe à beira do Madeira: A comunidade antilhana de Porto Velho**. Dissertação de Mestrado. Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Porto Velho, 2015. BLACKMAN, Cledenice. **Cultura antilhana em Porto Velho**. Disponível em: <https://oestrangero.org.files.wordpress.com/2014/12/cultura-antilhana-em-porto-velho.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2017. BLACKMAN, Cledenice. A imigração afro-antilhana inglesa para o Brasil, trabalho e memória. In: Rosana Baeninger; Lúcia Machado Bógus; Júlia Bertino Moreira; Luís Renato Vedovato; Duval Fernandes; Marta Rovey de Souza; Cláudia Siqueira Baltar; Roberta Guimarães Peres; Tatiana Chang Waldman; Luís Felipe Aires Magalhães (Orgs.). **Migrações Sul-Sul**. 2ª ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População Elza Berquó Nepo/Unicamp, p. 901-910. 2018. BLACKMAN, Cledenice. A imigração afro-antilhana para o Brasil, historiografia e identidade In: Veronica Aparecida Silveira Aguiar (Org.). **O lugar da história e dos historiadores nas Amazônias**. Macapá: UNIFAP, 2018, p. 54-66 et al.

Apesar do pouco explorado pela academia brasileira o tema relativo à imigração afro-antilhana para o Brasil, citamos estudos relevantes elaborados por pesquisadores e pesquisadoras como: Salles (1971), Costa (1993), Lima M. (2006; 2013), que destacam a imigração e a presença dos afro-antilhanos em Belém-PA nos fins do século XIX e início de XX.

Blackman (2007; 2011; 2010; 2015; 2016; 2018; 2019; 2020); Burgeille (1989; 2009) Menezes (1998; 2010); Sampaio (2010); Schuindt (2016), Neves; Shockness (2012), dentre outros trabalhos de investigação, contribuem e ampliam as perspectivas sobre a presença, o legado e a herança cultural deixada pela comunidade afro-antilhana em Porto Velho, perpassando temas ligados à mulher, identidade, invisibilidade, historiografia⁷², educação e outras proposições correlatas à imigração das Antilhas Inglesas em parte do território da Amazônia Ocidental, especificamente o território portovelhense.

No que diz respeito à presença afro-antilhana em Manaus, os trabalhos de Souza (1980; 1994), Carvalho (2015) citam de maneira bem introdutória a presença dessa comunidade ao longo de terras vinculadas ao Amazonas. No território do Acre e Espírito Santo, temos alguns recortes de matérias *online* sobre a presença da comunidade afro-antilhana, destacando-se o trabalho de Jorge Fernandes, intitulado *Negros na Amazônia Acreana*, que descreve a presença e a participação de negros estrangeiros, possivelmente grupos de *barbadianos*, no período de 1911 na região do Acre. Sobre a expansão da migração afro-antilhana até a região acreana, alguns historiadores afirmam que era motivada pela vida difícil vivida na região da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (FERNANDES, 2012, p. 33-34).

O que há de similar entre os trabalhos aqui citados é que, de forma geral, utilizam o termo *barbadiano* para investigar a comunidade heterogênea e multicultural advinda das Antilhas Inglesas, com exceção dos trabalhos de Blackman (2007; 2015; 2019), Burgeille (1989; 2009), Neves e Shockness (2012), Menezes (1998; 2010), que

⁷² “[...] a proposta geral da coletânea é trazer informações concisas sobre diferentes abordagens teóricas e metodológicas em relação à historiografia. Dividida em três capítulos, realiza uma breve avaliação, mas não menos instigante, sobre o desenvolvimento dos estudos de gênero e, principalmente, da história das mulheres nos estudos acadêmicos [...]. A autora conecta esse debate sobre a história das mulheres às mudanças na historiografia, partindo dos Annales, passando pelas propostas do marxismo, o momento da crise dos paradigmas, até atingir a Nova História [...] Prova disso são algumas críticas apresentadas, como, por exemplo, de que muitas das produções historiográficas sobre as mulheres no Brasil adotaram “concepções essencialistas” sobre “a mulher”, assim mesmo no singular, como ressalta a autora; outra crítica é a da impossibilidade de tratar o tema sem relacioná-lo com outras questões trazidas pela história social, principalmente no que tange à classe e à raça (GONÇALVES, 2006).

utilizam nomenclaturas variantes, como afro-antilhanas, afro-amazônida, caribenho(a), barbadiana, granadina, evidenciando preocupação com a identidade étnica das diversas nacionalidades afro-antilhanas que compuseram a nascente Porto Velho. Os estados do Pará e de Rondônia se destacam, com contribuições mais avançadas sobre a temática; entretanto, é uma área que ainda possui inúmeras lacunas a ser preenchidas, pois “não foram estudados devidamente” (SALLES, 1971, p. 59).

Os estudos sobre a imigração afro-antilhana inglesa necessitam de mais informações, tais como: o quantitativo de descendentes distribuídos em território brasileiro atualmente; as contribuições das mulheres nas diversas áreas; o bilinguismo e o trilinguismo⁷³ ocorridos nas primeiras gerações⁷⁴; o processo de alfabetização nos primeiros anos de chegada dessas(es) imigrantes e descendência; o processo educacional na/para comunidade advinda das Antilhas, entre outros temários variantes e lacunares. O que não podemos negar, todavia, é a comprovação da trans movimentação entre muitos negros e negras das Antilhas Inglesas:

Na pequena ilha de Barbados, os vapores ficavam atracados, por uma média, de um a dois dias, para suprimentos alimentares e abastecimentos de carvão (matéria-prima) para o funcionamento dos navios. Em seguida, após o provimento, seguiam em viagem até Belém, que também funcionava como um lugar de apoio aos viajantes, até a continuidade da viagem e, conseqüentemente, a chegada à região do Rio Madeira (CRAIG, 1947, p. 94, grifo nosso).

Assim, na busca e no sonho de encontrar melhores condições de vida em terras distantes, no nosso caso específico, aportaram à beira do rio Madeira, em Porto Velho, onde os(as) imigrantes constituíram o bairro *Barbadian Town* (BLACKMAN, 2015):

[...] numa pitoresca colina ao Sul de Porto Velho, que recebeu o nome oficial de **Barbedians Town**. **Nela foram construídos vários barracões para alojamento e muitos barbadianos** construíram **seus próprios barracos para viverem com as suas companheiras, pois somente a eles foi permitido trazerem suas famílias** (FERREIRA H., 1969, p. 47, grifo nosso).

⁷³ Falantes do *Bajan* - dialeto advindo com os primeiros imigrantes que partiam de Barbados, inglês britânico e português. “As comunidades podem ser bi, tri, multi ou polilíngues, este é o chamado bilinguismo social e ocorre quando um povo e suas comunidades, comunicam-se em mais de uma língua, oficial ou não. O bilinguismo individual dá-se quando um indivíduo fala (pelo menos), duas línguas diferentes, também muito comum, pode ocorrer tanto em lugares em que o bilinguismo social é menos presente quanto nos locais em que ele se dá de maneira efetiva (AVELAR, 2020, p. 22-23).

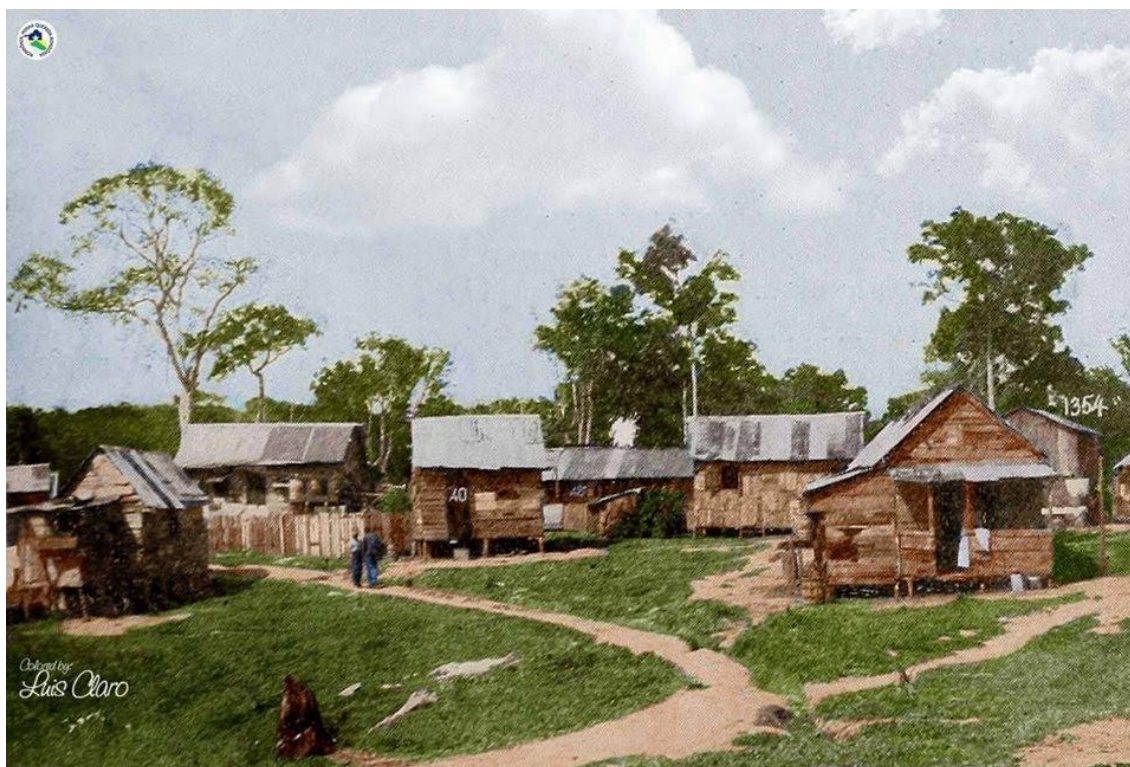
⁷⁴ BLACKMAN, Cledenice; ARENA, Dagoberto Buim; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. **Afro-antilhanos em Porto Velho, Brasil: história, cultura e alfabetização**. Edição: v. 7 n. 7 (2020): Educação formal e não formal, cultura e currículo II. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2479>. Acesso em: 10 jun. 2020.

Esse bairro surgiu por volta de 1910, localizado em um “morro de mais ou menos uns mil metros quadrados, era circundado pelo igarapé e igapós adjacentes” (FERREIRA H. 1947, p. 47). Conforme Blackman; Silva; Pereira, (2019, p. 206) “no aglomerado de casas, que veio a se transformar em um bairro de Porto Velho”.

Assim, no início do século XX, a comunidade afro-antilhana que se formou nas proximidades da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré contribuiu para o equilíbrio populacional da nascente Porto Velho. Reforçamos essa afirmativa, tendo em vista que **“Porto Velho had a population of about three hundred. There were Americans, Germans, English, Brazilians, a few Frenchmen, Portuguese, some Spaniards, and a crowd of negroes and negresses** (TOMLINSON, 1912, p. 163, grifo nosso), ratificado pelos estudos de Blackman, Silva e Pereira (2019).

A Figura 8, a seguir, apresenta uma imagem do *Barbadian Town* em Porto Velho.

Figura 8 - Barbadian Town em Porto Velho



Fonte: MERRILL, Dana. **Barbadian Town em Porto Velho**. Arquivo Histórico Afro-Antilhano. Colorido por Luis Claro.

Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2021854291442981&set=a.1974688732826204&type=3&theater>. Acesso em: 18 jun. 2019.

A Figura 8 demonstra a iniciativa de construção da cidade de Porto Velho, por volta de 1910, que, conforme afirma Tomlinson (1912, p. 163), Ferreira M. (2005, p. 212):

“[...] tinha uma população em torno de 300 pessoas. Eram americanos, alemães, ingleses, brasileiros, alguns franceses, portugueses, alguns espanhóis uma **multidão de negros e negras**”⁷⁵. “[...] durante o ano de 1910, chegaram a Porto Velho, contratados pela companhia seis mil e noventa mil homens 6.090 [...] brasileiros e portugueses, 1.636; Antilhas e Barbados, 2.211; espanhóis, 1.450; entre aqueles 299 de procedência desconhecida, estavam representantes de toda nacionalidades.

Este grupo formado pela comunidade afro-antilhana inglesa localizada no *Barbadian Town*⁷⁶. Nesta imagem, observamos um agrupamento de residências localizadas num “[...] morro com mais de 5 metros⁷⁷ de altura. As casas ficavam no alto, construídas de madeira e zinco⁷⁸”, assim como ocorreu na ilha de Barbados, onde “as casas dos naturais são quase todas de madeira. Não vimos um único tijolo em toda ilha” (CRAIG, 1947, 91; BLACKMAN, 2007, p. 35). No Brasil, os(as) imigrantes afro-antilhanos(as) de Porto Velho viveram inicialmente no *Barbadian Town*, posteriormente no Bairro Triângulo em casas estilo *Chattel House*⁷⁹ (BLACKMAN E., 1981).

⁷⁵ Essa afirmativa sobre a “multidão de negros e negras” deixa evidente a contribuição da presença afro-antilhana na questão educacional, cultural, social discutida por Blackman (2015). Assim, podemos declarar que a história da educação no município de Porto Velho surgiu da participação efetiva do negro e da negra afro-antilhana inglesa e sua descendência.

⁷⁶ Elton Blackman informa que o bairro existiu até o ano de 1942. BLACKMAN, Elton. **Entrevista documentada** encontrada no Centro de Documentação Histórica de Rondônia - CDH - RO. Projeto Pró-Memória, 1981. Berenice Johnson afirma que o *Barbadian Town* existiu até 1943, ano que vamos trabalhar por fazer menção sobre a data de criação do Território Federal de Guaporé, em 13 de setembro, momento histórico que inicia de fato a ínfima política de educação viabilizada pelo governo da época na região, conforme consta em: GOMES, Pascoal de Aguiar. **A educação escolar no Território Federal do Guaporé (1943 - 1956)**. Universidade Federal de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Educação. Cuiabá, 2007.

Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=94743. Acesso em: 24 fev. 2020.

⁷⁷ Até o momento temos vestígios de igarapé na região em que era localizada o *Barbadian Town* em Porto Velho. É uma área que, em época do inverno amazônico, ou seja, das chuvas intensas, fica submersa pela influência do Rio Madeira e dos igarapés na região. Ver imagem atual na seção 5 e Figura 12.

⁷⁸ Entrevista do Elton Blackman encontrada no Centro Documentação Histórica de Rondônia em 2005. BLACKMAN, Elton. **Entrevista documentada** encontrada no Centro de Documentação Histórica de Rondônia - CDH - RO. Projeto Pró-Memória, 1981.

⁷⁹ Casas antigas, localizadas em Barbados, construídas em estilo caribenho, sendo que em Porto Velho ainda existem resquícios arquitetônicos dessas habitações em alguns bairros como: Triângulo, Centro e Caiari. **Da Dinamarca para o Caribe, a procura de suas raízes**.

Disponível em: <http://www.gentedeopinioao.com.br/lerConteudo.php?news=39219>. Acesso: 09 de jan. de 2015. Mais informações consultar os estudos da pesquisadora Blackman (2015, 53 - 56).

Dessa maneira, o Município de Porto Velho surge oficialmente fundada em 02 de outubro de 1914, Porto Velho foi criada por pioneiros em torno de 1907, durante a construção da Madeira- Mamoré. Após [...] foi concluída, a população local foi de cerca de mil habitantes, seus edifícios foram principalmente às instalações da ferrovia e das casas de madeira dos trabalhadores do Caribe - daí o nome do maior distrito da cidade até então. “[...] recebeu o nome oficial The barbedians Town [...] certo dia crismado por um qualquer espirituoso nordestino aos passar por perto, ALTO DO BODE⁸⁰”. (FERREIRA H, 1969, p. 47 - 48, grifo do autor).

Em entrevista documentada, Elton Blackman, descendente de Barbados, bilíngue, músico, ferroviário e que foi morador do *Barbadian Town*, afirma que este bairro existiu do ano de 1910 a 1942.⁸¹ Localizamos essa interlocução no Centro de Documentação Histórica de Rondônia - CDH/RO, no ano de 2005.

Quanto à denominação *Alto do Bode*, atribuída ao *Barbadian Town*, é um termo pejorativo, preconceituoso, estigmatizado e depreciativo⁸², entretanto, como vimos, é citado por Ferreira H. (1969) e reproduzido pela historiografia regional e reforçado na memória local. Uma professora universitária⁸³, descendente granadina/barbadiana, falante de inglês/português, moradora no *Barbadian Town* durante sua infância, recorda que:

O preconceito sempre fez parte dos obstáculos surgidos na vida de dona Berenice, diz ela, que lembra com revolta as versões que considera preconceituosa da origem do nome “Alto do Bode”, local onde nasceu. Ela lembra que, *até em versões de escritores conceituados, como Esron de Menezes, houve o “desrespeito” ao termo [...] (RODRIGUES, 2004, p. 1, grifo nosso).*

No entanto, foi nesta localidade, em destaque na Figura 9, que a comunidade afro-antilhana existiu, resistiu e trouxe parte de sua cultura, à exemplo da iniciativa educacional neste povoado estrangeiro à beira do rio Madeira, durante os anos de 1910 a 1943.

⁸⁰ Blackman (2015, p. 50) [...] mapeou aspectos endógenos criados a partir da visão dos descendentes de negros afro-antilhanos que moraram no *Barbadian Town*, contrastando com as imagens, representação e visão produzida por agentes sociais exógenos, que não deixam de ser superficiais, com ideias baseadas no preconceito e na discriminação.

⁸¹ Berenice Johnson informa que o *Barbadian Town* existiu até o ano de 1943. Elton Blackman, que nasceu em 20/01/1922 e faleceu em 27/03/1986, também foi morador deste bairro internacional em Porto Velho. Elegemos trabalhar a partir da informação documentada pela professora Berenice Johnson, que nasceu em 19/12/1937, conforme sua ficha funcional, visto que em 13 de setembro de 1943 foi constituído o Território Federal do Guaporé.

⁸² Ver explicação iniciada, aprimorada e detalhada nos estudos de BLACKMAN (2007, p. 35); BLACKMAN (2015, p. 50); BLACKMAN (2019, p. 61).

⁸³ Falecida em 30 de jan. de 2019 em Porto Velho.

Figura 9 - Barbadian Town - Vista de Porto Velho (1910)



Fonte: MERRILL, Dana.

Neste espaço geográfico, viveram por mais de 30 anos os membros dessa comunidade, formada por imigrantes das ilhas inglesas e familiares advindos(as) de Barbados, Guiana Inglesa, Granada, Jamaica, São Vicente e outras nacionalidades caribenhas de colonização inglesa (BLACKMAN, 2019). É importante salientar que “toda identidade implica uma territorialização, assim como a territorialização permite a permanência identitária” (ROSENDAHL; CORRÊA, 2005, p. 85). A influência dessa comunidade, formada por um mosaico sociocultural, composto por crianças, mulheres e homens, resultou numa organização social distinta, intercultural e multicultural na nascente Porto Velho, no início do século XX (HALL, 2003, p. 53).

A influência afro-antilhana em Porto Velho e suas marcas identitárias eram e são visíveis na composição étnica, espacial, cultural e no modelo de edificação de algumas residências na cidade de Porto Velho, na presença marcante nos sobrenomes de herança anglo-saxônico, na arquitetura das casas localizadas primeiramente no *Barbadian Town*, denominadas de *chattel house*⁸⁴ e, posteriormente, nos bairros Triângulo, Caiari e Centro da cidade, a herança e presença na música, na religião e na educação (BLACKMAN, 2015).

⁸⁴ “[...] as **chattel houses eram casas móveis**” (ROCHA; ALLEYNE, [200?], p. 311, grifo nosso).

Por meio da análise documental e bibliográfica,⁸⁵ compreendemos que o *Barbadian Town* perdurou dos anos de 1910 até o ano 1943,⁸⁶ como uma localidade estrangeira onde os(as) imigrantes afro-antilhanos(as) praticavam e contribuíram para prática de jogos em geral, com destaque ao esporte *cricket*⁸⁷, cinema, comércio, orquestra, arquitetura das casas em estilo *chattel house*, bases das religiões protestantes, como a Igreja Batista e Igreja Assembleia de Deus, a língua oficial, o inglês (*bajan*). Tudo isso contribuiu para a fundação educacional do município, iniciando-se uma escola informal que ensinava em inglês. Estes são alguns dos traços, resquícios e anterioridades das presenças identitárias interrelacionadas à imigração das Antilhas Inglesas no município de Porto Velho, de acordo com Blackman (2015-2020) e Ferreira, H. (1969).

A criação artística, cultural e arquitetônica, assim como a prática educacional e religiosa sempre estiveram presentes na comunidade afro-antilhana em Porto Velho, por intermédio do teatro, da musicalidade: “durante o ano de 1910 até 1943, as diversões praticadas no Barbadian Town [...] os cultos, o cinema, a **educação** [...]” (BLACKMAN, 2019, p. 70, grifo nosso).

A Figura 10, a seguir, retrata a banda musical constituída por pessoas procedentes da colônia inglesa de Barbados:

Figura 10 - Banda musical procedente da colônia inglesa de Barbados



Fonte: MERRILL, Dana. Porto Velho 1437. Acervo do Museu Paulista da USP. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=Banda+Musical+Procedente+da+Col%C3%B4nia+Inglesa+de+Barbados>. Acesso em: 23 jul. 2019.

⁸⁵ Analisando a ficha funcional da professora Berenice Johnson, entrevista documentada, a carteira de trabalho do ferroviário Elton Blackman e as bibliografias que tratam sobre o Bairro *Barbadian Town*.

⁸⁶ Sobre a *Demolição do Barbadian Town*, ver Blackman (2019, p. 79-89).

⁸⁷ É um esporte que utiliza bolas e tacos, cuja origem remonta ao sul da Inglaterra, durante o século XVI. Considerado por muitos um esporte parecido com o beisebol. *Cricket* é o esporte nacional de Barbados e das Antilhas [...] Barbados é uma das capitais internacionais do *Cricket* e contribui sempre um grande contingente para equipe de West Indies.

As marcas da identidade afro-antilhana estiveram/estão presentes na musicalidade, por meio da banda musical (Figura 10), na construção dos aspectos étnico, educacional, espacial, religioso, cultural e educacional em Porto Velho. Nas palavras de Canclini (2011),

Ter uma *identidade* seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável. Nesses territórios a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada também nos rituais cotidianos (CANCLINI, 2011, p. 190, grifo do autor).

Nessa colônia estrangeira, fixada no *Barbadian Town*, sendo a maioria de seus moradores e moradoras imigrantes das pequenas Antilhas Inglesas, teve início um processo de ensino para facilitar o acesso pedagógico dos filhos e filhas que vieram do Caribe e/ou os que nasceram já em Porto Velho, em terras brasileiras:

Numa pequena colônia estrangeira, situada no bairro denominado “Alto do Bode” na maioria de descendência inglesa, **já existia uma escola na própria língua para a orientação desses filhos**, dirigida pelos senhores **Friederic A. Banfield** e **dona Priscila** ambos de origem inglesa (SILVA, 1980, p. 56, grifo do autor; grifos nossos).

O fragmento textual de Silva (1980) ajuda a responder nossas segunda e terceira perguntas de pesquisa: *Qual a primeira escola de Porto Velho? Quem eram os principais responsáveis por tal iniciativa escolar já no início do século XX?*

É evidente a preocupação dos(as) imigrantes afro-antilhanos(as) com o processo de desenvolvimento educacional dos seus filhos e filhas da diáspora que partia de Barbados para Porto Velho. Em vista disso, fundaram uma “escola informal, a escola da vida, de mil milênios de existência” (GASPAR, 2020, p. 173).

Essa escola informal, que provavelmente existiu desde o ano de 1910 a 1943, em Porto Velho, teve inicialmente dois gestores: Friederic A. Banfield e dona Priscila, cuja sobrenome, infelizmente, não foi citado. Friederic A. Banfield é pai da professora Aurélia Banfield, descendente de barbadianos(as), que era bilíngue e contribuiu na formação de algumas gerações dos(as) moradores(as) de Porto Velho, no quesito educacional. Na subseção 5.2, destacamos sua contribuição e presença precursora na educação portovelhense, realizando o mapeamento da docente afro-antilhana e desconstruindo a visão cultural hegemônica⁸⁸ da historiografia e de seus artefatos

⁸⁸ [...] um aparato hegemônico remete à necessidade de unificação entre teoria e prática, à formulação de uma nova concepção do mundo (ALVES, 2010, p. 74). “[...] perspectiva da elaboração e da

culturais. Acrescentamos uma professora afro-antilhana que ministrava a língua inglesa, Sátyra Welles Mamete,⁸⁹ em conjunto com *Mister Norman Percival Davy*⁹⁰:

“Mr. Davy e **Da. Sátyra** eram pessoas de fino trato e por esse motivo todas as pessoas elegantes que aqui chegavam procuravam se hospedar na pensão Davy [...]. **Ambos falavam fluentemente o português bem como foram também os melhores professores de inglês que apareceram por aqui**” (JORNAL ALTO, 1982, p. 6).

É importante destacar que a instrução escolar, nas ilhas britânicas, foi sempre basilar na cultura afro-antilhana dos/das imigrantes do Caribe inglês, de acordo com Rocha e Alleyne (20?):

A escravidão foi abolida entre 1834 e 1838 em todas as colônias britânicas, num movimento iniciado no início daquele século e que incluía a propagação de escolas ligadas às igrejas, as quais davam livre acesso a negros e mulatos [...]. O fato desses imigrantes chegarem ao país com **escolaridade mediana** para a época foi marcante na diferenciação entre os negros brasileiros e os estrangeiros no período pós-abolição no Brasil (ROCHA, ALLEYNE, 20?, p. 312, grifo nosso).

Portanto, é imprescindível trazer à luz da historiografia, da história da educação, da política educacional não estatal, a participação, a presença, contribuição e a anterioridade das mulheres afro-antilhanas em Porto Velho, no início do XX, mais precisamente no ano de 1910, considerando-se as práticas sociais que auxiliaram na construção educacional dessa região amazônica, ligada a uma comunidade afro-caribenha inglesa. Os estudos de Sampaio (2010, p. 10), por exemplo, buscaram

[...] focalizar e tratar especificamente de **uma escola** que, embora não tenha sido institucionalizada, **marca a comunidade negra** do Alto do Bode pelo fato de **representar a primeira educação e constituir um marco de referência na história** desses sujeitos e da cidade (grifos nossos).

construção da cultura das classes subalternas, pois entendemos aqui hegemonia e cultura dentro de um sistema de força, por um lado; e, por outro, como formas de busca de consentimento desenvolvidas por políticas como expressão de uma concepção de mundo, estratégia para influenciar a esfera da cultura e o sentido dos processos que acontece nesta” (ANGELI, 2011, p. 123).

⁸⁹ Ver Quadro 3: Mulher afro-antilhana moradora do *Barbadian Town* em Porto Velho, 2020. Fonte: Jornal Alto Madeira. **Norman Percival Davy**. 1917 a 1989. Ano 1955 / Edição 04863 (1), p. 3. Porto Velho, 15 de maio de 1955.

Disponível

em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pesq=N.%20P.%20Davy&pagfis=44568>. Acesso em 2 de set. de 2020.

⁹⁰ Procedente da Guiana Inglesa conforme Blackman, 2020, p. 127.

Enfatizamos que nossos estudos se fundamentam em pistas, a partir de um *corpus* diversificados de fontes documentais, iconográficas e bibliográficas, não apenas a partir da categoria de memória e da história das professoras descendentes de barbadianos. A pesquisa de Sampaio (2010) ajuda-nos a compreender e reitera o já escrito na dissertação de Berenice Johnson (Cf. SILVA, 1980, p. 56) sobre a primeira escola do município de Porto Velho, ligada a implementação de uma comunidade afro-antilhana à beira do rio Madeira durante os 1910 a 1943. Conseguimos identificar ao menos duas professoras afro-antilhanas: D. Priscila e Sátyra Welles Mamete.

Portanto, expusemos as principais motivações para a travessia e chegada da imigração afro-antilhana no Brasil, tendo como portal de acesso amazônico o porto de Belém, Manaus e, posteriormente, Porto Velho. Contextualizamos o bairro *Barbadian Town*, em Porto Velho, dando ênfase à atividade educacional promovida pelas mulheres afro-antilhanas inglesas no início do século XX. Assim, respondemos às segunda e terceira perguntas de nossa pesquisa: *Qual a primeira escola de Porto Velho? Quem eram os principais responsáveis por tal iniciativa escolar no início do século XX?*

4.1 A escola informal do *Barbadian Town* em Porto Velho

Nesta seção visamos contribuir para ressignificação da anterioridade da mulher afro-antilhana, identificando o quantitativo de 30 mulheres afro-antilhanas moradoras do *Barbadian Town*. Por intermédio de fragmentos documentais e bibliográficos, descrevemos a forma de funcionamento da escola informal e como acontecia a educação informal⁹¹ no *Barbadian Town*⁹² em Porto Velho, durante o período de 1910

⁹¹ “[...] como um processo através do qual todo indivíduo adquire habilidades, conhecimentos, atitudes e valores ao longo de sua vida. Tal processo está intimamente relacionado aos estímulos e inibições recebidas a partir da experiência cotidiana, bem como a disponibilidade de recursos e influência educativa exercida pelo ambiente no qual o indivíduo se insere” (COSTA R., 2014, p. 437). Tendo em vista que não foi nenhuma escola projetada pelo Estado e sim pela iniciativa da própria comunidade afro-antilhana inglesa em Porto Velho.

⁹² Ver Figuras 8 e 9.

a 1943. Dessa forma, buscamos responder nossa quarta pergunta de pesquisa: *Como funcionava a primeira escola informal localizada no Barbadian Town?*

De acordo com Hugo Ferreira (1969, p. 47), “somente a eles⁹³ foi permitido trazerem suas famílias”.

O contingente maior era procedente das Antilhas e Barbados [...] durante o ano de 1910 chegaram a Porto Velho contratados pela companhia, **seis mil e noventa homens** (6.090) [...] **Antilhas e Barbados, 2.211** [...]. Nesse número estão computados os chegaram a Porto Velho por conta própria, e trabalharam ou não na construção (FERREIRA, 2005, p. 211-212, grifo nosso).

A nenhum outro grupo foi autorizado acesso ao complexo industrial da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (1907/1912), à exceção do alto escalão da administração, formado basicamente por norte-americanos ou ingleses. Gauld (2006, p. 191) afirma que “[...] a vida também parecia melhor para os homens na EFMM, até então virtualmente sem mulheres”.

Mediante investigações realizadas na hemeroteca virtual⁹⁴ vinculada a Biblioteca Nacional, certidão de batismo localizada na Igreja Anglicana, em Belém-PA,⁹⁵ e complementando o mapeamento iniciado e elaborado por Blackman (2010; 2015; 2019; 2020), conseguimos identificar e mapear a presença de uma média de 30 mulheres afro-antilhanas, cujos nomes completos constam em matérias do jornal *Alto Madeira*, referente ao período de 1917 a 1921, 1955 e 1982 a 1984. Na fase inicial do surgimento do município, no ano de 1910 Porto Velho tinha uma população de pouco mais de 300 pessoas (TOMLINSON, 1912, p. 163). Assim, a presença identitária e o registro de 30 mulheres afro-antilhanas, sendo uma delas professora de inglês, é uma informação significativa para o período inicial do século XX e para nossa pesquisa.

No Quadro 3, apresentamos as 30 mulheres afro-antilhanas moradoras do Barbadian Town em Porto Velho (1910-1943).

⁹³ Referente aos imigrantes das Antilhas Inglesas para Porto Velho.

⁹⁴ Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 24 de out. 2020.

⁹⁵ Contribuição na pesquisa documental realizada na Biblioteca Nacional, seção Hemeroteca, por **Marcos Paulo Santos Evaristo**, que é descendente afro-antilhano, especificamente da ilha de Santa Lúcia responsável pela página do Facebook Arquivo Histórico Afro-antilhano [grifo nosso].

Quadro 3 - Mulheres afro-antilhanas moradoras do *Barbadian Town*, em Porto Velho

MULHERES AFRO-ANTILHANAS MORADORAS DO BARBADIAN TOWN (1910/1943)				
Nº	Nome Completo	Nascimento	Nacionalidade	Cargo
1	Ada Wade	1899	Barbadiana	Doméstica/Lavadeira
2	Adriana Beckles	- *	Barbadiana	-
3	Adriana Ford	1882	Barbadiana	Lavadeira
4	Annie Ferguson	1889	Barbadiana	Doméstica
5	Beatriz Chase	-	Barbadiana	Lavadeira
6	Blanche Brathwaite	-	Barbadiana	Lavadeira
7	Catharine Thomas Shockness	1894	Granadina	Lavadeira
8	Constança Goodrich	-	Barbadiana	Doceira/Lavadeira
9	Daisy Green	1901	Barbadiana	-
10	Ella Kennedy	1872	Barbadiana	-
11	Estelle Gilkes	1886	Barbadiana	Enfermeira/Parteira Doméstica
12	Gladys Ellis	-	Barbadiana	-
13	Gladys Miller	-	Barbadiana	-
14	Haydée Grippe	-	Barbadiana	-
15	Irene Williams	-	Barbadiana	Lavadeira
16	Janeth Chalender	1890	Barbadiana	Lavadeira/Doméstica
17	Juanita Overton	1885	Barbadiana	Lavadeira
18	Louise Banfield ⁹⁶	-	Barbadiana	-
19	Margareth Morris	-	Barbadiana	-
20	Marion Katura Hinds ⁹⁷	-	-	-
21	Mary Harvey	-	Barbadiana	Lavadeira
22	Mary Rebecca Morrison ⁹⁸	-	Trinitária-Tobagense	-
23	Miriam Goodrich	-	Barbadiana	Lavadeira
24	Modesta Korbin	-	-	Doméstica
25	M. Taylor	-	-	Musicista
26	Luiza Layne	-	Barbadiana	Lavadeira/Cozinheira
27	Sátyra Welles Mamete	-	Barbadiana	Professora de Inglês
28	Susan Whitford	1892	Barbadiana	Doméstica
29	Viola Brockles	1885	Barbadiana	-
30	Violeta Jones	-	Barbadiana	Lavadeira

Fonte: Organizado pela autora, a partir de informações encontradas no livro *Do Mar do Caribe à beira do Madeira*, com colaboração do Marcos Paulo Santos Evaristo⁹⁹.

-* = Registro não encontrado.

As referências constantes no Quadro 3 contribuem para a identificação de algumas mulheres afro-antilhanas inglesas que viveram em Porto Velho, no período de 1910 a 1943, no *Barbadian Town*. Essas mulheres tinham diversas nacionalidades afro-antilhanas inglesas, havendo predominância barbadiana, e desempenhavam

⁹⁶ Mãe da professora Aurélia Banfield. Ver subseção 5.2.1.

⁹⁷ Moradora de Vila Murtinho.

⁹⁸ Moradora de Jacy-Paraná.

⁹⁹ Realizou pesquisas no site da Biblioteca Nacional, Hemeroteca, Jornal Alto Madeira (RO) (estes periódicos estão disponibilizados na página do Facebook Arquivo Histórico Afro-Antilhano) e nas certidões de batismo pertencente aos Registros de Batismos (1912-1966). IEAB - Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, St. Mary's Anglican Church Pará.

diversas funções, no geral, lavadeiras e algumas executavam dupla ou tripla função profissional, como enfermeira, parteira e doméstica¹⁰⁰.

Mapeamos a presença de três musicistas¹⁰¹ e duas professoras: a barbadiana **Sátyra Welles Mamete** e **D. Priscila**,¹⁰² que foram as professoras afro-antilhanas antecessoras na educação em Porto Velho durante o período de 1910/1914. Nessa época, a região pertencia ao território do Amazonas e não havia escolas formais na localidade, considerando-se que “a educação com reconhecimento oficial, oferecida nas escolas em cursos com níveis, graus, programas, currículos e diplomas, costuma ser **chamada de educação formal**” (GASPAR, 2020, p. 171, grifo nosso)

De acordo com Lima A. (1987, p. 2),

[...] os primórdios históricos da educação em Rondônia, vamos encontrá-los em **1.915**, mais exatamente, no dia 28 de julho, data da inauguração da **primeira escola de Porto Velho**, então município do Estado Amazonas, pelo intendente major reformado do Exército - Fernando Guapindaia de Souza Brejense (1º Prefeito de Porto Velho) [grifo nosso].

Entretanto, Silva (1980 se refere à existência de um núcleo educacional no *Barbadian Town*, em Porto Velho, que antecede o período registrado por Lima A. (1987):

Numa pequena colônia estrangeira, situada no bairro denominado “Alto do Bode”, na maioria de descendência inglesa, já existia **uma escola na própria língua** para a orientação de desses filhos, dirigida pelos senhores Friederic A. Banfield e dona **Priscila** ambos de origem inglesa (Silva, 1980, p. 56) [grifo nosso].

subsidiadas pela referência de outras memórias¹⁰³ e lembranças dos descendentes¹⁰⁴ bilíngues e moradores do *Barbadian Town* - senhora *Aurélia Banfield*

¹⁰⁰ A imigrante de Barbados, senhora **Estelle Gilkes**.

¹⁰¹ Senhoras musicistas imigrantes afro-antilhanas: **M. Taylor, Cadogan e King**. Foram citados apenas os sobrenomes no Jornal Alto Madeira datado de 17 de junho 1917. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=&Pesq=Uma%20Barbadiana&pagfis=25799>. Acesso em: 25 de out. 2020. Matéria sobre uma associação dirigidas pela comunidade afro-antilhana, destacando a solenidade denominada *The Porto Velho Boys Dramatic Association* em benefício Cruz Vermelha inglesa. Houve apresentação teatral, musical, duetos e cantores [...] acompanhados a piano e bandolins.

¹⁰² Conforme relata Silva (1980, p. 56), antes de seu falecimento Berenice Johnson nos confidenciou que tivemos uma prima barbadiana, moradora do *Barbadian Town*, chamada Mary, que era uma exímia musicista e tocava piano.

¹⁰³ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo. Centauro. 2006.

¹⁰⁴ Análise documental das entrevistas documentadas de Aurélia Banfield e Elton Blackman. Ambas localizadas no Centro Histórico de Rondônia - CDH/RO, no ano de 2005, pela autora desta tese. As entrevistas encontram-se em anexo na dissertação denominada **Do mar do Caribe à beira do Madeira**: a comunidade antilhana de Porto Velho (UNIR).

e senhor *Elton Blackman* -, é possível inferirmos a possibilidade de existência de uma escola localizada no *Barbadian Town* e, ao que tudo indica, aconteceu no *Barracão do Morro do Bode*:

[...] Barracão do Morro do Bode. ***Aquele Barracão servia para tudo. Servia pra cultos protestantes, Batista, etc, e também as festas***” (BANFIELD, BLACKMAN, E, 1981): “Provavelmente durante o ano de 1910 até 1943 as diversões praticadas no Barbadian Town [...] os cultos, o cinema, a **educação** [...]” (BLACKMAN, 2019, p. 70, grifo nosso).

No livro de nossa autoria, intitulado *Do mar do Caribe à beira do Madeira: Historiografia, Cultura e Imigração*, reconstituímos um pouco da história dessa colônia inglesa situada em Porto Velho durante os anos de 1910 a 1943. É muito provável que houve outras professoras além da *dona Priscila*, *Satyra Welles Mamete*, que eram imigrantes afro-antilhanas, assim como os professores *Friederic A. Banfield* e *Norman Percival Davy*¹⁰⁵. É notória a distinção que advém do resquício da sociedade patriarcal¹⁰⁶, pois os registros citam apenas o primeiro nome da professora, como *dona Priscila*, no entanto o professor é citado com nome e sobrenome. Assim, salientamos que *dona Priscila* e *Satyra Welles Mamete* foram duas professoras imigrantes afro-antilhanas na escola de educação informal bilíngue no contexto amazônico. Segundo Gaspar (2020),

Na educação informal, não há lugar, horários ou currículos. Os conhecimentos são partilhados em meio a uma interação sociocultural que tem, como única condição necessária e suficiente, existir quem saiba e quem queira ou precise saber. Nela, ensino e aprendizagem ocorrem espontaneamente, sem que, na maioria das vezes, os próprios participantes do processo deles tenham consciência (GASPAR, 2020, p. 173).

No *Barbadian Town* havia o bilinguismo¹⁰⁷, uma educação, uma escola bilíngue, que servia para orientar e ensinar em língua inglesa e a língua portuguesa: “os

Disponível em:
<http://www.ppghisec.unir.br/uploads/83939544/DISCENTES/Turma%202013/Cledenice%20Do%20mar%20do%20Caribe%20a%20beira%20do%20Madeira.pdf>. Acesso em: 25 out. 2020.

¹⁰⁵ Informação localizada no **Jornal Alto Madeira**.

Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pesq=N.%20P.%20Davy&pagfis=44568>. Acesso em: 2 set. 2020.

¹⁰⁶ O patriarcado não significa o poder do pai, mas o poder masculino, centrado na figura do homem (NOGUEIRA R., 2016, p. 2). “[...] As teorias do patriarcado têm dirigido sua atenção à subordinação das mulheres e encontrado a explicação dessa subordinação na “necessidade” masculina de dominar as mulheres” (SCOTT, 1995, p. 77).

¹⁰⁷ As comunidades podem ser bi, tri, multi ou polilíngues; este é o chamado **bilinguismo social** e ocorre quando um povo e suas comunidades se comunicam em mais de uma língua, oficial ou não. O **bilinguismo individual** dá-se quando um indivíduo fala (pelo menos) duas línguas diferentes, também muito comum, e pode ocorrer tanto em lugares em que o bilinguismo social é menos presente quanto nos locais em que se dá de maneira efetiva. Os **motivos** para o bilinguismo individual - e também para

primeiros descendentes dos(as) afro-antilhanos(as) [...] primeiramente aprendia-se o *inglês barbadiano* e, por volta dos 8 anos de idade, os(as) descendentes [...] iniciavam o processo de abasileiramento” (SILVA, 1980, p. 56; RODRIGUES, 2004, p. 10), o que também apontam os estudos de Burgeile (1989), Blackman (2019, p. 63 – 75). Deduzimos que, possivelmente, esta seja a primeira experiência educacional bilíngue existente em Porto Velho, precisamente no *Barbadian Town* durante as primeiras décadas do nascente município amazônida.

A respeito dessa escola informal, Sampaio (2010, p. 10) diz ser ela [...] uma **escola**, que embora não tenha sido institucionalizada, marca a **comunidade negra do Alto do Bode** pelo fato de representar **a primeira educação e constituir um marco de referência** na história desses sujeitos e cidade” (grifo nosso). Segundo Sampaio (2010, p. 64), a escola dos “categas”, como era denominada a escola localizada no *Barbadian Town*, surgiu de maneira informal, e tinha como objetivo “a educação dos filhos e o combate ao analfabetismo entre os pares” (SAMPAIO, 2010, p. 45).

A palavra “categas” foi utilizada primeiramente por Mário de Andrade, no livro *O turista aprendiz*, conforme disposto no seguinte trecho:

Aqui se usa “**categoria**” no masculino, e, **melhor ainda, “catega” pra indicar indivíduo importantão**. Como anteontem o marinheiro contando vantagem com um carregador de terra: - Mme. (sic) Penteado é tão rica que o maior **catega** daqui nem dá pra lhe engraxá os sapatos! (ANDRADE, 2015, p. 160, grifo nosso).

Mário Andrade esteve na região amazônica por volta do ano de 1927¹⁰⁸ e teve contato com as mulheres afro-antilhanas, referindo-se a elas como: “Mulher do povo e de chapéu, já sabe, é barbadiana” (ANDRADE, 2015, p. 16, grifo nosso). Essas representações constantes na historiografia regional, nacional e textos diversos são objeto de análise de nossa investigação.

Considerando nossa quarta pergunta de pesquisa: *Como funcionava a primeira escola informal localizada no Barbadian Town?* Podemos dizer que essa escola

o multilinguismo, biculturalismo e multiculturalismo - segundo Jane Jackson, professora canadense de língua inglesa na Universidade de Hong Kong e autora de livros sobre diálogo intercultural, são os mais variados, as pessoas, em muitas parte do mundo, têm mais interação com outras de origens linguísticas e culturais diferentes seja por meio da: imigração (refugiados, imigrantes legais ou ilegais) [...] (AVELAR, 2018, 22-23, grifo nosso).

¹⁰⁸ LOPEZ (2015, p. 1). Posteriormente a palavra **categas** é citada é explicada por Ferreira M. (1961, p. 86).

funcionava de maneira itinerante,¹⁰⁹ nas varandas das casas, cozinhas, quintais e no *Barracão do Barbadian Town*. As professoras utilizaram como metodologia de ensino as cartilhas em inglês, enquanto recurso didático no processo de alfabetizar os filhos e filhas da primeira geração afro-antilhana nascida em Porto Velho. Essa primeira geração, quase de maneira geral, se tornou bilíngue: como primeira língua, no seio familiar, aprendia-se o inglês (*bajan*) e como segunda língua o português. O bilinguismo persistiu na comunidade até a 3ª geração (BLACKMAN, 2007, p. 35; SAMPAIO, 2010, p. 45 - 52).

A intervenção informal educacional bilíngue foi realizada pelas professoras precursoras de imigrantes afro-antilhanas inglesas **dona Priscila e Sátyra Welles Mamete**, a partir de 1910, no *Barbadian Town*, e tinha como função orientar e preservar a primeira língua, “o inglês” enquanto resistência cultural.

A professora universitária aposentada Berenice Johnson¹¹⁰, descendente de afro-antilhanos, bilíngue (inglês e português) e que morou no *Barbadian Town* (1910/1943), deixou registrado por meio de uma entrevista essa herança identitária: “eu comecei a estudar a língua portuguesa, eu tinha idade de oito ano. **Na escola, particular, em que ingressei antes disso, a professora era barbadiana e as aulas eram aplicadas nesse idioma**” (RODRIGUES, 2004, p. 11, grifo nosso). Conforme Munanga (2008, p. 14),

Essa identidade, que é sempre um processo e nunca um produto acabado, não será construída no vazio, pois seus constitutivos são escolhidos entre os elementos comuns aos membros do grupo: língua, história, território, cultura, religião, situação social etc. Esses elementos não precisam estar concomitantemente reunidos para deflagrar o processo, pois as culturas em diáspora têm de contar apenas com aqueles que resistiram, ou que elas conquistaram em seus novos territórios.

Devemos registrar ainda que: “Entre a *colônia barbadiana* aqui residente, **não vi uma só pessoa de ambos os sexos, que não saiba lê e escrever** circunstância

¹⁰⁹ As condições de vida no final do século XIX eram marcadas por pequenas vivendas feitas de madeira, em geral dois cômodos construídos de forma precária (*chattel houses*), sobre terrenos alugados ou cedidos dentro das fazendas de açúcar. **Mudar de emprego, em geral, significava mudar-se de casa ou, mais comumente, mudar a casa, pois as *chattel houses* eram casas móveis** (ROCHA; ALLEYNE, [20?], p. 311. Grifo nosso).

¹¹⁰ Faleceu em 30 de jan. de 2019, aos 82 anos de idade. Fonte: RONDONIAOVIVO. LUTO: **Professora universitária Berenice Johnson morre em Porto Velho** - Berenice estava internada desde dezembro do ano passado. Publicado em 30 de jan. 2019. Disponível em: <http://rondoniaovivo.com/geral/noticia/2019/01/30/luto-professora-universitaria-berenice-johnson-morre-em-porto-velho.html>. Acesso em: 21 jan. 2020.

que se torna digna de registro. Isto porque em sua terra natal a instrução é obrigatória” (ALTO MADEIRA, 1925, p. 2, grifo nosso).

Desse modo, a partir das pistas e fragmentos registrados nesta Seção 4, especificamente na subseção 4.1, foi possível demonstrarmos que:

- realmente aconteceu uma *educação informal*, organizada pelos imigrantes negros e negras que pertenceram à comunidade afro-antilhana em Porto Velho, durante os anos de 1910 a 1943, no *Bairro dos Barbadianos* ou *Barbadian Town*;
- algumas mulheres originárias da imigração das Antilhas Inglesas, a exemplo das professoras *Priscila* e *Sátyra Welles Mamete*, participaram efetivamente desse processo educacional informal, bilíngue, baseado em cartilhas inglesas;
- a escola informal funcionava localizadas no *Barbadian Town*, mais detalhadamente no Barracão, sendo um local fixo, mas também de forma itinerante, nas casas, varandas e nos quintais, neste mesmo bairro;
- a escola informal tinha por objetivo combater o analfabetismo na nova geração que surgia nestas paragens à moda afro-antilhana à beira do Madeira. Igualmente, era uma maneira de disponibilizar a continuidade da língua inglesa (*bajan*) e a educação, símbolo de identidade e resistência, possibilitando dar continuidade ao nível cultural pedagógico trazida pelos(as) antepassados(as)

5 HISTÓRIA DE RONDÔNIA E A EDUCAÇÃO EM PORTO VELHO

Nesta seção, trazemos sucintamente os antecedentes e atualidades da história de Rondônia e a educação em Porto Velho.

A História de Rondônia é marcada a partir das tentativas da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré,¹¹¹ cercada por fatos trágicos, dramáticos e sinistros nas suas primeiras tentativas expedicionárias. Isso é o que demonstram

¹¹¹ Com o propósito de construir uma estrada de ferro que contornasse as quedas e corredeiras do alto Madeira, bem como estabelecer linhas de navegação possível à jusante e à montante desses entraves. Tal mista de transportes, ligada às linhas transoceânicas que trafegavam entre New York e os portos brasileiros (CRAIG, 1947, p. 5).

alguns autores regionais, durante parte do século XIX e XX¹¹² (TOMLINSON, 1912; CRAIG, 1947; FERREIRA, 2005).

Houve três fases de tentativas da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, de acordo com Ferreira M. (1961; 2005), Fonseca; Teixeira (2001). Apesar disso, o projeto da ferrovia tornou-se realidade, na administração de Percival Farquhar,¹¹³ entre 1907-1912, que é o período que nos interessa, pois foi durante esta fase que imigraram diversos afro-antilhanos(as) para a região do Amazonas com objetivo de trabalhar na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, na retirada de borracha, nos portos de cidades como Espírito Santo, Manaus, Belém e Acre, conforme os apontamentos de Salles (1971), Lima (2006; 2013), Blackman (2007-2020).

No ano de 1910,¹¹⁴ houve um trânsito intenso de imigração nacional e internacional à beira do Madeira, o que incentivou o surgimento de Porto Velho, mais precisamente a sete quilômetros abaixo do ponto inicial, que era Santo Antônio, idealizado em duas tentativas que não lograram êxito. Conforme Ferreira (2005),

[...] resolveram ir buscá-los nos países estrangeiros, principalmente na América Central [...] **O contingente maior era procedente das Antilhas e Barbados.** Vinham em segundo lugar, os espanhóis. Depois os brasileiros e portugueses, e, em menor número, gregos, italianos, franceses, hindus, húngaros, poloneses, dinamarqueses, enfim, de cada nacionalidade havia representantes na construção da estrada, uns em maior, outros em melhor número. Mas, de todos os países ali havia súditos. Assim, **durante o ano de 1910**, chegaram a Porto Velho contratados pela companhia, **seis mil e noventa homens** (6.090) [...] **Antilhas e Barbados, 2.211** (FERREIRA, 2005, p. 211-212, grifo nosso).

Durante o período de 1907-1912, administrado pelo norte-americano Percival Farquhar, a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré obteve êxito, ou seja, foi construída e iniciou o seu funcionamento, sendo o ano de 1910 o marco temporal da imigração

¹¹² A partir do século XIX e parte do século XX houve intenso interesse internacional influenciado pela produção da borracha que era produzida pela seringueira nativa da Amazônia; foi o que incentivou grupos internacionais, primeiramente os ingleses e, logo após, os nortes-americanos, a construir a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e posteriormente, constituindo parte do pagamento do Tratado de Petrópolis, assinado em 17 de novembro de 1903 (FERREIRA, 2005, p. 189).

¹¹³ GAULD, Charles A. **Farquhar**, último titã. Tradução Eliana Nogueira do Vale. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

¹¹⁴ Ano do surgimento do *Barbadian Town* em Porto Velho.

maciça de trabalhadores e trabalhadoras afro-antilhanos(as) ingleses(as) para a região do Alto Madeira, ajudando na constituição do povoado de Porto Velho.

Figura 11- Vista de Porto Velho (1910)



Fonte: Merrill, Dana. Disponível em: <http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/efmm/panoramica-aerea-Porto-Velho.shtml>. Acesso em: 26 de out. 2020.

Na Figura 11, destacamos o *Bairro dos Barbadianos*, em Porto Velho, por volta do ano de 1910, no período de construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, que compreendia:

[...] de mais de uns mil metros quadrados era circundado pelo igarapé e igapós adjacentes [...] **numa pitoresca colina ao Sul** de Porto Velho, que recebeu o nome oficial de “Barbadian Town” (FERREIRA H, 1969, p. 47, grifo nosso). Porto Velho chegou a possuir um bairro com o nome de “Barbadoes town” (“Bairro dos Barbadianos”, população que veio da colônia inglesa de Barbados para trabalhar nos serviços da cidade) (FERREIRA M, 2005, p. 245, grifo do autor) “Então, o maior de todos os bairros [...] construído em área de concessão da ferrovia. As moradias abrigavam principalmente trabalhadores negros oriundos das ilhas britânicas do Caribe (PORTO VELHO, 2010).

Em seus estudos e pesquisas, Blackman (2019, p. 79-89) se reporta ao *Barbadian Town/Bajan Hill*, ressignificando, em parte, a herança identitária afro-antilhana inglesa constituída, liderança, representatividade política, econômica,

cultural, social, educação e organizacional interna. Considerado o reduto da Imigração afro-antilhana, o *Barbadian Town* foi destruído, demolido e exterminado por volta de 1943, porém “Depois que saímos algumas pessoas ainda foram fazer casas por lá” (BLACKMAN, E., 1981).

Blackman (2019, p. 84, grifo nosso) trouxe duas versões sobre a destituição do *Barbadian Town*: a **primeira versão** foi narrada por Elton Blackman (1981) que afirma o seguinte: 1) “[...] **tinha dinheiro enterrado no Alto do Bode e então demoliu**. Como só morava estrangeiros achavam que tinham ouro”; a **segunda versão** vem da professora universitária aposentada Berenice Johnson. Segundo esta descendente de afro-antilhanos, o *Barbadian Town* foi destruído devido ao 2) “**medo das autoridades da época, de que a comunidade estivesse se fortalecendo para enfrentá-los**. Este deveria ser o motivo pelo qual foram **banidos** do Alto do Bode” (RODRIGUES, 2004, p. 10)

Blackman (2019, p. 85, grifo nosso) apontou que houve:

[...] duas fases da destruição do *Barbadian Town* em Porto Velho. A **primeira fase** ocorreu na década de 1940 quando os/as antilhanos/as foram banidos, expulsos e suas casas destruídas, porém o morro não foi demolido. Entretanto, os habitantes afro-antilhanos/as foram obrigadas(os) a deixar a localidade. Já na **segunda fase**, que ocorreu na década de 1960, o alto da colina foi literalmente colocado abaixo pelo 5º BEC e sob comando do Coronel Weber.

Assim, na década de 60, com o morro do *Barbadian Town* definitivamente demolido, aconteceu o nivelamento desse território. Blackman (2007, p. 34) relata que “este morro ficava localizado na área conhecida como pátio ferroviário da E.F.M.M., onde atualmente **é constituído o bairro Baixo da União nas proximidades do Porto do Cai n’Água**, sendo que este morro foi destruído”.

Na Figura 12, a seguir, ilustramos uma imagem atual da possível região em que era localizado o *Barbadian Town*, atualmente Rua Rogério Weber, ao fundo do prédio da Justiça Federal, nas proximidades do Tribunal Regional Eleitoral e do Mercado do Produtor. Ao lado tem um igarapé que, em época de cheia, transborda água para as ruas circunvizinhas.

Figura 12 - Vista atual do local provável do *Barbadian Town* em Porto Velho (2020)



Fonte: Imagem fotografada e organizada pela autora (24 out. 2020).

A Figura 12¹¹⁵ traz a vista atual do local provável em que ficava o *Barbadian Town* (1910-1943)¹¹⁶ em Porto Velho, retratando a modificação da paisagem: “área atualmente ocupada entre o Cai N’Água, a avenida Rogério Weber e o Triângulo” (BORZACOV, 2016, p. 59). O conglomerado de casas da comunidade afro-antilhana em Porto Velho resistiu do ano de 1910 a 1943.

Porto Velho¹¹⁷ foi “oficialmente fundada em 02 de outubro de 1914”. Praticamente mais de vinte cinco anos após, a municipalização passou a Território

¹¹⁵ O prédio amarelo fica o Tribunal Regional Eleitoral de Rondônia – TRE; no prédio de cor azul localiza-se a Justiça Federal de Rondônia e a Rua Rogério Weber.

¹¹⁶ Figura 11 - Vista Porto Velho, 1910.

¹¹⁷ [...] Porto Velho foi criada [...] em torno de 1907, durante a construção da Madeira-Mamoré. Após [...] foi concluída, a população local foi de cerca de mil habitantes, seus edifícios foram principalmente as instalações da ferrovia e das casas de madeira dos trabalhadores do Caribe - daí o nome do maior distrito da cidade até então. “[...] recebeu o nome oficial The Barbadians Town [...] certo dia crismado por um qualquer espirituoso nordestino ao passar por perto, ALTO DO BODE”. [Grifo do Autor]

Federal do Guaporé (1943), e tão logo, a Território Federal de Rondônia (1956) e, em 22 de dezembro de 1981, foi criado o estado de “Rondônia, cuja capital é Porto Velho, surgiu de terras que, no passado, pertenciam aos seguintes Estados: Mato Grosso e Amazonas” (FERREIRA H, 1969, p. 47; APOSTILA, 2013, p. 4).

No ano de 1943, a região se tornou Território Federal do Guaporé¹¹⁸, por meio do Decreto-Lei nº 5.812, de 13 de setembro do referido ano¹¹⁹. No ano de 1956 passou à denominação de Território Federal de Rondônia¹²⁰ (FERREIRA M., 1961) e, somente passados 38 anos, o Estado de Rondônia¹²¹ foi criado, em 22 de dezembro de 1981.

O estado de Rondônia¹²² possui uma área territorial de 237.765,240 km², 52 municípios, número de habitantes estimados de 1.796.460”. Porto Velho, a capital, possui uma área territorial de 34.090,952 km²; população estimada de 539.354 pessoas; escolarização de 6 a 14 anos, 94,5 % (Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico – IBGE).

Situado na região norte brasileira, “[...] Rondônia faz fronteira com os estados do Amazonas (ao norte), Mato Grosso (a leste), uma pequena faixa com o Acre (a oeste), além do país boliviano (a oeste). O território estadual possui dois terços cobertos pela floresta Amazônica” (FRANCISCO, 2019, p. 1).

Na Figura 13, a seguir, podemos observar, no mapa do Brasil, o estado de Rondônia e os limites fronteiriços com os estados do Acre, Amazonas e Mato Grosso.

(FERREIRA H, 1969, p. 47 - 48). Lei nº 757 Cria o município de Porto Velho. Porto Velho. Conheça mais sobre a história desta bela aniversariante. Base de Dados. Disponível em: _____. Acesso em: 02 out. 2014.

¹¹⁸ MENEZES, Esron Penha de. **Território Federal do Guaporé**. Retalhos para a História de Rondônia. Livro. II. Editora Gênese. Porto Velho, 1983.

¹¹⁹ [...] história da educação no Território Federal do Guaporé: sua organização e implantação na região depois de transformada na nova unidade da federação, pois falar da educação escolar nesses confins é estar diante de uma história que envolve personagens anônimas, alunos e professores, que constituíram uma identidade particular, própria, dentro do processo civilizador (GOMES, 2007, p. 13).

¹²⁰ FONSECA, Dante Ribeiro; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **História Regional: Rondônia**. 4ª ed. Porto Velho. Rondoniana, 2001.

¹²¹ [...] é um dos mais jovens do país, existe oficialmente [...]. Sua capital, Porto Velho, no entanto, tem pouco mais de um século de história. Pertencia ao estado do Amazonas, depois ao território do Guaporé e finalmente, em 1982, passou à categoria de capital do estado de Rondônia (MARTINS, 2011, p. 1).

¹²² Recebeu este nome em homenagem ao Marechal Rondon. Ver: ROHTER, Larry. **Rondon: uma biografia**. Trad. Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

Figura 13 - Mapa do Brasil: regiões, estados e capitais



Fonte: POLON, Luana. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/mapa-brasil-regioes-estados-capitais/> Acesso em: 22 jan. 2020.

Rondônia é um estado efervescente de multiculturalidade.¹²³ Na atualidade, temos a presença de comunidades tradicionais, ribeirinhos, populações indígenas (Gaviões, Mura, Suruí, Pacaánova¹²⁴ ou Oro Wari, Cinta Larga, Isolados, Karipuna, Kaxarari,¹²⁵ dentre outras), remanescentes dos quilombolas, descendentes afro-antilhanos(as), nordestinos, sulistas e outros que compõem o caldeirão multicultural em Rondônia.

¹²³ [...] não caracteriza uma estratégia política e não representa um estado de coisas já alcançado. Não é uma força disfarçada de endossar algum estado ideal ou utópico. Descreve uma série de processos e estratégias políticas sempre inacabados (HALL, 2003, p. 52-53).

¹²⁴ FONSECA, Dante Ribeiro da. **Estudos de história da Amazônia**. 1ª ed. Porto Velho: Gráfica e Editora Maia, 2007.

¹²⁵ PROCURADORIA da República em Rondônia. **Relação das Terras Indígenas de Rondônia**. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/ro/atuacao/indigenas-e-minorias/relacao-das-terras-indigenas-de-rondonia>. Acesso em: 03 jul. 2020.

A história da educação em Rondônia¹²⁶ surgiu com total ausência do poder público. A ineficiência de políticas públicas para a educação na região rondoniense incentivou marcos mediados por grupos sociais organizados, como o caso da comunidade afro-antilhana que instituiu uma escola bilíngue informal no *Barbadian Town* a partir do ano de 1910 conforme expusemos na seção 4.1 desta tese. De acordo com o excerto de Lima (1987):

A primeira escola criada em Rondônia data do ano de 1913, construída na localidade de Santo Antônio, a sete quilômetros de Porto Velho. Até então, mesmo com a existência de crianças, filhos e filhas dos seringueiros, seringueiras e de imigrantes que vieram para a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, o poder público, neste caso dos Estados de Mato Grosso e Amazonas, estava completamente alheio a tal aspecto (LIMA, 1987apud PACÍFICO; GOMES, 2014, p. 93 – grifo nosso).

A primeira escola instituída pelo governo em Porto Velho¹²⁷ surgiu dois anos após a iniciativa em Santo Antônio, que fica a sete quilômetros abaixo, em território que, na época, pertencia ao Mato Grosso:

[...] os primórdios históricos da educação em Rondônia, vamos encontrá-los em **1.915**, mais exatamente, no dia 28 de julho, data da inauguração da **primeira escola de Porto Velho**¹²⁸, então município do Estado Amazonas, pelo intendente major reformado do Exército - Fernando Guapindaia de Souza Brejense (1º Prefeito de Porto Velho)" (LIMA A., 1987, p. 2, grifo nosso)

A primeira iniciativa escolar desenvolvida com o apoio governamental intitulava-se "*Escola Mixta Municipal*" e atendia uma média de 40 alunos do ensino primário, tendo como professora *Tavelinda Guapindaia* (filha do intendente) (LIMA A., 1987, p. 2, grifos do autor). Em conformidade com Lima A., (1987) contextualizamos o surgimento das escolas em Porto Velho, as quais foram sendo institucionalizadas ao longo da década de 1920, destacando-se que:

¹²⁶ A história do município de Porto Velho se confunde com o início da história do próprio estado, já que foi ele o palco de "desenvolvimento" inicial do, hoje, estado de Rondônia. Este tem em sua memória muitas histórias construídas. Histórias que vão do horror e trágico - entre outras, como aquelas ligadas à construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré; à devastação das florestas e assassinato dos povos indígenas; desumanização do ser humano e destruição do espaço natural em virtude dos garimpos, e os conflitos e massacres na luta dos pequenos agricultores pela terra - até as conquistas - como a resistência e luta dos, também, povos indígenas pelos seus direitos e pela manutenção de suas culturas e a luta incessante dos migrantes por vida e dignidade (PACÍFICO; GOMES, 2014, p. 92).

¹²⁷ Território pertencia ao Amazonas.

¹²⁸ "Nota-se que o funcionamento da primeira escola coincide com o término da construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré" (LIMA A., 1987, p. 2).

- no ano de 1922, o Padre João Nicoletti e o Professor Egydio Bourtnon estabeleceram a Escola Dom Bosco, que ofertava o curso primário;
- no ano de 1923, iniciou-se o funcionamento do Grupo Escolar Estadual “Barão do Solimões”; dos Grupos Escolares¹²⁹ Municipais “Dr. Jonathas Pedrosa” e “Abílio Borges” e do Grupo Escolar Particular “Rui Barbosa”.
- No ano de 1927, adiciona-se às iniciativas educacionais em Porto Velho as escolas particulares “Dr. Joaquim Tanajura”;
- No ano de 1931, as irmãs salesianas instalaram o Colégio Nossa Senhora Auxiliadora;
- Ao final da década de 1930, a Professora Aurélia Banfield instituiu a escola particular Dr. Arthur Lacerda Pinheiro.

A rádio foi de fundamental importância para minimizar as distâncias, os rios e as dificuldades ambientais na região:

[...] ligados ao Governo pela eficiente **rede rádio do Território**. Fomos **pioneiros na criação de escolas dirigidas pelo rádio**¹³⁰, o que permitiu **uma maior difusão de escolas pelo interior, todas dirigidas de Porto Velho. Improvisamos** muitas escolas até com caixotes (MENEZES, 1983, p. 82).

Após esta breve exposição histórica e educacional em terras rondonienses, retornamos ao período 1910 a 1943, quando, neste espaço geográfico, emergiu “um bairro, o Alto do Bode, iniciou a surgir, uma outra cidade” (FONSECA; TEIXEIRA, 2001, p.143). O *Barbadian Town* foi considerado a base espacial, habitada por negros e negras advindas das Antilhas Inglesas, sendo a mais expressiva comunidade internacional que contribuiu para justificar a criação do município, localidade onde foi iniciada a base educacional dessa população que, de maneira informal, instituiu uma escola bilíngue (inglês/bajan-português) na região amazônica, sendo sua anterioridade na educação uma herança identitária das afro-antilhanas em Porto Velho (BLACKMAN; SILVA; PEREIRA, 2019).

¹²⁹ Mencionamos alguns autores e algumas autoras como: Souza (1998, 2006, 2008), Saviani (2007), Vidal (2006), dentre outros(as) que desenvolvem uma análise sobre a criação dos grupos escolares e suas finalidades para a modernização da sociedade brasileira.

¹³⁰ Década de 40 e surgimento da rádio no Brasil e a educação apropria-se desse meio informacional nos confins da Amazônia. Ver: MENEGUEL, Yvonete Pedra; OLIVEIRA, Oseias de. **O rádio no Brasil: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf>. Acesso em: 27 de out. de 2020.

5.1 A presença da descendência afro-antilhana no âmbito educacional portovelhense

Nesta subseção, elaboramos o mapeamento da presença das mulheres descendentes que são profissionais da educação, isto é, as professoras afro-antilhanas no âmbito das esferas municipal, estadual e federal. Os dados foram obtidos com base na busca realizada no Portal da Transparência do Município de Porto Velho, Portal da Transparência do Estado de Rondônia e Portal da Transparência do Governo Federal, tal como por intermédio do buscador *Google*.

Apresentamos um levantamento da herança cultural deixada pelos(as) antepassados(as) - a partir da anterioridade da mulher afro-antilhana - que contribuíram e contribuem como professoras desde a constituição de Porto Velho, situado no *Barbadian Town* (1910/1943). Parte de sua descendência seguiu culturalmente a profissão docente, como marca identitária da herança das identidades culturais, que são “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas, e acima de tudo, nacionais” (HALL, 2006, p. 8).

Blackman (2019) mapeou e apresentou uma média de 29 famílias afro-antilhanas que contribuíram efetivamente para o desenvolvimento do município de Porto Velho, listando sobrenomes das mais diversas linhagens como: Alleyne, Banfield, Blackman, Box, Brown, Davy, Holder, Johnson, Julien, Maloney, Pierre, Siqueira (Squires), Shockness, Winter,¹³¹ dentre outros. Esses sobrenomes podem ser considerados como ícones da identidade e da descendência afro-antilhana, no sentido de que guardam, confirmam e reafirmam a anterioridade e a contribuição da comunidade afro-antilhana, bem como sua participação no desenvolvimento cultural e educacional do município de Porto Velho e do estado de Rondônia. Atualmente, essa comunidade está na quinta geração, encaminhando-se para a sexta, sendo que a descendência, quase que de maneira geral, continua exercendo a profissão docente.

Destarte, apresentamos, na sequência, informações que nos ajudam a compreender, registrar, identificar e corroborar o mapeamento da continuidade e

¹³¹ Pesquisas realizadas nas bases *online*, redes sociais, documentais e outros meios de informações. Utilizamos principalmente estes sobrenomes para construção dos quadros com o mapeamento da presença afro-antilhana na educação em Porto Velho e alguns outros municípios de Rondônia.

predecessora da herança identitária cultural¹³² das professoras descendentes afro-antilhanas que colaboram e/ou colaboraram decisivamente para a educação portovelhense, perpassando todas as gerações. De acordo com a declaração feita por Matias (1998, p. 2, grifo nosso) “[...] os “barbadianos” [...] Seus filhos, netos e bisnetos participaram **ativamente** do processo de desenvolvimento de Porto Velho e do Estado como um todo”.

5.1.1 Professoras descendentes afro-antilhanas (Rede municipal)

Com base nos estudos de identificação das(os) imigrantes afro-antilhanas(os), por nós iniciados desde o ano de 2005 até o presente momento, foi possível produzirmos esse levantamento, essa produção de dados e os demais que constituem esta investigação. Em nosso livro *Do mar do Caribe à beira do Madeira: Historiografia, Cultura e Imigração* (Blackman, 2019), registramos (ver páginas 116-119; 126-128 da obra referida) listas contendo nomes completos de imigrantes e descendentes afro-antilhanos(as) que participaram da saga da construção e no desenvolvimento do município de Porto Velho e de Rondônia, contribuindo, seja nos trabalhos da ferrovia Estrada de Ferro Madeira Mamoré, na extração da borracha, professores, professoras dentre outras atividades profissionais.

Além dos nomes e sobrenomes constantes nas páginas acima mencionadas, e através de busca no *site* da Prefeitura Municipal de Porto Velho, mais especificamente na página do Portal do Servidor/Portal da Transparência (Figuras 14 e 15), conseguimos elaborar o atual mapeamento. No Portal da Transparência,¹³³ mapeamos as professoras descendentes afro-antilhanas utilizando como palavra-chave o sobrenome, por exemplo, **Maloney**.

Observa-se que, nas Figura 14 e 15, a seguir, a descrição do cargo menciona a terminologia “professor”, excluindo o gênero feminino “professora”, reafirmando, por

¹³² Identidade cultural moderna que é formada através do **pertencimento** a uma cultura nacional [...] as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidades culturais (HALL, 2006, p. 22; 47, grifo nosso).

¹³³ Utilizando o Portal de Transparência do Município de Porto Velho, Estado de Rondônia e do Governo Federal construímos os Quadros 4, 5 e 6, além de pesquisas realizadas no site de busca Google para confirmar a legitimação da profissão docente e também conseguimos uma lista com nome de servidoras federais localizada no Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado de Rondônia - SINTERO. Não buscamos informações sobre servidoras inativas no Portal da Transparência.

meio do Sistema Portal da Transparência do Município e do estado, a herança da “existência da dominação patriarcal” (PRADO, 2017, p. 18).

Figura 14 - Prefeitura de Porto Velho - Portal da Transparência

transparencia.portovelho.ro.gov.br/Servidores/Listar/

PREFEITURA PORTO VELHO
PORTAL DA TRANSPARÊNCIA

Início Recetas Despesas Planejamento Estratégico Esquematizado Planejamento / Orçamentos Licitações / Compras Recursos humanos Legislação Outros

< Voltar

Relação Servidores, Lotação e Remuneração

Matricula Nome

Vinculo Cargo Órgãos Localização

Todos Todos Todos

Função Confiança

Todos

Limpar

Fonte: Disponível em: <https://transparencia.portovelho.ro.gov.br/Servidores/Listar/>. Acesso em: 24 de jan. de 2020.

Figura 15 - Prefeitura de Porto Velho Portal da Transparência

transparencia.portovelho.ro.gov.br/Servidores/Listar/

Matricula Nome

Vinculo Cargo Órgãos Localização

Todos Todos Todos

Função Confiança

Todos

Limpar

Copy CSV Excel PDF Print

Pesquisar

Matricula	Nome	Vinculo	Cargo	Órgão	Localização	Função
8690	Maria Aparecida Pereira Maloney	Estatutário	Técnico em Enfermagem	SEMUSA	Maternidade Municipal Mãe Esperança	
28325	Stanley Jorge Maloney	Estatutário	Professor	PGM	Subprocuradoria de Processos Disciplinar	
179160	Ana Clea Depeiza Maloney	Estatutário	Professor	SEMED	EMEF Henrique Dias	

Fonte: Disponível em: <https://transparencia.portovelho.ro.gov.br/Servidores/Listar/>. Acesso em: 24 jan. 2020.

Os sobrenomes de herança inglesa¹³⁴ constituem uma marca identitária, assim como a continuidade na docência para muitas descendentes afro-antilhana em Porto Velho e outras regiões, como Belém, Manaus e Espírito Santo. Segundo Salles (1971), em Belém “[...] ainda há numerosos remanescentes. Esses negros¹³⁵, **ostentando nomes anglo-saxônicos** e falando o idioma inglês, chegaram em condições bastante favoráveis e galgaram posição social em diferentes setores: arte, **magistério**, economia etc.’ (SALLES, 1971, p. 59, grifo nosso). A partir desta pesquisa, em que utilizamos os sobrenomes, encontramos 10 descendentes de famílias afro-antilhanas que contribuem na educação portovelhense, atuando como professoras no âmbito municipal, conforme Quadro 4:

Quadro 4 - Professoras descendentes afro-antilhanas de Porto Velho
(Rede Municipal)

PROFESSORAS DESCENDENTES - PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO VELHO				
Nº	Nome Completo	Cargo	Admissão	Vínculo
01	Ana Clea Depeiza Maloney	Professora	14/02/2002	Estatutária
02	Cledenice Blackman	Professora	08/02/1999	Estatutária
03	Eliene Moraes Siqueira	Professora	27/05/2008	Estatutária
04	Francisca Maria de Jesus dos Santos Gomes Davy	Professora	28/12/2009	Estatutária
05	Grace Sherley Denny Fonseca	Professora	02/08/2002	Estatutária
06	Iane de Araújo Chalender Simplicio	Professora	19/03/2012	Estatutária
07	Joelna Ramos Holder ¹³⁶	Professora	30/05/2008	Estatutária
08	Marcia Adriana Shockness da Silva	Professora	29/03/1999	Estatutária
09	Salome Conde Shockness	Professora	20/05/2009	Estatutária
10	Vana Izabel de Araújo Chalender	Professora	08/05/2008	Estatutária

Fonte: Organizado pela autora (2019). **Portal da Transparência**.

Disponível em: <https://transparencia.portovelho.ro.gov.br/Servidores/Listar/>. Acesso em 04 de jul. de 2019.

¹³⁴ Apesar de algumas famílias descendentes de afro-antilhanas terem abrigado os sobrenomes conforme afirma Blackman (2020, p. 94-103).

¹³⁵ “[...] as investigações acerca da história da mulher brasileira mostram, na perspectiva do Estudos gêneros e da Crítica Feminista, a história da opressão o que lhe tem marcado a trajetória. Condenadas a variadas modalidades de silêncio [...]” (JACOMEL; PAGOTO, 2008, p. 2). Nesse sentido, a ausência, a opressão, o silenciamento das mulheres na literatura, na história e outras áreas. A que destacar a multiplicidades de identidade da mulher, ou seja, quilombola, ribeirinha, indígena, afro-antilhana e assim por diante.

¹³⁶ Afast. Exerc. Mandato Eletivo (Vereadora). Período: 01/04/2017 - 31/12/2020. Fonte: Disponível em: <https://transparencia.portovelho.ro.gov.br/Servidores/Visualizar?id=34132>. Acesso em: 04 jul. 2019.

O Quadro 4 revela que as professoras municipais descendentes de afro-antilhanas vêm participando ativamente na/para educação portovelhense há mais de vinte anos, trabalhando na prática docente municipal. As ancestrais, professoras afro-antilhanas precursoras¹³⁷, eram imigrantes e ainda não havia **direitos trabalhistas no Brasil, o que foi conquistado no ano de 1943**, período conhecido como Era Vargas (1930-1945).¹³⁸ Esse período coincide com a criação do Território Federal do Guaporé (13 de set. de 1943), assim como com a demolição do *Barbadian Town*, que colaborou para aniquilar ou dispersar a prática docente informal, bilíngue e antecedente a política pública de Estado, estabelecida por essa comunidade estrangeira na escola do *Barbadian Hill* em Porto Velho (BLACKMAN, 2019).

5.1.2 Professoras descendentes afro-antilhanas (Rede estadual)

Os dados referentes às professoras descendentes afro-antilhanas de Porto Velho vinculadas ao estado de Rondônia, mais precisamente à Secretaria de Estado da Educação (SEDUC), foram obtidos mediante o acesso e busca ao sítio: <http://www.transparencia.ro.gov.br/Pessoal/Index>, utilizando como descritores os sobrenomes identificados por Blackman (2015, 2019), conforme as Figuras 16 e 17:

Figura 16 - Governo do Estado de Rondônia - Portal da Transparência
Rendimento dos Servidores Públicos

Exercício: 2019 | Mês: Novembro

Nome: Shockness | CPF: | Unidade Gestora: SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCACAO

Consultar

Excel PDF

Procurar:

Detalhes do servidor	Nome	Matrícula	Lotação
	SALOME CONDE SHOCKNESS	300027191	SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCACAO

Mostrando de 1 a 1 do total de 1 registros

Anterior 1 Próxima

Fonte: Disponível em: <http://www.transparencia.ro.gov.br/Pessoal/Index>.
Acesso em: 11 fev. 2020.

¹³⁷ Ver: Seção 4 - Do porto de Bridgetown ao Barbadian Town em Porto Velho e 4.1- A escola informal do Barbadian Town em Porto Velho; Seção 5.2.

¹³⁸ Certamente os debates em prol da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) [...]. No início de 1943 [...] quando a comissão governamental lançou o primeiro anteprojeto da CLT (WELCH, 2015, p. 95).

Figura 17 - Governo do Estado de Rondônia - Portal da Transparência
Rendimento dos Servidores Públicos

Não seguro

|

transparencia.ro.gov.br/Pessoal/DetailServidor?ano=2019&mes=11&matricula=300027191

Menu principal

Pessoal

Remuneração de Servidores

Consulta

Rendimentos do servidores

Rendimentos do Servidor

Matricula/Nome:	300027191	SALOME CONDE SHOCKNESS	Mês/Ano:	11 / 2019
Situação/Cargo:	Efetivo - Professor Classe C		Carga Horária:	40
Lotação:	SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCACAO		Sublotação:	REN/P/VELHO

Fonte: Disponível em:
<http://www.transparencia.ro.gov.br/Pessoal/DetailServidor?ano=2019&mes=1&matricula=300027191>. Acesso em: 11 fev. 2020.

Diante das informações localizadas,¹³⁹ identificamos 11 professoras descendentes de afro-antilhanas¹⁴⁰ que atuam na docência na rede estadual de educação do estado de Rondônia, conforme apresentamos no Quadro 5:

Quadro 5 - Professoras descendentes afro-antilhanas de Porto Velho (Rede Estadual)

Nº	Nome Completo	Cargo	Vínculo
01	Ana Clea Depeiza Maloney	Professora Classe C	Efetivo
02	Anna Paula Johnson Cabral	Professora Classe C	Efetivo
03	Aldenir Pedrina Denny Brown	Professora Classe C	Efetivo
04	Aurea dos Santos Franca Shockness	Professora Classe C	Efetivo
05	Cristiane Joelma Denny	Professora Classe C	Efetivo
06	Iara Alex Braga Davy Lopes	Professora Classe C	Efetivo
07	Jarlana Das Gracas Alves Serra Davy	Professora Classe C	Efetivo
08	Joelna Ramos Holder ¹⁴¹	Professora Classe C	Efetivo
19	Marcia Adriana Shockness da Silva	Professora Classe C	Efetivo
10	Maria Veni Lopes Shockness	Professora Classe C	Efetivo
11	Salomé Conde Shockness	Professora Classe C	Efetivo

Fonte: Organizado pela autora (2019). **Portal da Transparência**. Disponível em:
<http://www.transparencia.ro.gov.br/Pessoal/Index>. Acesso em: 05 jul. 2019.

¹³⁹ Na plataforma disponível em: <http://www.transparencia.ro.gov.br/Pessoal/Index>. Acesso em 05 de jul. de 2019. Não possui a informação sobre o ano de admissão das servidoras. Por este motivo, a categoria não consta em nossos dados.

¹⁴⁰ Pode acontecer de algumas das professoras serem vinculadas às famílias afro-antilhanas devido laços de casamentos com descendentes.

¹⁴¹ Afast. Exerc.Mandato Eletivo (Vereadora). Período: 01/04/2017 a 31/12/2020.

Deste modo, reconhecemos a identidade negra na educação estadual, herança da imigração antilhana inglesa em Porto Velho.

5.1.3 Professoras descendentes afro-antilhanas (Rede Federal)

As informações referentes às professoras descendentes afro-antilhanas de Rondônia vinculadas à rede federal foram construídas por meio do confronto de informação, documentos¹⁴² e pesquisa em bases de busca como o *Google*. Registramos um total de 16 dezesseis professoras, sendo algumas destas pertencentes à primeira geração nascida no Brasil e, quase de maneira geral, são bilíngues e fazem parte das famílias **Brown, Denny, Holder, Johnson, Maloney, Roque, Shockness, Winte**.

No Quadro 6, a seguir, apresentamos as professoras federais descendentes afro-antilhanas de Rondônia.

Quadro 6 - Professoras descendentes afro-antilhanas de Rondônia (Rede Federal)

PROFESSORAS DESCENDENTES - REDE FEDERAL ¹⁴³				
Nº	Nome Completo	Cargo	Admissão	Vínculo
01	Aglaee Christina Denny da Costa ¹⁴⁴	Professora	-	-
02	Aldenir Pedrina M. Denny Brown	Professora	-	-
03	Arlene Suely Holder da Costa	Profª Aposentada ¹⁴⁵	-	-

¹⁴² Lista Geral de Filiados, cedida pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação no Estado de Rondônia (SINTERO) solicitada pela autora via memorando.

¹⁴³ Construímos o Quadro 6 a partir da Lista Geral de Filiados (SINTERO). Exceto as células 2 e 10, em que utilizamos o Portal de Transparência da União e o site de Busca *Google*.

¹⁴⁴ Consta na Lista Geral de Filiados (SINTERO), SINDSEF constata: mais de 350 professores tiveram pagamentos da GEAD liberados. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/leandrolamarao/sindsef-constata-mais-de-350-professores-tiveram-pagamentos-da-gead-liberados>. Acesso em: 29 jan. 2020.

¹⁴⁵ AMARAL, Ronaldo Afonso do. **Deputado Jhony Paixão recebe homenagem de professores**. Publicado em 13 de dez. 2019. Disponível em: <https://www.al.ro.leg.br/institucional/noticias/deputado-cabo-jhony-paixao-recebe-homenagem-de-professores>. Acesso em: 05 fev. 2020.

04	Eunice Luiza Johnson Batista	Profª Aposentada ¹⁴⁶	1981	DE
05	Francisca Lima Roque ¹⁴⁷	Profª Aposentada	-	-
06	Gertrudes Lifina Holder	Professora ¹⁴⁸	-	-
07	Jane Shockness de Souza ¹⁴⁹	Profª EBTT ¹⁵⁰	-	-
08	Lydia Shockness dos Santos	Professora	-	-
09	Lourdes Conde Shockness Alfonsin	Profª EBTT Aposentada	-	-
10	Lucinda Shockness Bentes ¹⁵¹	Profª Ens. Básico Ex-Território ¹⁵²	-	-
11	Luzia Depeiza Maloney	Profª Aposentada	-	-
12	Margareth Conde Shockness	Professora	-	-
13	Raimunda Shockness Simão ¹⁵³	Profª Aposentada	-	-
14	Raquel Messias Shockness	Professora Ex-Território	17/02/1983	RJU*
15	Sywill Winte Shockness	Profª Aposentada ¹⁵⁴	-	-

¹⁴⁶ Universidade Federal de Rondônia. NÚCLEO de Ciências Humanas. **Convite**. A professora Eunice Johnson é professora aposentada do NCH pelo Departamento de Ciências da Educação e pioneira da UNIR.

Disponível em: <http://www.nch.unir.br/noticia/exibir/9691>. Acesso em: 04 jan. 2020.

¹⁴⁷ Filha do ferroviário, falecido, imigrante de Barbados *David Rock*. O brasileiroamento do sobrenome. Ver: Blackman (2020, 94-103).

¹⁴⁸ HOLDER, Gertrudes Lifina. **Veja relação dos professores não portadores de diploma**. Disponível em: <http://livrozilla.com/doc/409238/veja-rela%C3%A7%C3%A3o-dos-professores-n%C3%A3o-portadores-de-diploma>. Acesso em: 13 de fev. de 2020.

¹⁴⁹ Consta na Lista Geral de Filiados cedida pelo SINTERO.

¹⁵⁰ Ensino Básico, Técnico e Tecnológico. **Diário Oficial da União**. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/servlet/INPDFViewer?jornal=529&pagina=23&data=30/09/2019&capachafield=firstAccess>. Acesso em: 29 jan. 2020.

¹⁵¹ NOTA de Pesar. Publicada em 08 de abr. de 2019. Disponível em: <https://www.unir.br/index.php?pag=noticias&id=26763>. Acesso em: 29 jan. 2020. O nome consta na Lista Geral de Filiados cedida pelo SINTERO.

¹⁵² DIÁRIO Oficial da União-DOU. Nº 92, quarta-feira, 15 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/241613239/dou-secao-2-15-05-2019-pg-20>. Acesso em: 12 fev. 2020.

¹⁵³ [...] filha única Raimunda Shockness (criança), atualmente é professora aposentada, com 81 anos de idade, nascida em 25 de jul. de 1938 (BLACKMAN et al, 2020, p. 54).

¹⁵⁴ ALBUQUERQUE, João. **Ex-ferroviário Dionísio Shockness morre aos 92 anos**. Publicado em 25 de jun. de 2014. Disponível em: <https://www.rondoniagora.com/geral/ex-ferroviario-dionisio-shockness-morre-aos-92-anos>. Acesso em: 19 fev. 2020.

16	Ursula Depeize Maloney ¹⁵⁵	Profª Aposentada	1960 ¹⁵⁶	_157
----	--	------------------	---------------------	------

Fonte: Organizado pela autora (2020).

* Regime Jurídico Único.

Dessa forma, é possível compreendermos a presença de uma identidade afro-antilhana em Porto Velho sob a perspectiva da contribuição no que tange a educação que, segundo Munanga (2008),

[...] é sempre um processo e nunca um produto acabado, não será construída no vazio, pois seus constitutivos são escolhidos entre os elementos comuns aos membros do grupo: língua, história, território, cultura, religião, situação social etc. (MUNANGA, 2008, p. 14).

É evidente que tivemos um percentual bem mais elevado de mulheres afro-antilhanas e sua descendência que colaboraram e ainda subsidiam diretamente no processo de desenvolvimento do município e do estado de Rondônia, entretanto não tivemos acesso a mais fontes documentais, registros e informações que nos levassem a ampliar o quantitativo aqui apresentado. Assim, reiteramos que estamos trabalhando com amostragem, no sentido, de compreender, marcar, registrar, evidenciar e confirmar sobre a presença e participação da mulher negra antilhana e sua descendência no processo educacional de Porto Velho, o que está intrinsecamente ligado desde o surgimento deste município, localizado em parte da Amazônia Ocidental.

¹⁵⁵ CONEXÃO RONDONIAOVIVO: **Entrevista com a professora Úrsula Maloney, uma das pioneiras da Educação de Porto Velho**. Disponível em: <http://www.rondoniaovivo.com/conexao-rondoniaovivo/video/2019/10/15/conexao-rondoniaovivo-entrevista-com-professora-ursula-maloney-uma-das-pioneiras-da-educacao-em-porto-velho.html>. Acesso: 04 jan. 2020.

¹⁵⁶ **ÚRSULA Maloney relata trajetória como educadora em Porto Velho**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZgpZgauPDns>. Acesso em: 29 jan. 2020.

¹⁵⁷ Consta na Lista Geral de Filiados (SINTERO). Encontramos a seguinte informação sobre essa professora descendente de barbadianos: “Ela começou a lecionar muito nova e teve colaboração direta na criação do Estado de Rondônia. Sua contribuição foi decisiva para a implantação do sistema municipal de ensino. Úrsula Maloney também exerceu funções administrativas no Governo do Estado e na prefeitura da capital, completou. Ela atuou como professora e supervisora em várias escolas da capital, como a Barão do Solimões, Duque de Caxias, Samaritana, Castelo Branco, John Kennedy e Getúlio Vargas”. ASSEMBLÉIA Legislativa do Estado de Rondônia. **Título honorífico à professora Úrsula Maloney é apresentado na Assembleia**. Disponível em: <https://al-ro.jusbrasil.com.br/noticias/100054097/titulo-honorifico-a-professora-ursula-maloney-e-apresentado-na-assembleia?ref=amp>. Acesso em: 04 jan. 2020.

5.2 A anterioridade e contribuição das cinco *panteras negras* antilhanas no âmbito educacional de Porto Velho

Nesta subseção, utilizamos como base a análise documental das fichas funcionais¹⁵⁸ das professoras **Berenice Johnson**, **Judith Holder**¹⁵⁹, **Lydia Johnson**, **Rosilda Shockness**; no caso específico da professora **Aurélia Banfield**, não encontramos registros documentais no Arquivo Geral do Estado de Rondônia, localizado no município de Porto Velho, todavia tivemos acesso ao *Jornal Alto Madeira*, publicado em 09 de jan. de 1963, no qual se registra o ato de nomeação para a professora Aurélia Banfield assumir a Direção do Grupo Escolar Duque de Caxias. Essa fonte documental nos foi cedida pelo jornalista Zola Xavier e, além disso, recorreremos a uma entrevista documentada de Aurélia Banfield, que encontramos na rede social *facebook* na página *Saudosismo Portovelhense*.

Salientamos que as cinco professoras aqui estudadas têm sua história de vida marcada pela imigração dos seus pais, mães ou das avós ou avôs advindos(as) das ilhas de Barbados e/ou Granada, localizadas no Caribe inglês. Estes e estas imigrantes afro-antilhanas chegaram à região de Porto Velho por conta dos trabalhos na Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (1907/1912)¹⁶⁰. Assim como, a herança identitária inter-relacionada pela vivência profissional na docência e na gestão de instituição escolar em Porto Velho.

¹⁵⁸ Registro documental profissional localizado no Arquivo Geral do Estado de Rondônia, situado na Rua Antônio Lacerda, nº 4228 - Industrial, Porto Velho-RO.

¹⁵⁹ Tivemos acesso à ficha funcional e financeira, localizada no Arquivo Geral do Estado de Rondônia.

¹⁶⁰ BLACKMAN, Cledenice. **Do mar do Caribe à beira do Madeira**: Historiografia, cultura e imigração. I. ed. Appris: Curitiba, 2019. TOMLINSON, H. M. **The sea and jungle**. 1912; CRAIG, Neville B. **Estrada de Ferro Madeira Mamoré**. História trágica de uma expedição. 1947; NOGUEIRA, Julio. **Estrada de Ferro Madeira Mamoré**. 1959; FERREIRA, Manoel Rodrigues, **A ferrovia do Diabo**. 2005; SOUZA, Márcio, **Breve História da Amazônia**, 1994; COSTA, Francisco de Assis. **O grande capital e agricultura na Amazônia**: a experiência Ford no Tapajós. 1993; SALLES, Vicente. **O negro no Pará**, sob o regime da escravidão. 1971; LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. **Ingleses pretos, barbadianos negros, brasileiros morenos?** Identidades e memórias (Belém, Séculos XX e XXI) 2006. FONSECA, Dante Ribeiro; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **História Regional**: Rondônia. 2001; MENEZES, Nilza. **Chá das cinco na floresta**. 1998; HARDMAN, Francisco Foot. **O trem fantasma**. 1988; FERREIRA H. **Reminiscências da Madmamrly e outras**. 1969; CANTANHEDE, Antônio. **Achegas para História de Porto Velho**. 1930; SOUZA, Márcio. **Mad Maria**. 1980; GAULD, Charles A. **Farquhar, último titã**. 2006; FONSECA, Dante Ribeiro. **Barbadianos**: trabalhadores negros caribenhos da estrada de ferro Madeira Mamoré. 2010; MENEZES, Nilza. **Mocambo**: com feitiço e com fetiche (trajetória do bairro Mocambo de Porto Velho. 1999; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **Jovens afrodescendentes de Porto Velho** - Os caminhos para auto-afirmação. 2006; SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. **Uma escola (in)visível**: memórias de professoras negras em Porto Velho no início do Século XX. 2010; BURGEILE, Odete. **Aspectos lingüísticos e sociolingüísticos de uma comunidade falante de língua inglesa, em Porto Velho – RO**. 1989.

Quadro 7 - Ancestralidade e as professoras descendentes afro-antilhanas de Porto Velho

ANCESTRALIDADE E AS PROFESSORAS DESCENDENTES AFRO-ANTILHANAS¹⁶¹			
Nº	Nome Completo	Filiação Materna/Nacionalidade	Filiação Paterna/Nacionalidade
01	Aurélia Banfield (Bilíngue)	Louise Banfield – Barbados	Fred Banfield - Barbados
02	Berenice Elisa Johnson Silva ¹⁶² (Bilíngue)	Elvira Berenice Johnson Brasileira (Bilíngue)	Norman Johnson - Granada
03	Judith Holder (Bilíngue)	Beatriz Chase Barbados	Sidney Morris - Barbados
04	Lydia Johnson de Macedo (Bilíngue)	Elvira Berenice Johnson Brasileira (Bilíngue)	Norman Johnson - Granada
05	Rosilda Shockness	Filiação	Avós Paternos
		Alcira da Silva Shockness Brasileira	Catarine Shockness – Granada
		Irá Eleuza Shockness Brasileiro (Bilíngue)	Charles Nathaniel Shockness - Granada

Fonte: Organizado pela Autora (2020), confrontando as fichas funcionais das professoras, localizadas no Arquivo Geral do Estado de Rondônia, e BLACKMAN (2019, p. 126- 28).

Analisando e confrontando as fichas funcionais das professoras descendentes de afro-antilhanas em conjunto com as informações encontradas no livro *Do mar do Caribe à beira do Madeira* (BLACKMAN, 2019), evidenciamos as identidades das ancestrais, que são afro-antilhanas, ou seja, descendem de uma nacionalidade granadina ou barbadiana.

Nesse sentido, destacamos a afirmativa feita por Matias (1998, p. 2) numa fonte documental (periódico/jornal), segundo a qual “**O que é preciso é identificar suas origens, sua religiosidade e suas nacionalidades verdadeiras.** Seus filhos, netos

¹⁶¹ Análise documental das mulheres descendentes afro-antilhanas que tinham algo similar, ou seja, o exercício da profissão docente no município de Porto Velho e fazem parte da primeira, segunda e terceira geração de imigrantes afro-antilhana nascidas em Porto Velho.

¹⁶² As professoras: Berenice Eliza **Johnson** Silva e Lydia **Johnson** de Macedo eram irmãs e dedicaram toda a sua vida profissional à educação do município de Porto Velho, desde os tempos do Território.

e bisnetos participaram ativamente do processo de desenvolvimento de Porto Velho e do Estado como um todo (grifo nosso).

Portanto, identificamos suas origens e constatamos que as antepassadas, assim como as filhas e netas, na perspectiva educacional, atuaram como profissionais, sendo professoras e até gestoras, contribuíram e contribuem de forma incisiva na construção do processo educacional do município de Porto Velho e do estado de Rondônia.

É importante registrarmos e reiterar que o pai da professora Aurélia Banfield, *Mister Fred Banfield*, dona Priscila, dona Satyra todos(as) de nacionalidade afro-antilhano(a) inglesa, exerceram informalmente a função de professor e professoras no *Barbadian Town*, de acordo com assertiva encontrada na dissertação de Silva B. (1980).

Assim, no Quadro 8, a seguir, respondemos nossa quinta pergunta de pesquisa: *Quais mulheres imigrantes afro-antilhanas e descendência marcaram presença e contribuíram no contexto educacional portovelhense?*

Quadro 8 - As professoras afro-antilhanas e descendência de Porto Velho-RO

MULHER AFRO-ANTILHANA MORADORA DO BARBADIAN TOWN (1910/1943)			
Nº	Nome Completo	Nacionalidade	Cargo
1	Sátyra Welles Mamete	Barbadiana	<i>Professora de Inglês (bilíngue)</i>
2	D. Priscila	Inglesa	<i>Professora bilíngue</i>
PROFESSORAS DESCENDENTES DE AFRO-ANTILHANAS DE PORTO VELHO/RO			
	Nome Completo	Cargo	
3	Aglaee Christina Denny da Costa	Professora	
4	Arlene Suely Holder da Costa	Professora	
5	Ana Clea Depeiza Maloney	Professora	
6	Anna Paula Johnson Cabral	Professora	
7	Aldenir Pedrina Denny Brown	Professora	
8	Aurea dos Santos Franca Shockness	Professora	
9	Cledenice Blackman	Professora	
10	Cristiane Joelma Denny	Professora	
11	Eunice Luiza Johnson Batista	Professora	
12	Francisca Lima Roque	Professora	
13	Francisca Maria de J. dos S. G. Davy	Professora	
14	Grace Sherley Denny Fonseca	Professora	
15	Gertrudes Lifina Holder	Professora	
16	Iane de Araújo Chalender Simplicio	Professora	
17	Iara Alex Braga Davy Lopes	Professora	
18	Jane Shockness de Souza	Professora	
19	Jarlana Das Gracas Alves Serra Davy	Professora	
20	Joelna Ramos Holder	Professora	

21	Lydia Shockness dos Santos	Professora
22	Lourdes Conde Shockness Alfonsin	Professora
23	Lucinda Shockness Bentes	Professora
24	Luzia Depeiza Maloney	Professora
25	Maria Veni Lopes Shockness	Professora
26	Marcia Adriana Shockness da Silva	Professora
27	Margareth Conde Shockness	Professora
28	Raimunda Shockness Simôa	Professora
29	Raquel Messias Shockness	Professora
30	Salomé Conde Shockness	Professora
31	Vana Izabel de Araújo Chalender	Professora
PANTERAS NEGRAS ANTILHANAS NO ÂMBITO EDUCACIONAL EM PORTO VELHO¹⁶³		
32	Aurélia Banfield	Professora
33	Berenice Elisa Johnson Silva	Professora
34	Judith Holder	Professora
35	Lydia Johnson de Macedo	Professora
36	Rosilda Shockness	Professora

Fonte: Organizado pela autora, a partir das informações encontradas no livro *Do Mar do Caribe à beira do Madeira*, análise documental e bibliográfica.

Algumas dessas mulheres afro-antilhanas estiveram presentes e contribuíram nos antecedentes da história da educação portovelhense e de Rondônia, num período histórico em que nem política educacional havia neste território, a exemplo das professoras antecessoras *Sátyra Welles Mamete* e *dona Priscila*, dos tempos de 1910 a 1943, assim como todas as professoras descritas no Quadro 8.

Mas, de maneira específica, por ter sido objeto de análise do *corpus* documental,¹⁶⁴ ressaltamos a presença e a contribuição das docentes Aurélia Banfield, Judith Holder, Berenice Johnson, Lydia Johnson e Rosilda Shockness, que continuaram a trajetória identitária docente, vinda das Antilhas Inglesas, nestas paragens à beira do Madeira. Assim, no Quadro 9, a seguir, apresentamos essas cinco professoras descendentes de afro-antilhanas que estiveram presentes e contribuíram no processo de consolidação educacional em Porto Velho, em fases históricas distintas.

¹⁶³ Título inspirado no movimento Panteras Negras. Ver: CHAVES, Wanderson da Silva. **O partido dos panteras negras**. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/topoi/v16n30/2237-101X-topoi-16-30-00359.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2020.

¹⁶⁴ Apresentada na Seção 1 - Caminho e a escolha metodológica.

Quadro 9 - Professoras descendentes afro-antilhanas de Porto Velho

PROFESSORAS DESCENDENTES AFRO-ANTILHANAS¹⁶⁵				
Nº	Nome Completo	Cargo	Admissão	Data de Nascimento
01	Aurélia Banfield	Professora	1943	30/11/1916
02	Berenice Elisa Johnson Silva	Professora Universitária	22/03/1965	19/ 12/1937
03	Judith Holder	Professora	10/05/1946	14/12/ 1913
04	Lydia Johnson de Macedo	Professora do Ensino Primário	28/02/1955	21/11/1934
05	Rosilda Shockness	Agente de Administração	17/09/1979	29/03/1961
		Professora	15/08/1991	

Fonte: Organizado pela autora (2020). Fichas funcionais das professoras localizada no Arquivo Geral do Estado de Rondônia; *Facebook Saudosismo Portovelhense*. Entrevista Aurélia Banfield (Publicada em 09/04/2016, por Luís Claro). Disponível em: https://www.facebook.com/groups/199910546786793/search/?query=aur%C3%A9lia%20banfield&epa=SEARCH_BOX. Acesso em: 10 jan. 2020.

A professora Aurélia Banfield pode ser considerada como antecessora na atividade docente que iniciou ainda no ano de 1943, quando o município era Território Federal do Guaporé, num período em que os direitos trabalhistas ainda estavam sendo conquistados e a mulher negra ocupava os espaços sociais de maneira bem restrita. A professora precursora Judith Holder iniciou a atividade profissional como professora três anos após a professora Aurélia Banfield, ou seja, no ano de 1946, nos tempos do Território Federal do Guaporé. Lydia Johnson foi admitida como professora no ano de 1955, um ano antes da região se tornar Território Federal de Rondônia (1956). Na sequência, sua irmã Berenice Johnson, no ano de 1965, iniciou a prática docente como profissão. A professora Rosilda Shockness tornou-se servidora do Território Federal de Rondônia no ano de 1979 e, no ano de 1991, foi promovida à docência.

¹⁶⁵ Análise documental sobre as mulheres descendentes afro-antilhanas que tinham algo similar, ou seja, o exercício da profissão docente no município de Porto Velho, e fazem parte da primeira, segunda e terceira geração de imigrantes afro-antilhanas nascidas em Porto Velho.

Assim, todas as mulheres afro-antilhanas, no seu tempo, contribuíram para o estabelecimento do magistério, promovendo a formação de gerações nessa parte da região Amazônica. É de fundamental importância a anterioridade, a presença e participação dessas professoras mulheres afro-antilhanas, contrariando a visão nacional, tendo em vista que **“Tal processo de ingresso da mulher no magistério foi ainda mais complexo para a mulher negra já que historicamente ela foi tolhida de ter acesso ao espaço escolar”** (TELLES *et al*, 2019, p. 45, grifo nosso). Segundo Vianna (2001),

Ao longo do século XX, **a docência foi assumindo um caráter eminentemente feminino**, hoje, em especial na Educação Básica (composta da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio), é grande a presença de mulheres no exercício do magistério. A presença feminina no magistério pode ser observada ao longo de todo o século XIX nas chamadas escolas domésticas ou de improviso - algumas sem vínculos com o Estado e outras com docentes já aprovados como funcionários públicos -, nas escolas seriadas instituídas após a República e com a progressiva extensão das escolas públicas (VIANNA, 2001, p. 83-84, grifo nosso).

Todavia, vale mencionar que a presença majoritariamente feminina no magistério desde todo o século XIX no Brasil é marcada pela presença étnica da composição de colonização ocidental, ou seja, ligado ao modelo branco (TELLES *et al.*, 2019).

Em síntese, buscamos ressignificar as histórias da vida profissional, o percurso, a anterioridade, a presença e a contribuição dessas **cinco panteras negras antilhanas na educação portovelhense**, através de pesquisas realizadas via *Facebook*, especificamente nas páginas *Saudosismo Portovelhense*, *Rondônia minha querida Rondônia*, *Google* e fontes documentais primárias,¹⁶⁶ como forma de preencher as lacunas, a invisibilidade e o silenciamento na construção identitária da presença precursora afro-antilhana no contexto da educação de Porto Velho, contribuindo para uma revisão histórica, o que, de certa maneira, favorece a desconstrução da visão estereotipada e hegemônica constante nas obras nacionais e regionais.

Portanto, por meio da análise documental, apresentamos, a seguir, a presença na educação das descendentes afro-antilhanas Aurélia **Banfield**, Berenice **Johnson**, Judith **Holder**, Lydia **Johnson** e Rosilda **Shockness**, que possibilitaram a formação

¹⁶⁶ Apresentada na seção 1 - Caminho e a escolha metodológica.

de algumas gerações em parte do estado de Rondônia, como consequência da herança identitária trazida pelas ancestrais desde sua chegada a Porto Velho.

5.2.1 Aurélia Banfield

A professora Aurélia Banfield¹⁶⁷ viveu 92 anos (1916/2008¹⁶⁸) e é descendente da primeira geração de afro-antilhana que nasceu em Porto Velho. Sua história se confunde com a contextualização histórica da educação em Rondônia, mais especificamente em Porto Velho, tendo em vista que fez parte da primeira turma de Magistério neste município, tendo se formado como professora em 1940, conforme nos afirma Prado (2017). Aurélia Banfield, “[...] nascida no dia **30 de novembro de 1916**¹⁶⁹, em sua residência, em dezembro de 2005, concedeu uma entrevista sobre sua trajetória como **educadora no Território Federal do Guaporé** a partir da **implantação do Sistema Educacional** (SAUDOSISMO, 2016, p. 1,¹⁷⁰. Grifo nosso).

Assim, em conformidade com essa afirmativa, é possível confirmar a contribuição, a presença e a anterioridade educacional desta docente afro-amazônida brasileira que teve forte influência barbadiana, pois era filha dos imigrantes de Barbados Fred Banfield¹⁷¹ e Louise Banfield. Aurélia Banfield era bilíngue: aprendeu primeiramente a língua inglesa, na convivência familiar e social que aconteceu durante

¹⁶⁷ [...] muito embora tenha feito parte da primeira turma do Curso Normal Rural do Instituto Maria Auxiliadora, iniciado no ano de 1938, preparando professoras para atuar na zona rural. Formada no ano de 1940, iniciou seu trabalho como docente a partir de 1943, graças à insistência do Prefeito Boemundo Álvares Afonso [...] (SAUDOSISMO, 2016; PRADO, 2017, p. 116).

¹⁶⁸ Utilizando a informação divulgada no *facebook* da sua neta de coração, a jornalista Andréia Fortini, conseguimos compreender que a professora Aurélia Banfield viveu de 1916 a 2008: “Pronta pra homenagear in memoriam minha avó do coração PROFESSORA AURÉLIA BANFIELD. Filha de barbadianos, uma das negras mais guerreiras que conheci. Ela morreu há 8 anos e tem me feito muita falta. Muito do que sou hoje devo a ela, que ajudou minha mãe na nossa criação. Orgulho!!”. Fonte: FORTINI. Andreia Lucas Phellippe. Semana da Consciência Negra: Palácio do Governo Getúlio Vargas. 19 de nov. de 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/search/top/?q=aur%C3%A9lia%20banfield%20-%20fortini&epa=SEARCH_BOX. Acesso em: 01 mar. 2020.

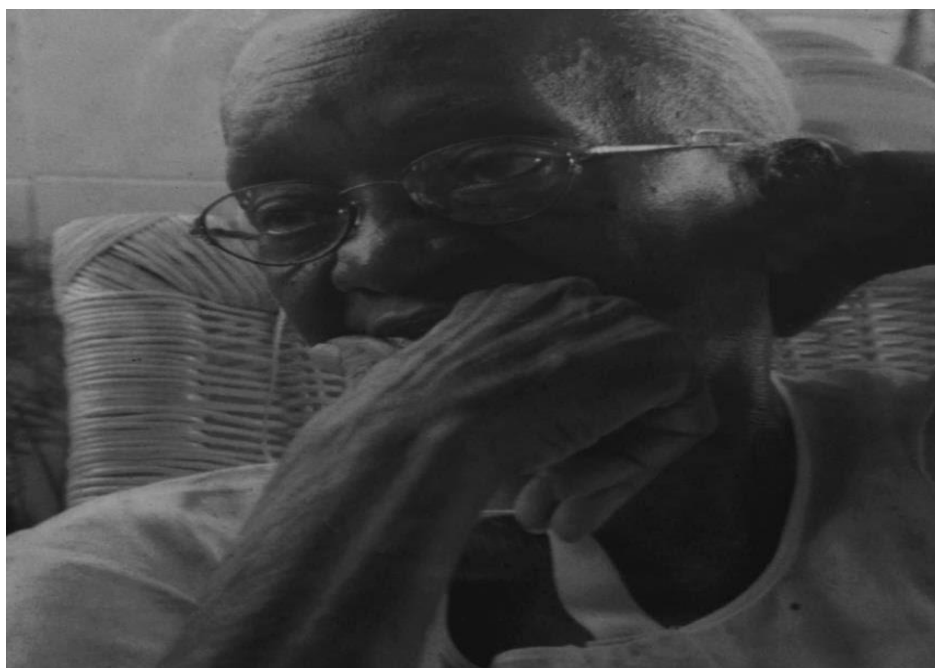
¹⁶⁹ Porto Velho foi elevado à categoria de município do Estado do Amazonas através da Lei 757, de 02 de outubro de 1914, sancionada pelo governador do Estado do Amazonas, Dr. Jonathas de Freitas Pedrosa. (GORAYEB, 2018, p. 1). A professora Aurélia Banfield nasceu após dois anos da criação do município de Porto Velho.

¹⁷⁰ A entrevista completa é parte integrante da dissertação: A educação escolar no território federal do Guaporé (1943 - 1956) produzida por Gomes (2007, p. 69; 70).

¹⁷¹ “Numa colônia estrangeira [...] já existia **uma escola na própria língua** [...] dirigida pelos senhores **Friederic A. Banfield** e dona **Priscila** ambos de origem inglesa” (SILVA, 1980, p. 56) [Grifo Nosso]. Assim, inferimos que Fred Banfield, pai de Aurélia Banfield, foi um dos precursores da educação, impulsionada por imigrantes em conjunto com a d. Priscila em Porto Velho, no *Barbadian Town*, já no ano de 1910.

os primeiros anos de 1910 a 1943 no *Barbadian Town*, posteriormente desenvolveu a aptidão a língua portuguesa oficial no Brasil (BLACKMAN, 2019, p. 57 - 75). Na Figura 18, abaixo, dispomos uma imagem de Aurélia Banfield:

Figura 18 - Professora Aurélia Banfield¹⁷²



Fonte: SAUDOSISMO Portovelhense.

No Quadro 10, a seguir, sintetizamos os dados dessa professora:

Quadro 10 - Professora Aurélia Banfield

PROFESSORA DESCENDENTE AFRO-ANTILHANA ¹⁷³				
Nº	Nome Completo	Cargo	Admissão	Data de Nascimento
01	Aurélia Banfield	Professora	1943	30/11/1916

Fonte: Organizado pela autora a partir de informações encontradas no SAUDOSISMO (2016, p.1).

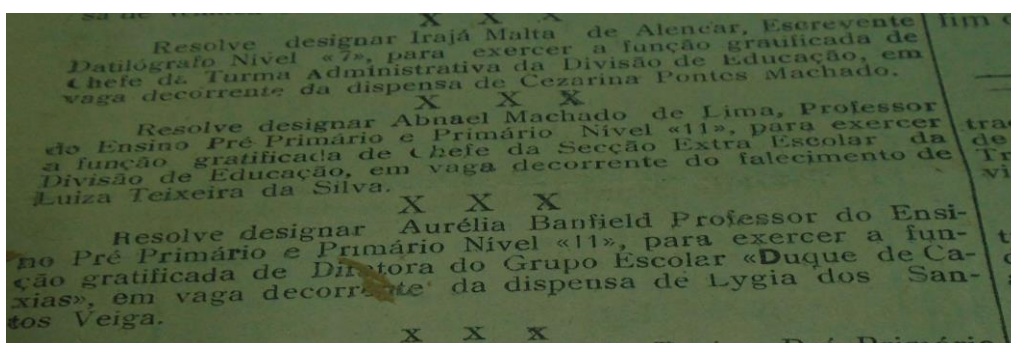
¹⁷² Imagem retirada da página do Facebook: SAUDOSISMO Portovelhense. Entrevista Aurélia Banfield. Publicada em 09 de abr. de 2016 por Luís Claro. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/199910546786793/search/?query=aur%C3%A9lia%20banfield&epa=SEARCH_BOX. Acesso em: 10 jan. 2020.

¹⁷³ Mulher descendente de afro-antilhana que tinha como exercício da profissão a docência no município de Porto Velho e faz parte da primeira geração de imigrantes afro-antilhanas que nasceu em Porto Velho e moradora do Barbadian Town.

É relevante registrarmos o vanguardismo¹⁷⁴ da afro-antilhana Aurélia Banfield, pois foi contratada como docente ainda no Território Federal do Guaporé no ano de 1943, colaborando decisivamente na iniciativa educacional, sendo as mulheres de descendência das Antilhas Inglesas uma marca constante de atuação e ocupação de espaços sociais, como professora, diretora e empreendedora. Destacamos que “[...] no final **década de trinta** a **Professora Aurélia Banfield** instalava a **escola particular** Dr. Arthur Lacerda Pinheiro” (LIMA A, 1987, p. 3, grifo nosso).

A Professora Aurélia Banfield exerceu o cargo de Diretora do Grupo Escolar “Duque de Caxias” em Porto Velho, conforme ato publicado em 09/01/1963, conforme Portaria de Função Gratificada constante na Figura 19:

Figura 19 - Atos Oficiais do Governo do Território Federal de Rondônia



Fonte: Jornal Alto Madeira, publicado em 09 de jan. de 1963. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

O documento constante na Figura 19 corrobora a luta da mulher afro-antilhana na construção de um caminho de resistência e alcance a uma posição social que, naquela época, era ocupada por uma linhagem de identidade ocidental. Entretanto, “as trajetórias de vida e preconceitos vivenciados cotidianamente pelas mulheres (negras) ainda permaneciam” (TELLES *et al.*, 2019, p. 45).

Em trecho retirado do *Jornal Alto Madeira*, publicado no dia 01/12/1940, encontramos:

¹⁷⁴ Tendência à frente do tempo, pois, em termos de escolarização da população negra, encontramos lacunas na “**Historiografia da Educação Brasileira, que num primeiro momento dá margem a inexistência de experiências escolares desse segmento até os anos 60**, quando acontece uma vasta expansão da rede pública de ensino” (SILVA C, 2009, p. 50, grifo nosso). Imagina no que tange o processo de tornar-se protagonista como educadoras, gestoras e empreendedora no processo educacional em parte da região Amazônia, em Porto Velho, sendo as mulheres negras e descendentes das Antilhas Inglesas basilares na História da Educação em Rondônia.

A celebração que se efetuará hoje, às 20h, no Teatro do Colégio de Maria Auxiliadora, colando grau de professoras as senhoritas Alzira Moreira Lima, **Aurelia Banfield**, Christina Courinos, Iracema Cavalcante, Maria de Nazareth Zeed, Maria da Silva Santos e Maturina Cavalcante, é um acontecimento que honra grandemente a nossa cidade. A Escola Normal “Maria Auxiliadora”, embora oficializada como Escola Normal Rural, entrega hoje ao magistério público as sete primícias do curso e tem a convicção de dar o diploma de “professoras” a sete senhoritas perfeitamente habilitadas no exercício da profissão de mestras. A seriedade com que são educadas as alunas, o completo desenvolvimento do programa das Escolas Normais, ampliado por aulas suplementares de prendas domésticas e sobretudo a aprimorada formação religiosa ministrada pelas religiosas Filhas de Maria Auxiliadora, são a melhor garantia do diploma ganho pelas novéis professoras. É por isso que a população desta cidade, que tanto se sente orgulhosa quando aplaude as alunas do Colégio Maria Auxiliadora, quer nas paradas cívicas, quer nas festas de arte e inteligência por elas levadas a efeito, hoje com maior orgulho aplaude estas sete preadadas senhoritas primícias da Escola Normal “Maria Auxiliadora”. O ato será solene e o paraninfo da turma é o Exmº Snr. Major Aluísio Ferreira. Agradecemos o gentil convite que nos foi enviado pela Diretoria d’aquela educandário, para assistirmos ao ato que ali será levado a efeito, hoje, às 20 horas (ALTO MADEIRA, 1940, p. 1, grifo nosso).

Conforme o trecho acima, no dia 01 de dezembro de 1940 aconteceu a formatura histórica da primeira turma de professoras normalistas do Curso Normal Rural Escola Nossa Senhora Maria Auxiliadora, em Porto Velho/RO, sendo pauta que ilustrou a capa do jornal Alto Madeira. Nesta matéria, identificamos sete professoras formandas, incluindo a professora Aurélia Banfield que, na época, tinha 24 anos de idade, tendo em vista essa professora descendente afro-antilhana de Porto Velho nasceu no dia 30 de novembro de 1916.

Em sua dissertação intitulada *Entre o oratório e a profissão: formação de professoras na Escola Normal Rural Nossa Senhora Auxiliadora em Porto Velho/RO (1930/1946)*, Prado (2017) evidencia as “mulheres que lutaram e resistem lutando todos os dias para desconstruir a intensa existência da dominação patriarcal¹⁷⁵ que, infelizmente, domina e, muitas vezes, adoece nossa cultura”. De acordo com a autora,

O aporte na literatura da área trouxe a percepção de **que há inúmeras diferenças na formação ofertada para as mulheres** ao longo da história, o que alterou historicamente o empoderamento social dos homens frente ao das mulheres (PRADO, 2017, p. 19, grifo nosso).

¹⁷⁵ NOGUEIRA, Renzo Magno. **A evolução da sociedade patriarcal e sua influência sobre a identidade feminina e a violência de gênero**. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/48718/a-evolucao-da-sociedade-patriarcal-e-sua-influencia-sobre-a-identidade-feminina-e-a-violencia-de-genero>. Acesso em: 17 de jan. de 2020. Jus.com.br. Publicado em maio de 2016.

Além disso, são evidentes a divergência e a peculiar construção sócio histórica e cultural entre a conquista do mercado de trabalho, por intermédio do magistério, para a categoria mulher, no sentido ligado à diversidade identitária, intercultural e multicultural de grupos étnicos. Todavia, está em processo de conquista social o procedimento de legalização das minorias sociais que vêm lutando e alcançando êxito ao longo dos séculos XX e XXI. Gradativamente foram sendo reconhecidos culturalmente os grupos étnicos antes tidos como minoritários e/ou excluídos na história, educação, saúde etc., principalmente em países como o Brasil¹⁷⁶, numa forma de viabilizar equidade e a reparação sociocultural. O grande desafio se constitui em efetivar esse reconhecimento na prática social (CANDAU; RUSSO, 2011).

Convém observarmos que a conquista e a ocupação do espaço social remunerado adquirido/conquistado por uma parcela de mulher branca ocidental, geralmente pertencente à classe média, foram sendo construídas na base social brasileira *a priori*, diga-se de passagem, com muita luta, força e resistência ao longo dos séculos. Contudo, há a necessidade de registrar a diversidade histórica, social, econômica e cultural das mulheres negras no Brasil. Nas palavras de Nunes (2011),

[...] Seria talvez mais certo tentar falar das **histórias e das mulheres**, ainda assim sabendo que nossas constatações não darão conta de toda a complexidade que tais termos trazem para o debate contemporâneo acerca das identidades em jogo, das categorias representativas, das questões de poder e política que estão relacionadas com cada compreensão que se tem de cada um desses termos. A expressão cunhada pelos movimentos feministas do século passado que afirmava ser “o pessoal, político” é um emblema que diz um pouco desse lugar constituído para falarmos das **múltiplas histórias de mulheres negras no Brasil**. Esta frase não diz tudo, mas é um ponto de partida para chegarmos a outras conclusões sobre o que significa ser mulher negra no Brasil (NUNES, 2011, p. 4, grifo nosso).

O trecho destaca a importância de se observar a multiplicidade do local da onde a mulher negra advém, posto que há uma diversidade de histórias de mulheres negras no Brasil e, possivelmente, nossas investigações não poderão recuperar, compreender e identificar todo esse jogo de diferença social.

Nesse sentido, reiteramos que, neste trabalho, tomamos como referência e, por amostragem, mapeamos a anterioridade, a presença na educação de mulheres imigrantes afro-antilhanas e descendentes mediadas por uma análise documental e bibliográfica sobre professoras imigrantes e descendência da 1^a, 2^o, 3^a e 4^a geração

¹⁷⁶ As diferenças entre culturas colonizadora e colonizada permanecem profundas (HALL, 2011, p. 108).

de afro-antilhanas inglesas em Porto Velho. De maneira específica, nesta seção, buscamos ressignificar a história das professoras: **Aurélia Banfield, Berenice Johnson, Judith Holder, Lydia Johnson e Rosilda Shockness**, docentes negras já falecidas, que impulsionaram a educação nesta parte da região amazônica e tiveram suas origens alicerçadas nas antepassadas que imigraram das ilhas de Barbados e Granada para o Brasil, estritamente para trabalhar na Estrada de Ferro Madeira Mamoré¹⁷⁷

Encontramos um relato da professora Aurélia Banfield que nos auxilia a ilustrar e reafirmar a contribuição antecessora e visionária dessa mulher afro-antilhana que, na, entrelinhas, deixa evidente o quanto lutou veemente na construção do espaço da presença negra descendente das Antilhas Inglesas:

Mulher naquele tempo só devia aprender a escrever o nome e a ler e responder carta. Eu queria mais e fui estudar¹⁷⁸. Em 1940 recebi o diploma de Professora Normalista, formada na primeira turma do IMA. Os conhecimentos que aprendi com as Irmãs Salesianas foram muito importantes para a minha vida (ZIMNIAK, 2015, p. 189, grifo nosso)

Considerando o ideário construído socialmente no contexto brasileiro que permeia as ideologias¹⁷⁹ massificadas pela caracterização da mulher branca ocidental em contraponto à mulher negra imigrante e descendente das Antilhas Inglesas, podemos observar a desvantagem social, cultural, geográfica e econômica na luta por conquistar espaço social, no período de fins de 1930 a 1950,¹⁸⁰ em Porto Velho. Em fins dos anos de 1930, a professora Aurélia Banfield já ministrava aulas particulares¹⁸¹ em sua residência e, posteriormente, tornou-se professora formada na primeira turma

¹⁷⁷ Ver Blackman, 2007; 2015; 2020.

¹⁷⁸ **A escola, melhor dizendo a escolarização, é um valor para a comunidade negra [...]. [...] a escolarização era um valor de refúgio, para nós negras e negros [...]. Refúgio, nesse caso, pois, não é um abrigo, mas um instrumento para fazer conhecido e reconhecido um povo, o nosso povo negro, e sua luta** (FONSECA; BARROS, 2016, p. 7, grifo nosso).

¹⁷⁹ [...] Althusser sobre a ideologia - definida em temas, conceitos e representações através das quais os homens e mulheres "vivem", numa relação imaginária, sua relação com suas condições reais de existência podemos ver o esqueleto dos "esquemas conceituais" de Levi-Strauss "entre a praxis e as práticas". As "ideologias" são aqui concebidas não como conteúdos e formas superficiais de ideias, mas como **categorias inconscientes** pelas quais as condições são representadas e vividas (HALL, 2011, p. 146 - 147, grifo nosso).

¹⁸⁰ A Declaração dos Direitos Humanos foi conquistada em 1948; no Brasil, os Direitos Humanos são garantidos por meio da Constituição Federal de 1988, que está passando por um momento de crise, pois muitos direitos estão sendo ameaçados atualmente pelo governo, que se utiliza do instrumento de Proposta de Emenda à Constituição, colocando em xeque direitos sociais conquistados ao longo do processo histórico.

¹⁸¹ Informação fornecido pelo jornalista Zola Xavier (por e-mail, em 01 de maio de 2019).

da Escola Normal Rural Maria Auxiliadora em Porto Velho, sendo contratada como professora pelo Território Federal do Guaporé em 1943. Segundo Xavier (2019),

A professora Aurélia, manteve em sua residência uma “pequena” escola. Ali, no seu quintal, em uma sala contígua à cozinha, a professora, em seu traje austero, nos ensinava os primeiros números, mantendo nas sextas feiras, a sua famosíssima sabatina, temida por todos (XAVIER, 2019).

Encontramos diversos relatos na página do *Facebook Saudosismo Portovelhense, personalidades: Aurélia Banfield*.¹⁸² Essa rede social registra conversas entre usuários(as) e pertencentes ao grupo regional denominado *Saudosismo Portovelhense*. Alguns e algumas internautas relatam que Aurélia Banfield foi diretora e professora em várias escolas no município de Porto Velho, destacando algumas instituições de ensino, como Barão do Solimões, Carmela Dutra e Getúlio Vargas, nos anos/décadas subsequentes a 1943, 1950, 1960 e 1970:

Quando estudei no Barão do Solimões, a prof. Aurélia Bansfield¹⁸³ era a diretora (Depoimento de Ana Castro, em 16 de fev. 2013).

Fui aluno no Barão do Solimões e a Prof. Aurélia era a diretora, em 1963 (Depoimento de Julio Carvalho, em 16 de fev. 2013).

Em 1969 quando estudei no Getúlio Vargas - 4º ano do primário, a diretora era a Mestra Aurélia Banfield (Depoimento de J. Menezes Menezes, em 16 de fev. 2013).

Professora Aurélia foi minha professora no primário lá pelos idos da década de 50 no Barão do Solimões. Saudades (Depoimento de Ruy Lemos, em 05 de maio de 2019).

Professora Aurélia foi minha professora no Carmela Dutra e no Colégio Pe, Mário Castagna, ótimas professoras, aprendi a tabuada a base de palmatória (Depoimento de Maria de Lourdes, em 05 de maio de 2019).

Essas narrativas fornecem mais subsídios, dados e informações sobre a atuação docente e a presença precursora na função de gestora que Aurélia Banfield exerceu, de maneira exímia, resistente, conforme descrito em alguns dos *posts* da supramencionada rede social, que caracterizam essa educadora como rigorosa, pois, na época, utilizava-se à palmatória para ensinar/aprender a tabuada.

¹⁸² SAUDOSISMO Portovelhense Personalidades. Aurélia Banfield. https://www.facebook.com/groups/199910546786793/search/?query=aur%C3%A9lia%20banfield&epa=SEARCH_BOX. Publicado em 16 de fev. 2013.

¹⁸³ Como a internauta escreveu.

De modo geral esses depoimentos sobre a atuação profissional da professora Aurélia Banfield, colaboram para a compreensão de sua presença e registram a importância dessa educadora para a construção identitária educacional do município de Porto Velho. Destacamos aqui o relato de Andréia Fortini:

Pronta pra homenagear in memoriam minha avó do coração PROFESSORA AURÉLIA BANFIELD. Filha de barbadianos, uma das negras mais guerreiras que conheci. Ela morreu há 8 anos e tem me feito muita falta. Muito do que sou hoje devo a ela, que ajudou minha mãe na nossa criação. Orgulho!!” (FORTINI, 2016¹⁸⁴).

Algumas e alguns internautas enfatizaram que a professora Aurélia Banfield merecia ser homenageada com nome de rua ou escola, devido à significativa contribuição, importância e legado educacional que deixou como educadora, gestora e cidadã portovelhense.

Aurélia Banfield não teve filhos e filhas,¹⁸⁵ entretanto deixou registrado na memória¹⁸⁶ e por intermédio da rede social, através dos depoimentos de alunas e alunos que tiveram a oportunidade de estudar, vivenciar e participar em conjunto com Aurélia Banfield, descendente de afro-antilhana, bilíngue, falante da língua inglesa/*bajan* e português, que participou efetivamente do processo antecedente, inicial e posterior da história da educação em parte da Amazônia Ocidental, durante o período de 1930 a 1970, em Porto Velho.

5.2.2 Berenice Elisa Johnson Silva

Nesta subseção apresentamos, de forma concisa, a importância da história da professora Berenice Elisa Johnson Silva¹⁸⁷ no contexto educacional do município de

¹⁸⁴ Fonte: FORTINI. Andreia Lucas Phellippe. **Semana da consciência negra**: Palácio do Governo Getúlio Vargas. 19 de nov. de 2016. https://www.facebook.com/search/top/?q=aur%C3%A9lia%20banfield%20-%20fortini&epa=SEARCH_BOX. Acesso em: 01 de mar. de 2020.

¹⁸⁵ Mas adotou vários migrantes que chegavam a Porto Velho; a jornalista Andréia Fortini a considerava sua avó de coração, ou seja, eram as redes de relações e contribuições sociais feita por esta mulher, negra, professora que desafiou a mentalidade ocidental e foi uma agente de transformação em seu tempo por meio da educação.

¹⁸⁶ Ver: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

¹⁸⁷ Nasceu e morou até os oito anos de idade no Alto do Bode (*Barbadian Town*). Informação retirada de: RODRIGUES, Eliane. **Hábitos reforçam tradição**. Jornal Diário da Amazônia. 2004.

Porto Velho e do estado de Rondônia. Para tratar da presença e contribuição desta notável docente, recorreremos a *corpus* documental, ficha funcional da mencionada docente, jornal Diário da Amazônia (2004)¹⁸⁸, além de *sites* institucionais e regionais.

A Figura 20, abaixo, traz uma imagem da professora Berenice Johnson:

Figura 20 - Professora Berenice Johnson



Fonte: O Observador. Disponível em: <http://www.oobservador.com.br/noticias/morre-professora-berenice-johnson-teixeira,27709.shtml>. Acesso em: 01 de abr. 2020.

A professora Berenice Johnson era portovelhense, bilíngue, ou seja, falante da língua inglesa¹⁸⁹ e da língua portuguesa, descendente de barbadianos(as) e granadinhas(as), imigrantes afro-antilhanos(as) que vieram para trabalhar na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré-EFMM e/ou fora do âmbito ferroviário¹⁹⁰.

¹⁸⁸ RODRIGUES, Eliane. **Hábitos reforçam tradição**. Jornal Diário da Amazônia. 2004. Nesta edição, Berenice Johnson foi capa do jornal, concedeu entrevista que foi publicada em Porto Velho, domingo, 27 de jun. de 2004.

¹⁸⁹ Que aprendeu como primeira língua em ambiente familiar. Foi moradora do *Barbadian Town* em Porto Velho. Ver Seção 4 desta tese e no livro escrito por esta autora: **Do mar do Caribe à beira do Madeira**: Historiografia, cultura e imigração. I. ed. Appris: Curitiba, 2019.

¹⁹⁰ BLACKMAN, Cledenice. **Do mar do Caribe à beira do Madeira**: Historiografia, cultura e imigração. I. ed. Appris: Curitiba, 2019.

A imigração internacional desses negros e negras advindas das ilhas caribenhas inglesas de Barbados, Trinidad e Tobago, Jamaica, Granada, Guiana Inglesa e outras localidades de colonização britânica é registrada pela historiografia, desde os fins do século XIX e início do século XX, para alguns estados brasileiros, como Pará, Amazonas, Rondônia, Acre e Espírito Santo. Nosso município de Porto Velho recebeu centenas de famílias de imigrantes e descendentes desse grupo; assim sendo, há muitas famílias que possuem e preservam até a atualidade os sobrenomes de origem anglo-saxônica, recorrentes nos cartórios localizados do município.

Podemos citar sobrenomes de famílias vinculadas à imigração afro-antilhana para o Brasil, especificamente para o estado Rondônia e município de Porto Velho, alguns nomes como: Alleyne, Banfield, Box, Brown, Blackman, Davy, Denny, **Johnson**, Holder, Maloney, Rock, Siqueira (Squires), Shockness, Winter, dentre outras famílias que contribuíram para a base, implementação e estruturação educacional no município e no estado¹⁹¹. Segundo Rodrigues (2004),

A conhecida **família Johnson, residente em Porto Velho tem sua história misturada com surgimento de Porto Velho**. A família venho da ilha caribenha de Granada para trabalhar na construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Mas, devido ao registro da mão-de-obra na época ter sido feito em Barbados, outra ilha, ficaram conhecidos como “barbadiano” (RODRIGUES, 2004, p. 1, grifo nosso).

É oportuno mencionar que essa herança da culturalidade identitária dos(as) muitos(as) imigrantes e descendentes está ligada à construção, origem e história do município de Porto Velho, pois colaboraram para a constituição inicial deste território e para a fundação educacional portovelhense. Desde o primeiro bairro constituído por esses imigrantes e descendentes de afro-antilhanos(as), houve a preocupação com a educação e, em virtude disso, organizaram uma *escola informal*, localizada no *Barbadian Town/Bajan Hill*, já ano de 1910, em Porto Velho, para a formação educacional de seus filhos e suas filhas. Na Seção 4 e subseção 4.1 do presente trabalho, contextualizamos brevemente como aconteceu o vanguardismo educacional na nascente cidade à beira do Madeira, advindo de uma base anglo-saxônica negra.

¹⁹¹ BLACKMAN, Cledenice. **Do mar do Caribe à beira do Madeira**: Historiografia, cultura e imigração. I. ed. Appris: Curitiba, 2019.

A Professora Berenice Elisa Johnson Silva nasceu no município de Porto Velho, no dia 19/12/1937.¹⁹² Iniciou sua carreira profissional no magistério aos 20 anos de idade, formada em Pedagogia, que cursou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Sagrado Coração de Jesus, em São Paulo, na cidade de Bauru, durante os anos de 1972 a 1974. Tornou-se Mestra em Educação em 1980, pela mesma Faculdade onde conquistou a Graduação, na cidade de Bauru. Foi casada com o senhor José Walmir Teixeira Silva e teve dois filhos, José Walmir Teixeira Silva Junior e Marcelo Johnson Silva, e uma filha, Andréa Lima. Filha de Norman Johnson (imigrante de Granada) e Elvira Berenice Johnson (descendente de Barbadiano(a)).

Berenice Johnson foi uma precursora na educação portovelhense e rondoniense. Dedicou mais de 50 anos de sua vida ao desenvolvimento, gestão e disseminação cultural, por meio da educação, contribuindo para a formação profissional/educacional de várias gerações do nosso município e estado, segundo informações localizadas no Arquivo Geral do Estado, ou melhor, na ficha funcional da docente. “Berenice era professora aposentada da UNIR e integrou o núcleo responsável pela criação da Universidade Federal de Rondônia” (NOTA, 2019, p. 1).

À partir da análise documental, tais como ficha funcional, busca na internet e no *site* institucional da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) sobre a docente Berenice Johnson, a fim facilitar a compreensão sobre sua participação, presença e contribuição na educação portovelhense e rondoniense, em todos os níveis de ensino, organizamos, no Quadro 11, a seguir, informações desde o ano de 1958, ou seja, dos tempos do Território Federal de Rondônia até a sua entrada na UNIR. Ressaltamos que Berenice Johnson foi uma das antecessoras no ensino superior na região amazônica, particularmente no estado de Rondônia.

Destacamos o amor e a dedicação dessa exímia professora a esta paragem à beira do Madeira, haja vista que os “descendentes de barbadianos que participaram da construção da EFMM cultivam hábitos dos pais e avós” (RODRIGUES, 2004, p. 10).

¹⁹² Período em que Porto Velho pertencia ao Estado do Amazonas. Ver: FERREIRA R. (1961, p. 79-88).

No Quadro 11, a seguir, sintetizamos os dados dessa professora:

Quadro 11 - Professora Berenice Eliza Johnson Silva

PROFESSORA DESCENDENTE AFRO-ANTILHANA ¹⁹³			
Nome Completo	Cargo	Admissão	Data de Nascimento
Berenice Eliza Johnson Silva	Divisão de Educação ¹⁹⁴ Professora de Ensino Primário	24/02/1958	19/12/1937
	Professora Para Ensino Médio	01/03/1974	
	Professora Universitária	1982 ¹⁹⁵	

Fonte: Organizado pela autora a partir das informações encontradas na Ficha Funcional¹⁹⁶ da professora em tela. Cedida pelo Arquivo do Estado de Rondônia (2019).

A professora Berenice Johnson trabalhou nas seguintes instituições estaduais: Secretaria pertencente ao Território de Rondônia, atualmente Secretaria Estadual da Educação (SEDUC); foi diretora da Escola Estadual Murilo Braga, coordenadora de ensino na Escola Carmela Dutra, professora de Inglês, professora de Didática, desempenhando também outras atividades ligadas ao desenvolvimento pedagógico e gestão escolar no município. Integrou o núcleo responsável pela criação da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)¹⁹⁷. Aposentou-se na carreira profissional

¹⁹³ Análise documental sobre a mulher descendente de afro-antilhana que tinha como exercício da profissão a docência no município de Porto Velho e faz parte da primeira geração, por parte paterna e segunda geração materna de imigrantes afro-antilhanas; nasceu em Porto Velho e era falante do dialeto inglês e português. Faleceu aos 82 anos, no dia 30 de jan. de 2020. Ver: RONDONIAOVIVO. **LUTO:** Professora Universitária Berenice Johnson morre em Porto Velho. 30 de jan. de 2019. Berenice estava internada desde dezembro do ano passado. Disponível em: <http://rondoniaovivo.com/geral/noticia/2019/01/30/luto-professora-universitaria-berenice-johnson-morre-em-porto-velho.html>. Acesso em: 25 de mar. de 2020.

¹⁹⁴ Não foi possível identificar na ficha funcional da Professora Berenice Johnson qual era o cargo exercido, mas acreditamos que era Professora Primária, tendo em vista que finalizou o Colegial no ano de 1958/1972, na Escola Normal do Guaporé.

¹⁹⁵ Berenice era professora aposentada da UNIR e integrou o núcleo responsável pela criação da Universidade Federal de Rondônia (NOTA, 2019, p. 1).

Disponível em: <https://www.unir.br/index.php?pag=noticias&id=26501>. Acesso em: 25 mar. 2020.

¹⁹⁶ Localizada no Arquivo Geral do Estado de Rondônia.

¹⁹⁷ Nota de Pesar pelo falecimento da professora decana Berenice Johnson (NOTA, 2019, p. 1). Disponível em: <https://www.unir.br/index.php?pag=noticias&id=26501>. Acesso em: 25 mar. 2020.

como professora pela UNIR, no ano de 2007, aos 70 anos de idade. Berenice Johnson marcou a história educacional, cooperando, por décadas, com muita dedicação e profissionalismo incomensuráveis, para o desenvolvimento da UNIR e do município de Porto Velho.

Esta mulher, de descendência afro-antilhana inglesa, referência na área da educação desde o ano de 1958, ou seja, desde os “tempos do Território Federal de Rondônia”, faleceu em 30 de janeiro de 2019, aos 82 anos de idade, deixando um grande legado profissional para o processo educacional do estado de Rondônia.

Portanto, de maneira breve, apresentamos parte da trajetória da ilustre Professora Berenice Elisa Johnson Silva, que se dedicou ao processo de formação de professores e professoras que atualmente compõe parte das redes municipal e estadual de ensino. Dessa maneira, é relevante para o município de Porto Velho homenageá-la, nomeando prédios públicos e/ou instituições escolares. Sugerimos que seja criada uma escola denominada Professora Berenice Elisa Johnson Silva, como forma de reconhecer a dedicação, o esforço, o trabalho e a memória dessa educadora; igualmente, colaborar para que outras gerações tenham acesso à sua contribuição e oportunizar a valorização de personalidades ligadas à construção identitária afro-antilhana que constitui a base da educação de Porto Velho, favorecendo a preservação e o reconhecimento dos préstimos profissionais no âmbito educacional dedicado por essa exímia educadora portovelhense: **Berenice Elisa Johnson Silva**.

5.2.3 Judith Holder

A Professora Judith Holder¹⁹⁸ é a terceira docente negra, bilíngue, portovelhense, descendente de afro-antilhana, melhor dizendo, de (barbadianos(as)),¹⁹⁹ da qual buscamos compreender parte da história profissional²⁰⁰, presença antecessora e contribuição educacional. Para tanto, utilizamos as fichas funcionais da referida docente, o vídeo de uma entrevista concedida em outubro de

¹⁹⁸ “Filha única de pais barbadianos, ilha de Barbados” (PAIÃO, 2014).

¹⁹⁹ Para conhecer mais sobre a história, cultura e historiografia sobre a imigração afro-antilhana para o Brasil, mais especificamente, para Porto Velho ver: BLACKMAN, Cledenice. **Do mar do Caribe à beira do Madeira**: Historiografia, cultura e imigração. I. ed. Appris: Curitiba, 2019.

²⁰⁰ Análise documental principalmente da ficha funcional, documentário e outras fontes descritas na Seção 1 deste trabalho.

2014, sobre o centenário do município de Porto Velho, materiais *online*, pesquisa em redes sociais, como o *Facebook*, dentre outros *sites*.

Judith Holder era filha de *Sidney Morris* e *Beatriz Chase*, imigrantes de Barbados. Nasceu em 14 de dezembro de 1913, em Porto Velho, quando a região ainda era uma extensão do estado do Amazonas.²⁰¹ Foi casada com Percy Holder, também filho de imigrantes afro-antilhanos que ficaram em Belém/PA. Tiveram quatro filhos(as): Wilson Holder, Gertrudes Lifina Holder²⁰², Joel Holder²⁰³ e Dayse Miuriel Holder²⁰⁴. Como descendente da primeira geração nascida em Porto Velho, Judith Holder acompanhou e vivenciou todo o crescimento e desenvolvimento dessa localidade, conforme nos afirma no documentário produzido por Cristiane Paião, em outubro de 2014, em alusão aos 100 anos de Porto Velho:

Cristiane Paião - A Senhora gosta de morar aqui em Porto Velho?

Judith Holder - (Risos) Eu nasci aqui tem que gostar do meu torrão né?! (risos) [...] naquele tempo os pais criavam os filhos assim: casa, trabalho [...] em casa fazendo uma tarefinha e tal. Nada de estes esportes que tem agora, vai a escola e volta né, e aí quando a gente na época as crianças obedeciam os pais hoje em dia é difícil né?! Mas, fácil os pais obedecerem os filhos. [...] Porto Velho era mais aqui em baixo né, aquele pedaço aonde fica a Estrada de Ferro né. Era aquele povoado assim bem pequeno. As ruas não eram asfaltadas (...), mais mato para cá, este lado aqui não existia era mais pra caça de animais (PAIÃO, 2014).

A professora Judith Holder, conhecida pelos mais próximos da família como *Dona Ercita*, viveu mais de um centenário; cresceu junto com o município de Porto Velho, quando esta região ainda pertencia ao Amazonas²⁰⁵, perpassou pelo Território Federal do Guaporé (1943), Território Federal de Rondônia (1956) até o desenvolvimento do estado de Rondônia (1981). Faleceu no dia 03 de julho de 2015, aos 101 anos de vida, deixando grande contribuição social e educacional para o município (NOTA, 2015, p. 1).

²⁰¹ FERREIRA, Manoel Rodrigues. **Nas selvas amazônicas**. São Paulo. Gráfica Biblos LTDA. 1961.

²⁰² Assim como a mãe Judith Holder seguiu a carreira do magistério e é professora aposentada nascida em Porto Velho no dia 31 de julho de 1938 conforme consta na Ficha Funcional, em 2020 fez 82 anos de idade.

²⁰³ Atualmente é pastor na Igreja Evangélica da Assembléia de Deus “antes de ser pastor, trabalhou como bancário, no Banco do Brasil” (ARAÚJO, 2013, p. 3).

²⁰⁴ Falecida em 22 de jan. de 2019 era missionária e médica. Fonte: NOTÍCIAS Tudo aqui: O Jornal da Capital. **Morre Daisy Holder Missionário da Igreja Assembléias de Deus**. Publicado em 22 de jan. 2019. Disponível em: <https://noticiastudoaqui.com/artigo/2019J23kMr505c480bfa>. Acesso em: 11 jun. 2020.

²⁰⁵ Na Ficha Funcional da Professora Judith Holder consta a naturalidade amazonense, pois Porto Velho, na época do seu nascimento, pertencia ao estado do Amazonas.

As Figuras 21 e 22, a seguir, mostram imagens da professora Judith Holder:

Figura 21- Professora Judith Holder (depois e antes do seu centenário)



Fonte: PAIÃO, Cristiane (Coordenação). **Série de 100 de Porto Velho mostra história dos barbadianos que migraram para capital**. Publicado em outubro/2014. Disponível em: http://g1.globo.com/ro/rondonia/videos/t/rondonia-tv/v/serie-de-100-de-porto-velho-mostra-historia-dos-barbadianos-que-migraram-para-capital/3669446/?fbclid=IwAR1zQd-EtCxWDqfOltj1WKdRIh0-2HghxrU5bW9BM2UfZVlwgrICN_aPK_g. Acesso em: 09 jun. 2020.

Figura 22 - Professora Judith Holder (Entrevista. Série 100 anos de Porto Velho (PAIÃO, 2014)



Fonte: PAIÃO, Cristiane (Coordenação). **Série de 100 de Porto Velho mostra história dos barbadianos que migraram para capital**. Publicado em outubro de 2014. Disponível em: http://g1.globo.com/ro/rondonia/videos/t/rondonia-tv/v/serie-de-100-de-porto-velho-mostra-historia-dos-barbadianos-que-migraram-para-capital/3669446/?fbclid=IwAR1zQd-EtCxWDqfOltj1WKdRIh0-2HghxrU5bW9BM2UfZVlwgrICN_aPK_g. Acesso em: 09 jun. 2020.

O fragmento abaixo, retirado da dissertação intitulada *A diáspora barbadiana e o legado educacional em Porto Velho* (SCHUINDT, 2016), salienta o bilinguismo (inglês e português) praticado pela família Holder, extensivo às demais famílias de origem afro-antilhana no ambiente restrito familiar e da comunidade:

Na infância costumava ir à casa de **Judith Holder** para ensaiar peças teatrais e músicas para apresentações na igreja e ao chegar lá me deparava com a *mãe de Judith*, uma senhora de idade avançada chamada de **Beatrice Jemmont**²⁰⁶, **que falava somente em inglês**.

No início não sabia que era inglês, as outras crianças e adolescentes que iam ensaiar diziam que Beatrice falava assim porque era idosa e não conseguia mais falar português. **Depois, ao perceber que Judith e sua irmã Gertrudes respondiam a mãe na mesma língua** entendi que elas se comunicavam em uma língua estrangeira. Então criei coragem um dia e perguntei para irmã Judith (era assim que a chamávamos), “Que língua é essa que vocês falam?”, ela me respondeu com toda altivez peculiar dos barbadianos: “falamos inglês”. Na época eu não tinha a menor idéia do por que elas falavam essa língua, mas também não tive coragem de perguntar [...] (SCHUINDT, 2016, p. 1, grifo nosso).

Falar duas línguas (inglês e português) contribuiu para/no processo de alfabetização dos filhos e filhas de imigrantes de afro-antilhanos(as) que estudaram no Grupo Escolar Barão do Solimões, mas que iam para a escola conhecendo a língua falada em casa *bajan*²⁰⁷.

No Quadro 12, apresentamos as informações profissionais sobre a Professora Judith Holder:

Quadro 12 - Professora Judith Holder

PROFESSORA DESCENDENTE AFRO-ANTILHANA ²⁰⁸				
Nº	Nome Completo	Cargo	Admissão	Data de Nascimento
01	Judith Holder	Professora Auxiliar de Ensino Primário	10/05/1946	14/12/1913

Fonte: Organizado pela autora a partir das informações encontradas na Ficha Funcional²⁰⁹ da professora em tela. Cedida pelo Arquivo do Estado de Rondônia (2019).

²⁰⁶ *Beatriz Chase*, de acordo com a grafia localizada na ficha funcional da professora Judith Holder.

²⁰⁷ BLACKMAN, Cledenice; ARENA, Dagoberto Buim; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. **Afro-antilhanos em Porto Velho, Brasil: História, Cultura e Alfabetização**. Edição: v. 7 n. 7 (2020): Educação formal e não formal, cultura e currículo II.

Disponível: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2479>. Acesso em: 10 jun. 2020.

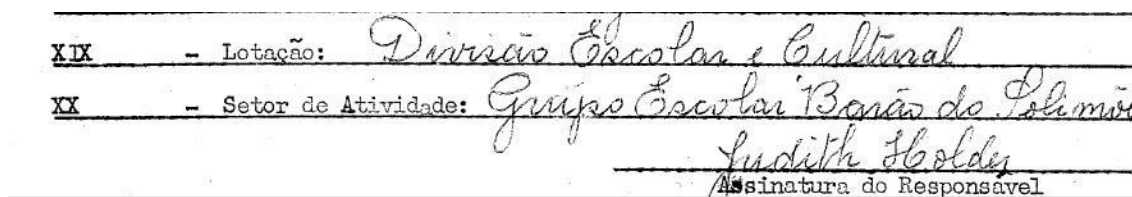
²⁰⁸ Análise documental sobre mulher descendente de afro-antilhana que tinha como exercício da profissão à docência no município de Porto Velho e faz parte da primeira geração de imigrantes afro-antilhana que nasceu em Porto Velho.

²⁰⁹ Localizadas no Arquivo Geral do Estado de Rondônia.

Em conformidade ao que observamos em sua ficha funcional, a professora centenária Judith Holder iniciou sua carreira no magistério no Grupo Escolar “Barão dos Solimões” em 10/05/1946²¹⁰, como Auxiliar de Ensino “?9//9/52. Pela Portaria nº 78/DE, do senhor diretor, foi elogiada pela dedicação e eficiente colaboração que emprestou à organização dos festejos cívicos-esportivos escolares da Semana da Pátria [...]” (HOLDER, 2019²¹¹).

A professora Judith Holder passou praticamente 24 anos trabalhando no Grupo Escolar “Barão dos Solimões, durante os anos de 1946 até 24/04/1970, quando foi transferida para prestar seus serviços pedagógicos no Grupo Escolar Samaritana. Em 14/04/1971 voltou ao Grupo Escolar “Barão dos Solimões” para ministrar aulas de linguagem no 2º ano de recuperação. A Figura 23 registra a assinatura da professora Judith Holder da instituição escolar mencionada (HOLDER, 2019²¹²).

Figura 23 - Assinatura da Professora Judith Holder



Fonte: Ficha funcional da servidora (2019).

As pesquisas sobre as temáticas acerca das mulheres afro-antilhanas e sua descendência sob ótica, anterioridade e contribuição no processo identitário-histórico educacional, ainda são embrionárias, pois não são ou ainda não foram investigadas de maneira aprofundada, considerando-se a importância desse grupo de imigrantes e descendência, que em muito contribuiu, “[...] oferecendo às cidades de Porto Velho e Guajará-Mirim profissionais altamente especializados, como médicos, enfermeiros, **professores** [...]. Serviram como tradutores e intérpretes e, **mesmo de forma discreta e pouco visível** [...]” (TEIXEIRA; FONSECA; MORATTO, 2010, p. 2, grifo nosso):

A atuação de educadoras negras de origem “barbadiana” é mencionada por todos os antigos moradores da cidade. Desde a fundação da primeira escola pública na cidade de Porto Velho, o Barão dos Solimões, notou-se a presença de descendentes dos barbadianos atuando na educação local. Professoras

²¹⁰ Três após a passagem da região para Território Federal do Guaporé (1943).

²¹¹ Informações encontradas na Ficha Funcional - Arquivo Geral do Estado de Rondônia.

²¹² Informações encontradas na Ficha Funcional - Arquivo Geral do Estado de Rondônia.

muito antigas, como **Judite Holder**, e Aurélia Banfield ainda são lembradas pelos mais antigos moradores da cidade. Professoras de geração mais recente como **Gertrudes Holder**, Ursula Maloney, Silvia Shockness, Ruth e Raimunda Simoa Shockness **destacaram-se na estruturação da rede de ensino médio do setor público e do setor privado em Rondônia [...]** (TEIXEIRA; FONSECA; MORATO, 2010, p. 8, grifo nosso).

Destaca-se o papel da construção social da memória,²¹³ que contribui com o reconhecimento da importância precursora da presença das mulheres educadoras afro-antilhanas e descendência na cidade de Porto Velho, entretanto, essa visibilidade não aparece na historiografia de maneira clara, como afirmaram Teixeira, Fonseca e Moratto (2010, p. 2) com a expressão “de forma discreta e pouco visível”. Rago (1995) afirma que:

A recente inclusão das mulheres no campo da historiografia tem revelado não apenas momentos inesperados da presença feminina nos acontecimentos históricos, mas também um alargamento do próprio discurso historiográfico, até então estritamente estruturado para pensar o sujeito universal, ou ainda, as ações individuais e as práticas coletivas marcadamente masculinas. Como se a História nos contasse apenas dos homens e de suas façanhas, era somente marginalmente que as narrativas históricas sugeriam a presença das mulheres, ou a existência de um universo feminino expressivo e empolgante. Todo discurso sobre temas clássicos como a abolição da escravatura, a imigração européia para o Brasil, a industrialização ou o movimento operário, evocava imagens da participação de homens robustos, brancos ou negros, e jamais de mulheres capazes de merecerem uma maior atenção (RAGO, 1995, p. 81)

Buscamos trazer ao centro das discussões acadêmicas, propiciar a visibilidade, oportunizar e ampliar novas abordagens sob a perspectiva étnica-racial da participação, anterioridade e a importância de mulheres imigrantes e descendência afro-antilhanas. De forma mais específica, visamos compreender e apresentar parte do legado deixado pela centenária, bilíngue, evangélica da Assembleia de Deus,²¹⁴ a professora Judith Holder, que nos revela uma história de resistência, sendo uma mulher negra à frente do seu tempo, em meio ao contexto amazônico portovelhense.

A mestra, resistente e precursora Judith Holder trabalhou como docente durante longos 31 anos (1946/1977) e, no dia 17 de agosto de 1977, conquistou a aposentadoria, da qual usufruiu durante 38 anos, sendo interrompida por ocasião do seu falecimento, ocorrido no dia 03 de julho de 2015, aos 101 anos. Ao longo de sua vida, fortaleceu, contribuiu, desenvolveu e participou ativamente na construção da

²¹³ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo. Centauro. 2006.

²¹⁴ Família Holder tem participação ativa na fundação da Igreja Assembleia de Deus em Porto Velho.

história da educação de Porto Velho, assentada numa base afro-antilhana às margens do Rio Madeira. Como homenagem póstuma, a memória e a contribuição da professora centenária Judith Holder foram honradas e eternizadas, por meio do nome de uma escola Infantil da rede municipal de Porto Velho, conforme Figuras 24 e 25.

Figura 24 - Diário Oficial dos Municípios do Estado de Rondônia

Art. 1º. Fica criada na Rede Pública Municipal de Ensino do Município de Porto Velho, localizada na zona urbana, a Escola Municipal de Educação Infantil **Judith Holder**, **tipologia B**, localizada no Setor 33, Residencial Orgulho do Madeira, Bairro: Socialista – Zona Leste – Área Urbana de Porto Velho.

Art. 2º. As despesas com a manutenção da Escola, criada por esta Lei Complementar, ocorrerão à conta do Orçamento Próprio da Secretaria Municipal de Educação, suplementadas se necessário.

Art. 3º. Esta Lei Complementar entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º. Revogam-se as disposições em contrário.

HILDON DE LIMA CHAVES

Prefeito

Fonte: Diário Oficial dos Municípios do Estado de Rondônia. Rondônia, 15 de julho de 2019 • Diário Oficial dos Municípios do Estado de Rondônia • ANO X | Nº 2500. Disponível em: <https://www.portovelho.ro.gov.br/dom>. Acesso em: 22 jun. 2020.

Figura 25 - E.M.E.I. Judith Holder



Fonte: Registro feito em pela autora da tese (agosto/2019).

Portanto, buscamos evidenciar e compreender a importância, o vanguardismo e a presença da professora Judith Holder, descendente de afro-antilhana, que colaborou na consolidação da política e da história educacional no município de Porto Velho, sendo uma docente além do seu tempo. Ela nasceu em 1913 e viveu até 2015, contribuindo na consolidação pedagógica nestas paragens à beira do Madeira.

5.2.4 Lydia Johnson de Macedo

Para a construção desta subseção, analisamos a ficha funcional da professora Lydia Johnson²¹⁵, o seu Resumo Bibliográfico (ao qual tivemos acesso por *e-mail* em 15 de dez. de 2017), além da busca elaborada na rede social do *Facebook* e nos *sites* regionais que utilizamos como fonte de pesquisa.

A professora Lydia Johnson é a quarta mulher descendente afro-antilhana, bilíngue, falante do inglês (*bajan*), aprendido no contexto familiar, e do português, para se comunicar com a sociedade local brasileira em Porto Velho²¹⁶.

Lydia Johnson de Macedo nasceu em Porto Velho, no dia 21 de novembro de 1934. Iniciou a sua vida profissional como Professora do Ensino Primário, no dia 28

²¹⁵ Informações encontradas na ficha funcional localizada no Arquivo Geral do Estado de Rondônia.

²¹⁶ Ver: BLACKMAN, Cledenice; ARENA, Dagoberto Buim; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. **Afro-antilhanos em Porto Velho, Brasil: História, Cultura e Alfabetização**. Edição: v. 7 n. 7 (2020): Educação formal e não formal, cultura e currículo II.

Disponível: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2479>. Acesso em 10 de jun. de 2020. _____. **Cultura antilhana em Porto Velho**. III Congresso Internacional do Núcleo de Estudos das Américas – NUCLEAS cujo tema central foi América Latina: Processos civilizatórios e crises do capitalismo contemporâneo no Simpósio REL 1 - Cosmovisões, Religiões e Religiosidades. Evento realizado no período de 27 a 31 de agosto de 2012, no Campus da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Disponível em: <https://oestrangero.org.files.wordpress.com/2014/12/cultura-antilhana-em-porto-velho.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2017. _____. **Do mar do Caribe à beira do Madeira: A comunidade antilhana de Porto Velho**. Dissertação de Mestrado. Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Porto Velho, 2015. _____. **A imigração afro-antilhana inglesa para o Brasil, trabalho e memória**. p. 901-910. In: Rosana Baeninger; Lúcia Machado Bógus; Júlia Bertino Moreira; Luís Renato Vedovato; Duval Fernandes; Marta Rovey de Souza; Cláudia Siqueira Baltar; Roberta Guimarães Peres; Tatiana Chang Waldman; Luís Felipe Aires Magalhães (Orgs.). **Migrações sul-sul**. 2ª ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População Elza Berquó Nepo/Unicamp, 2018. _____. **A imigração afro-antilhana para o Brasil, historiografia e identidade**. p. 54-66. In: Veronica Aparecida Silveira Aguiar (Org.). **O lugar da história e dos historiadores nas Amazôniaas**. Macapá: UNIFAP, 2018. _____. **Do mar do Caribe à beira do Madeira: historiografia, cultura e imigração**. I. ed. Appris: Curitiba, 2019. BLACKMAN, Cledenice; ARENA, Dagoberto Buim; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. **Afro-antilhanos em Porto Velho, Brasil: história, cultura e alfabetização**. Edição: v. 7 n. 7 (2020): educação formal e não formal, cultura e currículo II. Disponível: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2479>. Acesso em: 10 jun. 2020. BLACKMAN, Cledenice; SILVA, Gilberto Paulino da; PEREIRA, Rosa Martins Costa (Orgs.). **Dossiê Rondônia “o rio que nos une”**: educação, migração e cultura nestas paragens. **Cultura à moda afro-antilhana em Porto Velho**. Porto Velho/RO: Temática, 2019.

de fevereiro de 1955, aos 20 anos de idade. As Figuras 26 e 27 trazem imagens da referida professora:

Figura 26 - Lydia Johnson (jovem)



Fotografia retirada da Ficha Funcional da Professora Lydia Johnson, no início de sua carreira docente, no período do Território Federal de Guaporé (1943-1956), precisamente no ano de 1955 (FICHA, 2019).

Fonte: Ficha Funcional da servidora Lydia Johnson

Figura 27 - Professora Lydia Johnson após a aposentadoria



Fonte: Mesa Diálogos Literários. Profª Rosângela Hilário; Profª Eunice Johnson; Mediadora: Cledenice Blackman (2018).

Disponível em: <https://fecomercio-ro.websiteseuro.com/site/index.php/2016-09-02-06-09-26/noticias-fecomercio/item/927-dias-23-e-24-o-sesc-promove-o-evento-a-mulher-negra-na-cultura>. Acesso em: 16 jun. 2020.

A Figura 27 traz uma fotografia rara da professora Lydia Johnson, à qual tivemos acesso em virtude da realização da *Mesa Diálogos Literários: A mulher negra na Cultura*, organizada pelo SESC Porto Velho, realizada no dia 23 de novembro de 2018. Uma das participantes da mesa foi sua irmã, a professora universitária aposentada Eunice Johnson,²¹⁷ que trouxe ao público presente a trajetória breve de algumas professoras negras de Porto Velho, incluindo sua irmã Lydia Johnson, que foi “professora, diretora em vários colégios do ex-território de Rondônia” (MESA, 2018).

Lydia Johnson de Macêdo era filha do imigrante de Granada *Norman Johnson*²¹⁸ e da descendente da primeira geração nascida em Porto Velho, imigrantes de Barbados dona *Elvira Berenice Johnson*²¹⁹. Pertenceu a uma família tradicional que, até o presente momento, guarda alguns hábitos trazidos das Antilhas Inglesas pelos(as) antepassados(as) (BLACKMAN; ARENA; BRABO; 2020, p. 52). Foi casada com Manoel Brito de Macedo e conceberam os filhos(as): Janemar Kátia Johnson de Macedo, Ludy Meiry Johnson de Macedo, Josenice Nara Johnson Macedo Amorim e Carlos Kleber Johnson de Macedo. Essas informações constam na sua ficha funcional e também no seu resumo bibliográfico.

De acordo com seu o resumo bibliográfico, a formação de Lydia Johnson é assim descrita:

Pós-Graduou-se na Universidade Federal de Rondônia (09/05/2002 a 21/12/2002) em Gestão Escolar; graduou-se em Administração Escolar Universidade Federal do Pará (1977) e Bacharel em Estudos Sociais Universidade Federal do Rio Grande do Sul - 1975; cursou o Ensino Médio e secundário na Escola Normal Carmela Dutra - Pedagógico - 1958 e 1954 respectivamente e o curso elementar foi realizado no Grupo Escolar Barão do Solimões - 1948 (RESUMO, 2017).

Observa-se que, para o seu período histórico, a Professora Lydia Johnson é símbolo de uma trajetória brilhante, de resistência e luta, tal como todas as mulheres negras aqui apresentadas. Lydia Johnson teve participação efetiva para a construção

²¹⁷ BATISTA, Eunice Luiza Johnson Batista. **Escavador**.

Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/2555128/eunice-luiza-johnson-batista>. Acesso em: 04 de jan. 2020.

²¹⁸ Ver: BLACKMAN, Cledenice; ARENA, Dagoberto Buim; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. **Afro-antilhanos em Porto Velho, Brasil: história, cultura e alfabetização**. Edição: v. 7 n. 7 (2020): Educação formal e não formal, cultura e currículo II.

Disponível: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2479>. Acesso em 10 de jun. de 2020.

²¹⁹ Ver: SANTILLI, Marcos. **Madeira-Mamoré: Imagem & Memória**. São Paulo: Empresa Vilares, 1987.

da educação portovelhense, destacando-se nas seguintes atividades desde o exercício da docência até a gestão escolar:

Nomeada pelo Decreto Governamental de 28 de fevereiro de 1955 para exercer o cargo de Professor do Ensino Primário, Classe “D”, do Quadro de Pessoal do Território.

Exerceu a função de Professora do Ensino Primário no Grupo Escolar Duque de Caxias, no período de 17/03/55 a 11/07/1956

Removida para exercer a função de Professora do Ensino Primário no Grupo Escolar Barão do Solimões, no período de 11/07/1956 a 30/01/1963

Por interesse da Administração foi designada para exercer as atividades de Professora do Ensino Primário no Jardim de Infância Central, no período de 30/01/1963 a 19/01/1964.

Pela Portaria nº 1851/SP, de 26 de junho de 1964, foi designada para exercer a função de Subdiretora do Jardim de Infância Central

Pela Portaria nº 016/DE, de 25 de fevereiro de 1965, foi removida para o Grupo Escolar Barão do Solimões para exercer a função de Professora do Ensino Primário.

Exerceu a Sub-Direção do Grupo Escolar Samaritana no período de 24/02/1967 a 17/01/1969, designada pela Portaria nº 041/DE, de 24 de fevereiro de 1967 e Portaria nº 006, de 16 de janeiro de 1969.

Por interesse da Administração, foi designada para exercer as atividades da Diretoria no período Noturno do Grupo Escolar Barão do Solimões, conforme Portaria nº 086/DE, de 23 de março de 1970.

Pela Portaria nº 57/DE, 12 de fevereiro de 1971, foi designada para exercer no interesse da Administração a Direção da “Escola Reunida 21 de Abril”, onde permaneceu até 12/12/1979.

Pela Portaria nº 998/SEC, de 13 de dezembro de 1979, foi designada para exercer as funções de Diretora da Escola Territorial de 1º Grau Brasília, permanecendo até 31/07/1989

Pelo Decreto de 20 de setembro de 1989, publicado no Diário Oficial nº 1889, de 27 de setembro de 1989, foi designada para exercer as funções de Diretora da Escola de 1º Grau Murilo Braga.

Pelo Decreto de 27 de agosto de 1991, publicado no Diário Oficial nº 2363, de 05 de setembro de 1991, foi designada para exercer a Função Gratificada de Vice Diretora da Escola Estadual de 1º Grau Murilo Braga.

Pela Portaria nº 1761/NAF/SEDUC, de 17 de dezembro de 1993, publicada no BS/048/CDRH, de 10 de junho de 1994, Processo nº 1003/5507/93, foi dispensada da função de Vice-Diretora da Escola Estadual de 1º Grau Murilo Braga.

Designada para exercer a função de Diretora da Escola Estadual de 1º Grau Murilo Braga, conforme Portaria nº 1762/NAF/SEDUC, de 17 de dezembro de 1993, publicada no BS/048/CDRH, de 10 de junho de 1994, Processo nº 1003/5507/1993, onde exerceu com profissionalismo e dedicação tal função até o ano de 2003, no ato de sua aposentadoria (FICHA, 2019).

De acordo com as atividades desenvolvidas, podemos verificar e compreender a cooperação e a trajetória profissional da Professora Lydia Johnson no desenvolvimento da história da educação portovelhense, desde a prática docente até a conquista de espaço na gestão escolar, de maneira exímia, marcando e reafirmando a presença identitária da mulher afro-antilhana no processo de fortalecimento educacional nos confins da Amazônia, desde quando Rondônia ainda era um Território Federal. Em reconhecimento ao seu trabalho, seu nome foi dado a uma escola, em 25 de junho de 2015, conforme se observa na Figura 28:

Figura 28 - Escola Lydia Johnson de Macedo



Fonte: E.E.E.M.T.I. Lydia Johnson de Macêdo. Disponível em: https://www.facebook.com/lydia.johnson.18659041/media_set?set=a.127930348101082&type=3. Acesso em: 19 de jun. de 2020.

“O nome da escola é uma homenagem à professora Lydia Johnson de Macedo, que atuou na gestão da Escola Estadual Murilo Braga de 1989 a 2003, quando se aposentou. Lydia faleceu em 2013” (PORTAL, 2015, p. 1, grifo nosso).

Lydia Johnson foi uma das muitas mulheres afro-antilhanas, que contribuiu efetivamente para o desenvolvimento educacional na região amazônica sendo reconhecida pelo seu trabalho de excelência

5.2.5 Rosilda Shockness

Nossa quinta e última professora se chama Rosilda Shockness, descendente de afro-antilhana, nascida em Porto Velho em 29 de março de 1961, nos tempos do Território Federal de Rondônia (1956/1981). Faleceu em um acidente de automóvel, quando estava em efetivo exercício da função profissional, em uma viagem passando pelo município de Vilhena rumo a Colorado do Oeste, em 27 de outubro de 2015²²⁰, aos 54 anos de idade.

Mesmo diante da sua partida abrupta e de sua breve passagem nas paragens da Madeira-Mamoré, contribuiu de forma exímia, exemplar e notável para a consolidação da educação em Porto Velho e do estado de Rondônia, do mesmo modo que todas as mulheres professoras antecessoras e descendentes de afro-antilhanas aqui estudadas.

A Figura 29, abaixo, traz um registro fotográfico de Rosilda Shockness:

Figura 29 - Professora Rosilda Shockness



Fonte: Disponível em: <http://g1.globo.com/ro/rondonia/videos/t/todos-os-videos/v/professora-rosilda-shockness-morre-em-acidente/4570459/>. Acesso em: 19 jun. 2020.

²²⁰ **PROFESSORA Rosilda Shockness morre em acidente.**

Disponível em: <http://g1.globo.com/ro/rondonia/videos/t/todos-os-videos/v/professora-rosilda-shockness-morre-em-acidente/4570459/>. Acesso em: 19 jun. 2020.

A professora Rosilda Shockness era filha de Alcira da Silva Shockness e Irá Eleuza Shockness, este último falecido. É descendente da 3ª geração afro-antilhana inglesa de imigrantes que vieram para Porto Velho trabalhar na construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré e contribuíram na constituição do município e do estado de Rondônia (1907/1912)²²¹.

Conforme consta em sua ficha funcional, a professora Rosilda Shockness iniciou sua carreira profissional como Agente de Administração, em 17 de setembro de 1979. Após 12 anos, em 1991, conquistou o cargo de professora pertencente ao quadro do Governo Federal de Rondônia.

Rosilda Shockness trabalhou em várias escolas estaduais em Porto Velho, como Duque de Caxias, Manaus, Major Guapindaia, dentre outras, sendo uma excelente e brilhante professora de Educação Física, especialista na modalidade voleibol, tanto que, durante sua juventude, destacou-se como jogadora nesta modalidade esportiva e favoreceu a conquista de vários títulos para Porto Velho/Rondônia. Posteriormente, como treinadora de voleibol, habilitou inúmeras gerações nesta categoria esportiva. Apresentamos a seguir um breve currículo:

Graduada em Educação Física pela Escola Superior de Educação Física do Pará-ESEF (1985). Graduada em Psicologia pela Instituto Luterano de Ensino Superior-ULBRA (2009). Especialização em Psicologia da Educação pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR (1998). Especialização em Psicopedagogia pela Universidade Federal de Rondônia (1999). Especialização em Ciência do Treinamento Desportivo pela Universidade Gama Filho-UGF (1985). **Atualmente é coordenadora de Gestão Escolar pela Secretaria de Estado de Educação de Rondônia.** Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Psicologia, Educação Física, Psicopedagogia (SHOCKNESS, 2020, p. 1, grifo nosso).

Rosilda Shockness era uma profissional altamente capacitada, possuindo duas formações iniciais em nível superior: Educação Física e Psicologia.²²² Enfrentou o desafio de coordenar a Gestão Escolar por praticamente três anos, conquistando para Rondônia o prêmio de referência em Gestão Escolar, função que exerceu com

²²¹ Ver: NEVES, Josélia Gomes; Shockness, Rosilda. **Quebra do silêncio na floresta: historiografias de mulheres barbadianas e granadinas na Amazônia.** Disponível em: <https://docplayer.com.br/9192762-Quebra-do-silencio-na-floresta-historiografias-de-mulheres-barbadianas-e-granadinas-na-amazonia-joselia-gomes-neves-1-rosilda-shockness-2.html>. Acesso em: 20 de jun. de 2019. Publicado em: 12 de ago. 2012. FUNDAÇÃO Nacional Pró-Memória. Vídeo: **A ferrovia do Diabo**. Produção: MEC-SEC-Sphan-Fundação Nacional Pró-Memória em convênio com a TV Amazonas. Direção de Produção: Marco Antônio Guimarães. Imagens: Nelson Nay. 198

²²² Possuía um consultório de Psicologia localizado na Rua José Vieira Caúla, esquina com Rua México, Bairro: Embratel, em Porto Velho. Cursava doutorado em Psicanálise, na Argentina.

maestria na Secretaria Estadual de Educação (SEDUC), localizada no Centro Político Administrativo (CPA). A Secretaria da Educação do Estado de Rondônia, na época (2015), afirmou que:

“Rosilda foi um grande baluarte da educação rondoniense. Nos deixou fazendo o que mais gostava: trabalhar pela educação. Essa homenagem é mais do que justa e um reconhecimento por todo o trabalho que realizou como educadora. Rondônia sente-se no dever e na obrigação de prestar homenagem a essa profissional que sacrificou sua vida em prol da melhoria da qualidade do ensino do estado”, afirmou Fátima Gavioli (IN MEMORIAN, 2015, grifo nosso).

Em memória aos seus préstimos profissionais em Porto Velho e no estado de Rondônia, a professora Rosilda Shockness recebeu uma condecoração nacional, em homenagens póstumas, como podemos constatar no seguinte trecho:

Por ocasião da entrega dos Prêmios Gestão Escolar e Professores do Brasil 2015, nessa quinta-feira (3), em Brasília, a secretária de Estado da Educação de Rondônia, Fátima Gavioli, coordenadora nacional do Gestão Escolar, prestou homenagem in memoriam à professora da rede estadual de ensino de Rondônia, Rosilda Shockness, recentemente falecida em desastre automobilístico. Jeferson Tiago Shockness Neves, sobrinho da professora Rosilda, recebeu a comenda e certificado concedidos em nome do Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Educação (Consed) (IN MEMORIAN, 2015).

A Figura 30 apresenta o registro fotográfico desse momento, em que comenda e certificado foram recebidos pelo seu sobrinho Jeferson Tiago Shockness Neves:

Figura 30 - Comenda e Certificado - Homenagem póstuma à Prof^a. Rosilda Shockness



(http://data.portal.sistemas.ro.gov.br/2015/12/12342274_945169615530853_229586161147)
Sobrinho da homenageada Rosilda Shockness, Jeferson Tiago Shockness Neves, recebeu a comenda e certificado

Fonte: IN MEMORIAN. Disponível em: <http://www.rondonia.ro.gov.br/professora-rosilda-shockness-e-homenageada-pelo-consed/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

Uma segunda homenagem póstuma dedicada aos serviços prestados pela Professora Rosilda Shockness, em nível estadual, foi a denominação do salão localizado no último andar (à frente do belíssimo Rio Madeira) do Centro Político Administrativo (CPA), em Porto Velho, em memória: **Salão Nobre Rosilda Shockness**. A Figura 31 registra a inauguração desse espaço de convivência e/ou miniauditório, realizada em 26 de out. de 2016, em homenagem aos préstimos, dedicação, presença atuante e contribuição para o fortalecimento da educação portovelhense e rondoniense e em reconhecimento da participação marcante da docente Rosilda Shockness, presença identitária afro-antilhana educacional.

Figura 31 - Inauguração do Salão Nobre *Rosilda Shockness* (26/10/2016)



Fonte: SECRETARIA Do Estado da Educação. SEDUC-RO. Governador Inaugura Salão Nobre "Rosilda Shockness". Publicado em 26 de out. de 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/seducro/posts/804705116334140/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

Em solenidade realizada nesta quarta-feira (26), o governador Confúcio Moura inaugurou o **Salão Nobre "Rosilda Shockness"**, instalado no 11º andar do Edifício Pacaás, no Centro Político Administrativo de Porto Velho (CPA), em evento que contou com a participação de secretários, servidores estaduais, autoridades convidadas e familiares da homenageada [grifo nosso]. O governador Confúcio Moura justificou a homenagem e agradeceu aos familiares por terem autorizado o uso do nome da professora Rosilda para identificar o Salão Nobre do Edifício Pacaás (SECRETARIA, 2016, p. 1).

A secretária de Estado da Educação de Rondônia, professora Fátima Gavioli, e o secretário adjunto da Secretaria de Estado da Educação de Rondônia, professor Márcio Félix, participaram da solenidade e enalteceram as qualidades profissionais da homenageada.

"É uma homenagem das mais justas, pois Rosilda teve importante papel no "Prêmio Gestão Escolar" de 2015 e sempre desempenhou suas atividades pedagógicas com muito profissionalismo. Ainda hoje sua falta é sentida na Seduc", afirmou Gavioli.

O secretário adjunto disse que o governo do Estado de Rondônia reconhece a importância da professora Rosilda Shockness para com a educação de Rondônia e a prova maior é que faleceu quando viajava para Cerejeiras, onde ministraria o curso em "Gestão Democrática" em escola da rede estadual de Rondônia como integrante da equipe do "Prêmio Gestão Escolar" (SECRETARIA, 2016, p. 1).

Considerando o exposto, reiteramos a relevância do trabalho docente da professora Rosilda Shockness, descendente de granadinos(as) que migraram da ilha de Granada.²²³ Foi uma mulher negra portovelhense que contribuiu para a consolidação pedagógica no município de Porto Velho e no estado de Rondônia. Marcou uma presença identitária positiva para várias gerações como professora de Educação Física, treinadora de voleibol, psicóloga e como coordenadora do Prêmio Gestão Escolar em Rondônia, conquistando resultados profícuos para a educação municipal e estadual.

Devemos registrar que a identidade afro-antilhana é uma constante presença, quase sempre lembrada pela memória dos antigos moradores e moradoras. Contudo, existem poucos registros em razão de que as investigações com esta temática são embrionárias, lacunares. Esperamos, portanto, que este nosso trabalho de pesquisa possa suprir, pelo menos em parte, o vazio historiográfico educacional sobre a forte influência, contribuição e presença da mulher afro-antilhana e descendência no fazer docente à beira do Madeira e, ao mesmo tempo, contribuir para a desconstrução da visão estereotipada constante nas obras nacionais e regionais.

²²³ Ver: NEVES, Josélia Gomes; SHOCKNESS, Rosilda. **Quebra do silêncio na floresta:** historiografias de mulheres barbadianas e granadinas na Amazônia. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9192762-Quebra-do-silencio-na-floresta-historiografias-de-mulheres-barbadianas-e-granadinas-na-amazonia-joselia-gomes-neves-1-rosilda-shockness-2.html>. Acesso em: 20 jun. 2019. Publicado em: 12 de agosto de 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese, intitulada *A mulher afro-antilhana de Porto Velho e sua anterioridade na educação*, foi orientada por cinco perguntas de pesquisa: (1) Como a mulher afro-antilhana foi apresentada e estigmatizada nas bibliografias, apesar de que a memória local reconhece sua presente participação na identidade histórica educacional mesmo que de forma marginalizada? (2) Qual a primeira escola de Porto Velho? (3) Quem eram os(as) principais responsáveis por tal iniciativa escolar no início do século XX? (4) Como funcionava a primeira escola informal localizada no Barbadian Town? (5) Quais mulheres imigrantes afro-antilhanas e descendência marcaram presença e contribuíram no contexto educacional portovelhense?

A tese se insere na Linha de Pesquisa 4 - *Políticas Educacionais, Gestão de Sistemas e Organizações, Trabalho e Movimentos*. Nosso itinerário foi pautado metodologicamente na análise bibliográfica e na análise de objetos documentais como: ficha funcional, entrevistas documentadas, fotografias, periódicos, portal da transparência em âmbito municipal, estadual, federal, rede social *Facebook*, documentário, sites de busca, dentre outros recursos informacionais mencionados detalhadamente na Seção 1 desta tese. Esse arcabouço documental e bibliográfico nos possibilitou compreender a anterioridade e a contribuição na educação portovelhense das imigrantes afro-antilhanas na escola informal bilíngue localizada no *Barbadian Town* (1910/1943) que, em movimento contínuo, foi também partilhada pelas cinco mulheres educadoras e descendentes de afro-antilhanas: *Aurélia Banfield*, *Berenice Johnson*, *Judith Holder*, *Lydia Johnson* e *Rosilda Shockness*. Essas mulheres negras tinham como similaridade a profissão docente no município de Porto Velho e fizeram parte da primeira, segunda e terceira geração de imigrante afro-antilhano(a) que nasceu em Porto Velho.

Embasamo-nos teoricamente em autoras e autores dos Estudos Culturais, como Escosteguy, Hall, Halbwachs, Hollanda, Bhabha, Beck, Giroux, Guizzo, Prysthon, Scott, entre outras(os), que nos ajudaram na compreensão conceitual de *memória, identidade, diáspora, história, educação, mulher, barbadiana, afro-antilhana*, descendentes, entre outras categorias que utilizamos em nossa investigação.

Justificamos a importância do estudo sobre os antecedentes da história da participação da mulher imigrante afro-antilhana no âmbito educacional do município

de Porto Velho desde início do século XX, em contraposição aos discursos hegemônicos encontrados em bibliografias para, assim, construir uma possibilidade de registro da mulher negra, imigrante e descendência das Antilhas Inglesas como protagonista na historiografia da educação e na gestão de política educação sem presença estatal em Porto Velho, local em que foram antecessoras na implementação pedagógica, presença marcante, anterioridade e participante até o presente momento da estrutura educacional em Rondônia. Entretanto, essas mulheres têm sido excluídas, silenciadas, invisibilizadas e estereotipadas acerca de sua participação na historiografia da educação e da história de Rondônia.

Nas cinco seções em que organizamos este trabalho, construímos nossa discussão na seguinte sequência:

1) Apresentamos nosso caminho e a escolha metodológica, caracterizamos a questão da mulher nos Estudos Culturais, bem como os Estudos Culturais na perspectiva educacional, considerando a documentação, os textos e escritos, objetos desta investigação, enfocando a anterioridade das professoras afro-antilhanas e descendência na educação de Porto Velho.

2) Tratamos da mulher afro-antilhana na historiografia da educação e da história, identificando alguns estereótipos construídos sobre a mulher imigrante das Antilhas Inglesas, observando a estigma, a ausência, o silêncio, a invisibilidade, a homogeneização e a generalização, no que diz respeito, anterioridade, a presença e atuação profissional no contexto da educação em Porto Velho da mulher afro-antilhana e descendência à qual apresentamos como novas categorias à partir desta tese. É relevante destacar a questão da identidade “barbadiana” reiterada e reforçada na historiografia. Nesse sentido propomos o termo afro-antilhana como melhor qualificação, pois é abrangente e multicultural, abarcando todas as nacionalidades imigrantes das Antilhas Inglesas. Analisamos o termo “mulher barbadiana” como uma identidade forjada, para designar as afro-antilhanas retratadas nas bibliografias, monografias, dissertações, teses e artigos científicos sobre a historiografia da história e da educação, nas construções literárias regionais hegemônicas, no que diz respeito às imagens da mulher negra imigrante das Antilhas Inglesas e descendência na Amazônia. Dessa forma, buscamos trazer uma contribuição que desmistifica o processo de construção de mentalidade sobre esse grupo multicultural que foi forjadamente estudado e mencionado como sendo *barbadianas*.

3) Apresentamos um breve contexto histórico as ilhas antilhanas inglesas, Granada e Barbados, enfatizando como acontecia a educação em Barbados, durante o período de fins do século XIX, desenvolvida nas escolas interligadas às igrejas. As imigrantes negras eram alfabetizadas em língua inglesa e as antepassadas afro-antilhanas, no geral escolarizadas, no início do século XX, partiam de Barbados e Granada em busca de melhores condições sociais na região à beira do Madeira. Esclarecemos as motivações para a travessia, o movimento e a chegada da imigração afro-antilhana ao Brasil, principalmente via Porto de Belém, sequencialmente, chegando a Manaus, e posteriormente, a Porto Velho.

4) Descrevemos como iniciou o bairro estrangeiro denominado *Barbadian Town* em Porto Velho, no ano de 1910, e destacamos o surgimento da primeira *escola informal bilíngue* neste bairro internacional, no início do século XX. A referida escola foi organizada por dois casais afro-antilhanos: Dona Priscila e Mr. Fred Banfield; Dona Sátira e Mr. Davy. A escola informal bilíngue (inglês/*bajan*²²⁴ e português), funcionava no *Barracão*, em local fixo, e também nas varandas ou quintais das casas, de maneira itinerante. A cartilha em inglês era um recurso pedagógico para alfabetizar os filhos e as filhas da primeira geração, nascidos em Porto Velho.

No contexto dos antecedentes da história de Rondônia e a educação em Porto Velho, a primeira escola informal, por iniciativa da comunidade de imigrantes afro-antilhana, foi uma experiência precursora de gestão pedagógica e docência, tendo em vista que a primeira escola institucionalizada pelo governo do Mato Grosso, na região de Santo Antônio, ocorreu no ano de 1913. Na sequência, no dia 28 de julho do ano de 1915, marco temporal no povoado de Porto Velho, surgiu, por iniciativa do Estado, a fundação do primeiro grupo escolar na região da Madeira-Mamoré.

5) Buscando a ressignificação da anterioridade da mulher afro-antilhana, identificamos 30 mulheres imigrantes das Antilhas Inglesas moradoras do *Barbadian Town* (1910/1943). Identificamos e apresentamos o mapeamento das professoras que atuam/atuaram e/ou trabalham/trabalharam na docência e que descendem da imigração afro-antilhana inglesa para Porto Velho (1910), em âmbito municipal,

²²⁴ Ver: MARTINS, Maria da Graça. Memórias de aprendizagem de português-segunda língua dos descendentes de barbianos em Porto Velho. **Anais** do Encontro Internacional de Estudos da Linguagem - Enelin, 2011. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12519810/segunda-lingua-dos-descendentes-de-barbianos-em-letrasetcbr>. Acesso em: 01 de out. 2020.

estadual e federal. Foi possível compreender e registrar a anterioridade e contribuição da mulher afro-antilhana e descendência no âmbito da educação no município de Porto Velho, por intermédio da construção da história profissional docente de Aurélia Banfield²²⁵, Berenice Johnson, Judith Holder²²⁶, Lydia Johnson e Rosilda Shockness, subsidiada por análise documental e bibliográfica. Apresentamos um mapeamento que esclarece sobre a antecessora presença e colaboração da mulher afro-antilhana na educação, desde os antecedentes e surgimento do município Porto Velho, totalizando 36 mulheres precursoras no contexto educacional, imigrantes afro-antilhanas e descendência.

Portanto, os resultados de nossa investigação podem viabilizar uma maneira de ressignificar, reconstituir e registrar historicamente, mesmo de maneira ainda lacunar, a anterioridade das mulheres educadoras imigrantes das Antilhas Inglesas e as que delas descendem. Devemos ressaltar que o propósito geral desta tese de doutoramento foi contribuir para uma revisão histórica, no sentido de romper e desconstruir padrões estereotipados constituídos e reforçados nas obras e escritos nacionais e regionais de/sobre Rondônia, enfocando a antecendência da mulher afro-antilhana na educação portovelhense, haja vista que a mulher imigrante afro-antilhana trouxe a marca da sua identidade,²²⁷ da presença e do vanguardismo no processo educacional sem a presença do Estado, por iniciativa da comunidade afro-antilhana inglesa (1910-1943) nestas paragens à beira do Rio Madeira.

²²⁵ “[...] no final década de trinta a Professora Aurélia Banfield instalava a escola Particular Dr. Arthur Lacerda Pinheiro” (LIMA A, 1987, p. 3). Contratada como professora pelo Território Federal do Guaporé (1943). Ver Seção 5.2.1.

²²⁶ Contratada como professora auxiliar pelo Território Federal do Guaporé (1946). Ver Seção 5.2.3.

²²⁷ “Entre a *colônia barbadiana* aqui residente, **não ví uma só pessoa de ambos os sexos, que não saiba lêr e escrever** circunstância que se torna digna de registro. Isto porque em sua terra natal a instrução é obrigatória” (ALTO MADEIRA, 1925, p. 2, grifo nosso).

REFERÊNCIAS

AFRO-antilhanas na lavanderia à vapor da EFMM. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=dana+merril+-+foto+lavanderia&tbm>. Acesso em 28 de jun. de 2019. Fotografia adaptada por Cledenice Blackman.

ALBUQUERQUE, João. **Ex-ferroviário Dionísio Shockness morre aos 92 anos.** Publicado em 25 de jun. de 2014. Disponível em: <https://www.rondoniagora.com/geral/ex-ferroviario-dionisio-shockness-morre-aos-92-anos>. Acesso em: 19 de fev. 2020.

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. **Lua Nova**, São Paulo, 80: 71-96, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ln/n80/04.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

AMARAL, Ronaldo Afonso do. **Deputado Jhony Paixão recebe homenagem de professores.** Publicado em 13 de dez. 2019. Disponível em: <https://www.al.ro.leg.br/institucional/noticias/deputado-cabo-jhony-paixao-recebe-homenagem-de-professores>. Acesso em: 05 fev. 2020.

ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz.** Brasília: IPHAN, 2015. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/O_turista_aprendiz.pdf. Acesso em: 01 jan. 2019.

ANGELI, José Mario. Gramsci, Hegemonia e Cultura: relações entre sociedade civil e política. **Espaço Acadêmico**, nº 122, jul. 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/13903-Texto%20do%20artigo-53759-1-10-20110706.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

ANTILHAS. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Antilhas>. Acesso em: 09 jun. 2019.

APOSTILA de Geografia e História de Rondônia. **Coleção de Textos.** Publicado em 02 de dez. de 2013. Disponível em: https://issuu.com/eeemvaldomirofranciscocodeoliveiramac/docs/livro_de_geografia_e_hist__ria_de_r. Acesso em: 04 de jul. 2020.

ARAÚJO, Carlos. **Entrevista da Semana:** pastor sequestrado por assaltantes diz que sobreviveu por "um milagre de Deus" Líder religioso Joel Holder fala do serviço a Deus, de política, de corrupção e de fé. Publicada em 29 de dezembro de 2013, às 11:44:00. Disponível em: <https://www.tudorondonia.com/noticias/entrevista-da-semana-pastor-sequestrado-por-assaltantes-diz-que-sobreviveu-por-um-milagre-de-deus,41756.shtml>. Acesso em: 11 de jun. de 2020.

ARQUIPÉLAGO. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/depestre/antilhas.htm>>. Acesso em 09 de jun. de 2019.

ARQUIVO GERAL do Estado de Rondônia. **Ficha Funcional da Servidora** Berenice Elisa Johnson. Porto Velho, 2019.

ARQUIVO GERAL do Estado de Rondônia. **Ficha Funcional da Servidora** Judith Holder. Porto Velho, 2019.

ARQUIVO GERAL do Estado de Rondônia. **Ficha Funcional da Servidora** Lydia Johnson de Macedo. Porto Velho, 2019.

ARQUIVO GERAL do Estado de Rondônia **Ficha Funcional da Servidora**. Rosilda. Shockness. Porto Velho, 2019.

ASSEMBLÉIA Legislativa do Estado de Rondônia. **Título honorífico à professora Úrsula Maloney é apresentado na Assembleia**. Disponível em: <https://al-ro.jusbrasil.com.br/noticias/100054097/titulo-honorifico-a-professora-ursula-maloney-e-apresentado-na-assembleia?ref=amp>. Acesso em: 04 jan. 2020.

AVELAR, Regina Paula Ambrogi. **Pesquisa global sobre língua e 'ensino bilíngue'**: ciência em um entrelaçar. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2018. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/3728/5/Regina%20Paula%20Ambrogi%20Avelar.pdf>. Acesso em: 23 out. 2020.

BANFIELD, Aurélia. Entrevista documentada encontrada no Centro de Documentação Histórica de Rondônia - CDH - RO. **Projeto Pró-Memória**, 1981.

BARBADOS. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/turismo/barbados>. Acesso em: 17 jun. 2019.

BARBADOS country profile (em inglês). Disponível em: http://news.bbc.co.uk/2/hi/americas/country_profiles/1154116.stm. Acesso em: 17 jun. 2019.

BARBOSA, Maria do Rosário. **Resumo Bibliográfico da Lydia**. [Mensagem pessoal enviada por: rosariofreitas40@hotmail.com]. Mensagem recebida por cleideblackman@hotmail.com, em 15 dez. 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARKER, Martin, BEEZER, Anne (Eds.) 1994. **Introducción a los estudios culturales**. Barcelona: Bosch Casa Editorial. Trad. de Héctor Borrat. Disponível em: <https://www.felsemiotica.com/descargas/Barker-Martin-y-Beezer-Anne-Eds.-Introducci%C3%B3n-a-los-estudios-culturales-1.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos Culturais: o que e como da investigação. **Carnets, Cultures littéraires, nouvelles performances et développement**, nº special, automne/hiver, 2009, pp 451-461. Universidade de Aveio. Disponível em: <https://journals.openedition.org/carnets/4382>. Acesso em: 21 jan. 2020.

BARROS, José D'Assunção. **História e memória** - uma relação na confluência entre tempo e espaço. Jan./Jul., 2009. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion/Vol5/historia_memoria.pdf. Acesso em: 20 out. 2020.

BECK, Dinah Quesada; GUIZZO, Bianca Salazar. Estudos culturais e estudos de gênero: proposições e entrelaces às pesquisas educacionais. **Holos**, Ano 29, Vol. 4. Setembro/2013. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1597>. Acesso em: 28 maio 2019.

BEZERRA, Mariana Lemos de Moraes. **Think Olga**: interseccionalidade, comunicação midiática no facebook e a apropriação da identificação de gênero no sujeito do feminismo. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia. Natal, 2018.

BHABHA, Homi K. **O local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2ª Edição. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BLACKMAN, Cledenice. **Os Barbadianos e as contradições da historiografia regional**. Porto Velho: RO, 2007. Monografia (Bacharelado em História). Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, 2007.

BLACKMAN, Cledenice. **Negros antilhanos em Porto Velho**. Dissertação (Mestrado em História). Área de Concentração: História, Cultura e Imaginário. Universidade Pablo de Olavide (Espanha) em parceria com a Universidade de Múrcia (Espanha) e a Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR (Brasil), 2010.

BLACKMAN, Cledenice. **Os imigrantes antilhanos de Porto Velho**. In: CAMPOS, A. P.; GIL, A. C. A.; SILVA, G. V. da; BENTIVOGLIO, J. C.; NADER, M. B. (Org.) **Anais** eletrônicos do III Congresso Internacional Ufes/Université Paris-Est/Universidade do Minho: territórios, poderes, identidades (Territoires, pouvoirs, identités). Vitória: GM Editora, 2011.

BLACKMAN, Cledenice. **Cultura antilhana em Porto Velho**. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS DAS AMÉRICAS (NUCLEAS). Rio de Janeiro, 27-31/08/2012. Disponível em: <https://oestrangero.org.files.wordpress.com/2014/12/cultura-antilhana-em-porto-velho.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2017.

BLACKMAN, Cledenice. **Do mar do Caribe à beira do Madeira**: a comunidade antilhana de Porto Velho. Dissertação (Mestrado) - Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Porto Velho, 2015.

BLACKMAN, Cledenice. Um século de imigração afro-antilhana no Brasil. In: Rosana Baeninger; Roberta Peres; Duval Fernandes; Sidney Antonio da Silva; Gláucia de Oliveira Assis; Maria da Consolação G. Castro; Marília Pimentel Cotinguiba (Org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Ied. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, v. I, p. 65-84.

BLACKMAN, Cledenice. BURGEILE, Odete. A representação historiográfica sobre os afro-antilhanos em Porto Velho. In: Rosana Baeninger; Roberta Peres; Duval

Fernandes; Sidney Antonio da Silva; Gláucia de Oliveira Assis; Maria da Consolação G. Castro; Marília Pimentel Cotinguiba (Org.). **Imigração haitiana no Brasil**. Ied.Jundiaí: Paco Editorial, 2016, v. I, p. 85-93.

BLACKMAN, Cledenice. A imigração afro-antilhana inglesa para o Brasil, trabalho e memória. In: BAENINGER, Rosana; BÓGUS, Lúcia Machado; MOREIRA, Júlia Bertino; VEDOVATO, Luís Renato; FERNANDES, Duval; SOUZA, Marta Rovey de; BALTAR, Cláudia Siqueira; PERES, Roberta Guimarães; WALDMAN, Tatiana Chang; MAGALHÃES, Luís Felipe Aires (Orgs.). **Migrações sul-sul**. 2ª ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População Elza Berquó Nepo/Unicamp, 2018, pp. 901-910.

BLACKMAN, Cledenice. A Imigração afro-antilhana para o Brasil, historiografia e identidade. In: AGUIAR, Veronica Aparecida Silveira (Org.). **O lugar da história e dos historiadores nas Amazôniaas**. Macapá: UNIFAP, 2018, pp. 54-66.

BLACKMAN, Cledenice. **Do mar do Caribe à beira do Madeira**: historiografia, cultura e imigração. 1ª. ed. Appris: Curitiba, 2019.

BLACKMAN, Cledenice; ARENA, Dagoberto Buim; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. Afro-antilhanos em Porto Velho, Brasil: história, cultura e alfabetização. **Humanidades & Inovação**: Educação formal e não formal, cultura e currículo II. Palmas, v. 7 n. 7, mar./2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2479>. Acesso em: 10 jun. 2020.

BLACKMAN, Cledenice; SILVA, Gilberto Paulino da; PEREIRA, Rosa Martins Costa (Orgs.). **Dossiê Rondônia “o rio que nos une”**: educação, migração e cultura nestas paragens. Cultura à moda afro-antilhana em Porto Velho. Porto Velho: Temática Editora, 2019.

BLACKMAN, Elton. Entrevista documentada encontrada no Centro de Documentação Histórica de Rondônia - CDH - RO. **Projeto Pró-Memória**, 1981.

BORZACOV, Yêdda Pinheiro. **Os bairros de Porto Velho**. Porto Velho: Porto Madeira Gráfica & Comunicação Visual, 2016.

BOTELHO, André. **Heloísa Buarque de Hollanda**: o campo aberto da cultura. Publicado em 09 de ago. de 2017. Disponível em: <https://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/1934-helo%C3%ADsa-buarque-de-hollanda-o-campo-aberto-da-cultura.html>. Acesso em: 02 jun. 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** - LDB. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 04 out. 2020.

BURGEILE, Odete. **Aspectos lingüísticos e sociolingüísticos de uma comunidade falante de língua inglesa, em Porto Velho - RO**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1989.

BURGEILE, Odete. **Um estudo sociolinguístico dos afro-amazônidas no Brasil, a imigração e a mudança de língua**. Lewinston, New York: The Edwin Mellen Press, 2009.

CAMARGO, Orson. **A mulher e o mercado de trabalho**. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/sociologia/a-mulher-mercado-trabalho.htm>. Acesso em: 02 abr. 2017.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. 5ª ed. Trad.: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 2011.

CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. **Diferenças culturais e educação: construindo caminhos**. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2011.

CANTANHEDE, Antônio. **Achegas para História de Porto Velho**. Manaus, Editor: Seção de Artes Gráf. da Escola Técnica de Manaus, 1930.

CARVALHO, Sandro Amorim de. **O povo do livro: uma história da inserção do protestantismo em Manaus (1888-1944)**. Dissertação (Mestrado em História) - Manaus, 2015. Disponível em: <http://200.129.163.131:8080/handle/tede/4283>. Acesso em 20 jun. 2019.

CENTRO de Documentação do Tribunal de Justiça. Caixa 01 ou 2A/Santo Antônio/1931. Porto Velho - RO.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representação**. São Paulo: Difel, 1988.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados** 5/11. Jan./abril 1991. Vol. 5., n. 11. Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Avançados.

CHAVES, Wanderson da Silva. **O partido dos panteras negras**. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/topoi/v16n30/2237-101X-topoi-16-30-00359.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2020.

CONEXÃO RONDONIAOVIVO: **Entrevista com a professora Úrsula Maloney, uma das pioneiras da Educação de Porto Velho**. Disponível em: <http://www.rondoniaovivo.com/conexao-rondoniaovivo/video/2019/10/15/conexao-rondoniaovivo-entrevista-com-professora-ursula-maloney-uma-das-pioneiras-da-educacao-em-porto-velho.html>. Acesso em: 04 jan. 2020.

CORDEIRO, Cecília Siqueira. Historiografia e história da historiografia: alguns apontamentos. In: XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Florianópolis, 27-31/07/2015. **Anais**. Disponível em:

http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428357432_ARQUIVO_ArtigoSNH2015Historiografia.pdf>. Acesso em 01 de jul. de 2019.

COSTA, Francisco de Assis. **O grande capital e agricultura na Amazônia: a experiência Ford no Tapajós**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1993.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luís Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, nº 23, Mai/Jun/Jul/Ago 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf>. Acesso em: 13 out. 2020.

COSTA, Rodrigo Heringer. **Anais do III SIMPOM 2014** - Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música. Disponível em: seer.www.unirio.br/index.php. Acesso em: 17 jan. 2020.

CRAIG, Neville B. **Estrada de Ferro Madeira Mamoré: história trágica de uma expedição**. Trad. Moacir N. Vasconcelos. Série 5ª. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947.

CRUZ, Oswaldo. **Considerações gerais sobre as condições sanitárias do rio Madeira - 1910**. Centro de Documentação do Estado de Rondônia.

DA DINAMARCA para o Caribe, a procura de suas raízes. Disponível em: <http://www.gentedeopiniao.com.br/lerConteudo.php?news=39219>. Acesso em: 09 jan. 2015.

DIÁRIO Oficial dos Municípios do Estado de Rondônia. Rondônia, 15 de Julho de 2019 • ANO X | nº 2500. Disponível em: <https://www.portovelho.ro.gov.br/dom>. Acesso em: 22 jun. 2020.

DIÁRIO Oficial da União - DOU. Nº 92, quarta-feira, 15 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/241613239/dou-secao-2-15-05-2019-pg-20>. Acesso em 12 de fev. 2020.

DIÁRIO Oficial da União - DOU Nº 189, segunda-feira, 30 de setembro de 2019. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/servlet/INPDFViewer?jornal=529&pagina=23&data=30/09/2019&captchafield=firstAccess>. Acesso em 29 de jan. 2020.

DU GAY, P.; HALL, S.; JANES, L.; MACKAY, H.; NEGUS, K. **Doing cultural studies: the story of the Sony Walkman**. Londres: Sage, 1997.

E.E.E.M.T.I. **Lydia Johnson de Macedo**. Disponível em: https://www.facebook.com/lydia.johnson.18659041/media_set?set=a.127930348101082&type=3. Acesso em: 19 jun. 2020.

FEMINICÍDIO: Dados alarmantes sobre a violência contra a mulher no Brasil. Disponível em: <https://www.cnte.org.br/index.php/cnte-na-midia/20720-feminicidio-dados-alarmantes-sobre-a-violencia-contra-a-mulher-no-brasil.html>. Acesso em: 02 jun. 2019. Publicado em 02/04/2019.

FERNANDES, Jorge. **Negros na Amazônia acreana**. Rio Branco: Edufac, 2012.

FERREIRA, Hugo. **Reminiscências da Madmarmrly e outras mais**. Porto Velho: [s/ ed.], 1969.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **Nas selvas amazônicas**. São Paulo. Gráfica Biblos Ltda. 1961.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A ferrovia do diabo**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

FESTIVAL INTERNACIONAL Do Mar do Caribe à beira do Madeira tem parceria do IFRO. Disponível em: <https://portal.ifro.edu.br/ultimas-noticias/9327-festival-internacional-do-mar-do-caribe-a-beira-do-madeira-tem-parceria-do-ifro>. Acesso em: 09 jan. 2020.

FONSECA, Dante Ribeiro; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **História regional: Rondônia**. 4ª ed. Porto Velho: Rondoniana, 2001.

FONSECA, Dante Ribeiro da. **Estudos de história da Amazônia**. Porto Velho: Gráfica e Editora Maia, 2007.

FONSECA, Dante Ribeiro. **Barbadianos:** trabalhadores negros caribenhos da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Disponível em: <http://www.pakaas.net/estr1.htm>. Acesso em: 18 abr. 2010

FONSECA, Marcos Vinícius; BARROS, Surya Aaronovich Pombo de (Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/33553284/A_Historia_dos_negros_na_educacao_no_Brasil_.pdf.

FORTINI, Andreia Lucas Phellippe. **Semana da consciência negra**. Palácio do Governo Getúlio Vargas. 19 nov. 2016. Disponível em: https://www.facebook.com/search/top/?q=aur%C3%A9lia%20banfield%20-%20fortini&epa=SEARCH_BOX. Acesso em: 01 mar. 2020.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueria. **Granada**. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/granada.htm>. Acesso em: 09 jun. 2019.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueria. **Rondônia**. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/rondonia.htm>. Acesso em: 22 jan. 2019.

FUNDAÇÃO NACIONAL PRÓ-MEMÓRIA. **A Ferrovia do Diabo**. (Vídeo). Produção: MEC-SEC-Sphan-Fundação Nacional Pró-Memória em convênio com a TV

Amazonas. Direção de Produção: Marco Antônio Guimarães. Imagens: Nelson Nay. 1981.

ESCAVADOR. **Eunice Luíza Johnson Batista**. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/2555128/eunice-luiza-johnson-batista>. Acesso em: 04 jan. 2020.

ESCAVADOR. **Rosilda Shockness**. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/2450141/rosilda-shockness>. Acesso em 19 de jun. de 2020.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Stuart Hall e feminismo: revisitando relações. **Matrizes**. v.10 - nº 3 set/dez. São Paulo, 2016- Brasil. Disponível em: www.revistas.usp.br/matrizes/article/download/122541/121878/. Acesso em: 04 jun. 2019.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Os estudos culturais**. Cartografias de website de estudos culturais. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3363368/mod_resource/content/1/estudos_culturais_ana.pdf. Acesso em: 29 mai. 2019.

EXTERNA da lavanderia da EFMM e as afro-antilhanas. Disponível: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10214142786749107&set=p.10214142786749107&type=1&theater>. Acesso em: 28 jun. 2019. Colorida por Luís Claro.

GASPAR, Alberto. **A educação formal e a educação informal em ciências**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4044729/mod_resource/content/1/Texto%206%20A%20educa%C3%A7%C3%A3o%20formal%20e%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20informal%20em%20ci%C3%A7ncias.pdf. Acesso em: 23 out. 2020.

GAULD, Charles A. **Farquhar, último titã**. Trad. Eliana Nogueira do Vale. São Paulo: Cultura, 2006.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. Modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: 34/UCAM. Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2002.

GIROUX, H. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula**: uma introdução aos estudos culturais em educação. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

GIUSTI-CORDERO, Juan. Para além das revoluções açucareiras: repensando o Caribe espanhol nos séculos XVII e XVIII. **Cadernos de Letras da UFF - Dossiê: América Central e Caribe: múltiplos olhares**. nº 45, p. 17-48. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/45/artigo1.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2019

GOMES, Pascoal de Aguiar. **A educação escolar no Território Federal do Guaporé (1943 - 1956)**. Universidade Federal de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Educação. Cuiabá, 2007. Disponível:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=94743. Acesso em: 24 fev. 2020.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **Gênero e história das mulheres na historiografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GORAYEB, Anísio. **Breve história de Porto Velho** - 103 anos de instalação, Publicado em 24 de janeiro de 2018. Disponível em: <https://www.rondoniagora.com/geral/breve-historia-de-porto-velho-103-anos-de-instalacao>. Acesso em: 23 fev. 2020.

GRANADA. Disponível em: <http://aventouras.com.pt/project-details/as-outras-caraibas-2/>. Acesso em: 09 jun. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro. 2006.

HALL, Stuart. Cultural studies and its theoretical legacies. In: MORLEY, David, KUAN-HSING, C., (Eds). **Stuart Hall** - critical dialogues in cultural studies. London; New York: Routledge, 1996.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro, 2006.

HARDMAN, Francisco Foot. **O trem fantasma**: a modernidade na selva. São Paulo: Companhia de Letras, 1988.

HOLDER, Gertrudes Lifina. **Veja relação dos professores não portadores de diploma**. Disponível em: <http://livrozilla.com/doc/409238/veja-rela%C3%A7%C3%A3o-dos-professores-n%C3%A3o-portadores-de-diploma>. Acesso em: 13 fev. 2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Estudos culturais na academia. In: SEMINÁRIO TROCAS CULTURAIS NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO, Rio de Janeiro, 1996. **Heloisa Buarque de Hollanda lança obras sobre feminismo**. Publicado em 21 de abril de 2019. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/heloisa-buarque-de-hollanda-lanca-obras-sobre-feminismo/>. Acesso em: 04 jun. 2019.

IFRO PARTICIPA de Festival Internacional “Do Mar do Caribe à beira do Madeira”. Disponível em: <https://portal.ifro.edu.br/ultimas-noticias/9377-ifro-participa-de-festival-internacional-do-mar-do-caribe-a-beira-do-madeira>. Acesso em: 09 jan. 2020.

IGREJA Episcopal Anglicana do Brasil - IEAB. **Registros de batismos**. (1912 - 1966), St. Mary's Anglican Church, Pará.

IN MEMORIAM - Professora Rosilda Shockness é homenageada pelo Consed.

Publicado em 04 de dez. de 2015. Disponível em:

<http://www.rondonia.ro.gov.br/professora-rosilda-shockness-e-homenageada-pelo-consed/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Cidades e Estados.**

Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ro.html>. Acesso em: 26 out. 2020.

JACOMEL, Mirele Carolina Werneque; PAGOTO, Cristian. Cultura patriarcal e representação da mulher na literatura. **Revista do Centro de Educação e Letras.** Unioeste. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4936>. Acesso em: 06 ev. 2020.

JOHNSON, Norman Lucien. Entrevista documentada encontrada no Centro de Documentação Histórica de Rondônia - CDH - RO. **Projeto Pró-Memória**, 1981.

JR BONTEMPI Bruno; ALMEIDA, Maria Rita de Toledo. **Historiografia da educação brasileira**: no rastro das fontes secundárias. 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10323/9591>. Acesso em: 04 jul. 2019.

JORNAL Alto Madeira. **A nomeação da professora Aurélia Banfield**, em 09 de janeiro de 1963, para assumir a direção do Grupo Escolar Duque de Caxias 63 Atos Oficiais do Governo do Território Federal de Rondônia. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Território Federal de Rondônia - Pôrto Velho, ano XLV, n. 8.316, 09 jan. 1963.

JORNAL Alto Madeira. Porto Velho. **Dia de orgulho para Porto Velho.** Alto Madeira, Porto Velho, ano XXIV, n. 2.452, 1 dez. 1940.

JORNAL Alto Madeira. **Grupo Escolar.** 1917 a 1989. Ano 1925\Edição 00852 (1). Porto Velho - Domingo, 23 de agosto de 1920. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=&Pesq=Uma%20Barbadiana&pagfis=25799>. Acesso em: 5 out. 2020.

JORNAL Alto Madeira. **Pela Polícia.** 1917 a 1989. Ano 1919\Edição 00262 (1). Porto Velho - Quinta-feira, 20 de novembro de 1919. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=&Pesq=Adriana%20Beckles&pagfis=24658>. Acesso em: 5 out. 2020.

JORNAL Alto Madeira. **Encrenca no Alto do Bode.** 1917 a 1989. Ano 1919\Edição 00212 (1). Porto Velho - Quinta-feira, 29 de maio de 1919. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=&Pesq=Encrenca%20no%20Alto%20do%20Bode&pagfis=24439>. Acesso em: 5 out. 2020.

JORNAL Alto Madeira. **Pela Polícia.** 1917 a 1989. Alto Madeira (RO) - 1917 a 1989. Porto Velho - Domingo, 31 de março de 1918. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=&Pesq=Glads%20Miller&pagfis=23822>. Acesso em: 5 out. 2020.

JORNAL Alto Madeira. **Hospital da Candelária**. 1917 a 1989. Ano 1919\Edição 00218 (1). Porto Velho - Domingo, 22 de junho de 1919. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=&Pesq=Ella%20Kennedy&pagfis=24471>. Acesso em: 5 out. 2020.

JORNAL Alto Madeira. **História Antiga**. Crônica de Esron Penna de Menezes. 1917 a 1989. Ano 1982\Edição 14144 (1). Página 6. Porto Velho - 21 de outubro de 1982. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=ano%20198&Pesq=Mr.%20Davy&pagfis=32600>. Acesso em: 5 out. 2020.

JORNAL Alto Madeira. **História Antiga**. Crônica de Esron Penna de Menezes. 1917 a 1989. Ano 1983\Edição 14598 (1). Página 6. Porto velho - Domingo, 14 de agosto de 1983. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=ano%20198&Pesq=Norman%20Percival%20Davy&pagfis=35607>. Acesso em: 5 out. 2020.

JORNAL Alto Madeira. **Scena de Sangue** - Uma infeliz, em estado interessante, recebe um golpe no baixo ventre – O móvel do crime e suas circunstâncias. 1917 a 1989. Ano 1919\Edição 00182 (1). Porto Velho - Domingo, 16 de fevereiro de 1919. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=&Pesq=Ada%20Wade&pagfis=24289>. Acesso em: 5 out. 2020.

JORNAL Alto Madeira. **No Rio Madeira** - uma barbadiana atenta contra a vida de sua rival dando-lhe diversas navalhadas”. Jornal do Comércio (AM) - 1905 a 1979. Ano 1919/Edição 05330 (1) Manaus - Quarta-feira, 5 de março de 1919.

JORNAL Alto Madeira. **Notas Policiais** - Sai Repique.... 1917 a 1989. Ano 1919\Edição 00198 (1). Porto Velho - Domingo, 13 de abril de 1919. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=&Pesq=Uma%20Barbadiana&pagfis=24370>. Acesso em: 5 out. 2020.

JORNAL Alto Madeira. **Óbitos**. Morte da antilhana Margareth Morris. 1917 a 1989. Ano 1919\Edição 00204 (1). Porto Velho - Domingo, 4 de maio de 1919. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=&Pesq=Margaret%20Morris&pagfis=24395>. Acesso em: 5 out. 2020.

JORNAL Alto Madeira. **Obituário**. Morte da antilhana Ella Kennedy. 1917 a 1989. Ano 1919\Edição 00213 (1). Porto Velho - Domingo, 1 de junho de 1919. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=&Pesq=Ella%20Kennedy&pagfis=24471>. Acesso em: 5 out. 2020.

JORNAL Alto Madeira. **Nota de Falecimento**. Morte da antilhana Ighes Estelle Gilkes. Alto Madeira (RO) - 1917 a 1989. Ano 1983\Edição 14522 (1). Porto Velho - Terça-feira, 17 de maio de 1983. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=&Pesq=Ighes%20Estelle%20Gilkes&pagfis=34640>. Acesso em: 5 out. 2020.

JORNAL Alto Madeira. **Aurélia Banfield**: 41 anos de Magistério. 1917 a 1989. Ano 1983\Edição 14460 (1). Página 6. Porto Velho - Quarta-feira, 2 de março de 1983. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=&Pesq=Aurelia%20Banfield&pagfis=33876>. Acesso em: 6 out. 2020.

JORNAL Alto Madeira. **Ferrovários da Madeira Mamoré Pioneiros do Passado e do Presente**. 1917 a 1989. Ano 1984\Edição 14865 (1). Porto Velho - Domingo, 29 de abril de 1984. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=&Pesq=Winter&pagfis=310>. Acesso: em 6 out. 2020.

JORNAL Alto Madeira. **Edital para casamento com prazo de 15 dias**. Casamento de Daisy Green e Samuel Modeste. 1917 a 1989. Ano 1917\Edição 00014 (1). Porto Velho - Quinta-feira, 5 de julho de 1917. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=&Pesq=Edital%20para%20casamento%20com%20prazo%20de%2015%20dias&pagfis=37790>. Acesso em: 6 out. 2020.

JORNAL Alto Madeira. **Norman Percival Davy**. 1917 a 1989. Ano 1955/Edição 04863 (1). Página 3. Porto Velho - 15 de maio de 1955. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pesq=N.%20P.%20Davy&pagfis=44568>. Acesso em: 2 set. 2020

JORNAL Alto Madeira. **De Villa Murтинho**. 1917 a 1989. Ano 1921\Edição 00402 (1). Porto Velho - Domingo, 27 de março de 1921. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=ano%20192&Pesq=Alexandre%20Denny&pagfis=24989>. Acesso em: 6 out. 2020.

JORNAL Alto Madeira. **Lamentável Desastre**. 1917 a 1989. Ano 1920\Edição 00297 (1). Porto Velho - Quinta-feira, 25 de março de 1920. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=&Pesq=Anne%20Ferguson&pagfis=24790>. Acesso em: 5 out. 2020.

JORNAL Alto Madeira. **Lamentável Desastre**. 1917 a 1989. 1917 a 1989. Porto Velho - Domingo, 28 de maio de 1920. Disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=060160&Pasta=&Pesq=Ignes%20Estelle%20Gilkes&pagfis=24794>. Acesso em: 5 out. 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LAZINHO da Fetagro entrega Voto de Louvor a personalidades que lutam pela igualdade racial. Publicado em 21/11/2019. Disponível em:
<https://www.al.ro.leg.br/institucional/noticias/lazinho-da-fetagro-entrega-voto-de-louvor-a-personalidades-que-lutam-pela-igualdade-racial>. Acesso em: 21 jan. 2020.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios). Disponível em:

<https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2019.

LIMA, Abnael Machado de. **Achegas para história da educação no estado de Rondônia**. Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Porto Velho: Gráfica da Prefeitura de Porto Velho (Distribuição Gratuita), 1987.

LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. **Inglese pretos, barbadianos negros, brasileiros morenos?** Identidades e memórias (Belém, séculos XX e XXI). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, 2006.

LIMA, Maria Roseane Corrêa Pinto. **Barbadianos, negros e estrangeiros: trabalho, racismo, identidade e memória em Belém de início do século XX**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal Fluminense, 2013.

LISTA GERAL de filiados. Cedida pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação no Estado de Rondônia - SINTERO. (Enviada via *Whatsapp* em 23 jan. 2020).

LOPEZ, Telê Ancona. **O turista aprendiz na Amazônia**: a invenção no texto e na imagem. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142005000200005. An. mus. paul. vol.13 no.2 São Paulo July/Dec. 2005. Acesso em: 21 jan. 2020.

MACEDO, Solange Madalena Souza; ORTEGA, Cristina Dotta. Unidades de informação: termos e características para uma diversidade de ambientes de informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 326-347, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/84821/52404>. Acesso em 09 de out. de 2020.

MACPHERSON, John. **Caribbean lands** - a geography of West Indies. Longmans, Green and CO LTD, 1963.

MAPA Grenada e Barbados. Disponível em: https://www.google.com/search?q=mapa+de+granada+e+Barbados+em+destaque&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwidpb-73NziAhXeHrkGHeNzCVcQ_AUIECgB&biw=1366&bih=657#imgdii=EnDnK0xPAW65eM:&imgsrc=8YKnxWCTgyy0-M. Acesso em: 09 jun. 2019.

MAPA das Antilhas. Disponível em: https://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&tbm=isch&source=hp&biw=1242&bih=597&ei=M7T9XMn_AuzW5OUPhN-L-A4&q=antilhas+&oq=antilhas+&gs_l=img.3..0l10.1035.3964..7071...0.0..0.402.2854.0j3j1j5j1.....0....1..gws-wiz-img.....0.j_to_BDeMt4#imgsrc=asdhQjPlwmb7BM. Acesso em: 09 jun. 2019.

MARTINS, Maria da Graça. Memórias de aprendizagem de português-segunda língua dos descendentes de barbadianos em Porto Velho. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DA LINGUAGEM - ENELIN, 2011. **Anais**. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12519810/segunda-lingua-dos-descendentes-de-barbadianos-em-letrasetcbr>. Acesso em: 01 out. 2020.

MATIAS, Francisco. **As famílias da Madeira-Mamoré**. In: *Jornal O Estadão do Norte*. 29 e 30 de nov. 1998. Porto Velho.

MATIAS, Francisco. **Mãe Filó**: as mãos da história. Disponível em: <https://www.gentedeopinioao.com.br/colunista/francisco-matias/mae-filo-as-maos-da-historia>. Acesso em: 02 fev. 2007.

MENARD, Russell R. **Sweet negotiations**: sugar, slavery and plantation agriculture in early Barbados. Charlottesville: University of Virginia Press, 2006. Disponível em: https://eh.net/book_reviews/sweet-negotiations-sugar-slavery-and-plantation-agriculture-in-early-barbados/. Acesso em: 09 jun. 2019.

MENEGUEL, Yvonete Pedra; OLIVEIRA, Oseias de. **O rádio no Brasil**: do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf>. Acesso em: 27 out. 2020.

MENEZES, Esron Penha de. **Território Federal do Guaporé**. Retalhos para a História de Rondônia. Livro II. Porto Velho: Gênes., 1983.

MENEZES, Nilza. **Chá das cinco na floresta**. Campinas: Komedi, 1998.

MENEZES, Nilza. **Mocambo**: com feitiço e com fetiche (trajetória do bairro Mocambo de Porto Velho. 1999.

MENEZES, Nilza. Gênero e religiosidade na comunidade caribenha de Porto Velho, Rondônia. **Mandrágora**, nº 16, Unesp. São Bernardo do Campo, 2010.

MERRILL, Dana. **Barbadian Town em Porto Velho**. Arquivo Histórico Afro-Antilhano. Colorido por Luís Claro. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2021854291442981&set=a.1974688732826204&type=3&theater>. Acesso em: 18 jun. 2019.

MERRILL, Dana. **Banda musical procedente da colônia inglesa de Barbados**. Porto Velho 1437, Acervo do Museu Paulista da USP. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=Banda+Musical+Procedente+da+Col%C3%B4nia+Inglesa+de+Barbados.+Porto+Velho+1437,+Acervo+do+Museu+Paulista+da+USP&sxsrf=ACYBG>. Acesso em: 23 jul. 2019.

MESA Diálogos Literários. Profª Rosângela Hilário; Profª Eunice Johnson; Mediadora: Cledenice Blackman. 23 de nov. 2018. In: A MULHER NEGRA NA CULTURA. SESC Esplanada, 23-24/11/2018. Porto Velho. Disponível em: <https://fecomercio-ro.websiteseuro.com/site/index.php/2016-09-02-06-09-26/noticias-fecomercio/item/927-dias-23-e-24-o-sesc-promove-o-evento-a-mulher-negra-na-cultura>. Acesso em: 16 jun. 2020.

MORAES, Ana Luiza Coiro. A análise cultural: um método de procedimentos em pesquisas. Questões Transversais - **Revista de Epistemologias da Comunicação**. Vol. 4, nº 7, janeiro-junho/2016. Disponível em:

<http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/12490>. Acesso em: 13 out. 2020.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4125089/mod_resource/content/1/Roque-Moraes_Analise%20de%20conteudo-1999.pdf. Acesso em: 08 out. 2020.

MORATTO, Juliana; FONSECA, Dante Ribeiro da; TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **A presença negra em Rondônia**: as estruturas do povoamento. 2010. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/235232314/A-Presenca-Negra-No-Estado-de-Rondonia>. Acesso em: 11 jun. 2020.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

NEELEMEN, Rose; NEELEMEN, Gary. **Trilhos na selva**: o dia a dia dos trabalhadores da ferrovia Madeira-Mamoré. São Paulo: BEI Comunicação, 2011.

NEVES, Josélia Gomes; SHOCKNESS, Rosilda. **Quebra do silêncio na floresta**: historiografias de mulheres barbadianas e granadinas na Amazônia. Disponível em: <https://docplayer.com.br/9192762-Quebra-do-silencio-na-floresta-historiografias-de-mulheres-barbadianas-e-granadinas-na-amazonia-joselia-gomes-neves-1-rosilda-shockness-2.html>. Acesso em: 20 jun. 2019. Publicado em: 12 ago. 2012.

NOGUEIRA, Júlio. **Estrada de Ferro Madeira-Mamoré**. Rio de Janeiro: Typographia do Jornal do Comércio, 1959.

NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno. Alto do Bode: modelo educacional inglês e suas influências. In: **Afros & Amazônicos**: estudos sobre o negro na Amazônia. Porto Velho: EDUFRO/Rondoniana, 2010.

NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno; OLIVEIRA, Elis da Silva (Orgs.). **Narrativas sobre a cidade**: revisitando o jornal Alto Madeira. Porto Velho: Temática, 2019.

NOGUEIRA, Renzo Magno. **A evolução da sociedade patriarcal e sua influência sobre a identidade feminina e a violência de gênero**. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/48718/a-evolucao-da-sociedade-patriarcal-e-sua-influencia-sobre-a-identidade-feminina-e-a-violencia-de-genero>. Acesso em: 17 jan. 2020. Publicado em maio de 2016.

NOTA de Falecimento. **Judith Holder**. Gente de Opinião. 03 de jul. 2015. Disponível em: <https://www.gentedeopinioao.com.br/opinioao/nota-de-falecimento-judith-holder>. Acesso em: 09 de jun. de 2020.

NOTA de pesar pelo falecimento da professora decana Berenice Johnson. Disponível em: <https://www.unir.br/index.php?pag=noticias&id=26501>. Acesso em: 25 mar. 2020.

NOTA de Pesar. **Falecimento de Lucinda Shockness Bentes**, primeira enfermeira formada de Rondônia. 08 abr. 2019. Disponível em: <https://www.unir.br/index.php?pag=noticias&id=26763>. Acesso: 29 jan. 2020.

NOTÍCIAS Tudo aqui: O Jornal da Capital. **Morre Daisy Holder Missionário da Igreja Assembléia de Deus**. 22 jan. 2019. Disponível em: <https://noticiastudoaqui.com/artigo/2019J23kMr505c480bfa>. Acesso em: 11 jun. 2020.

NÚCLEO de Ciências Humanas. **Convite**. A professora Eunice Johnson é professora aposentada do NCH pelo Departamento de Ciências da Educação e pioneira da UNIR. Fonte: Disponível em: <http://www.nch.unir.br/noticia/exibir/9691>. Acesso em: 04 jan. 2020.

NUNES, Míghian Danae Ferreira. **Histórias de professoras negras: a presença da oralidade nas trajetórias de resistência**. In: XI CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - Diversidades (Des)igualdades. Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011. Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II - Campus Ondina. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/311709261_HISTORIAS_DE_PROFESSORAS_NEGRAS_A_PRESENCIA_DA_ORALIDADE_NAS_TRAJETORIAS_DE_RESISTENCIA. Acesso em: 25 fev. 2020.

O OBSERVADOR. **Morre Professora Berenice Johnson Teixeira**. 31 jan. 2019. Disponível em: <http://www.oobservador.com.br/noticias/morre-professora-berenice-johnson-teixeira,27709.shtml>. Acesso em: 01 abr. 2020.

OLIVEIRA, Anna Luiza Araújo Ramos Martins de. Os estudos culturais e a questão da diferença na educação. **Educação em Questão**, Natal, v. 34, n. 20, p. 33-62, jan./abr. 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/USER/Downloads/3942-Texto%20do%20artigo-9050-1-10-20130806.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

PACÍFICO, Juracy Machado; GOMES, Marco Antônio de Oliveira. A educação infantil em Porto Velho/RO do século XX: história e memória. **HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 58, p. 90-114, set. 2014 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/A-educa%C3%A7%C3%A3o-infantil-em-Porto-Velho%2FRO-do-S%C3%A9culo-XX%3A-Paci%CC%81fico-Gomes/1b5475d57e1e3f1180c5dc761a9d7dc4bb3200dd>. Acesso em 26 out. 2020.

PAIÃO, Cristiane (Coord.). **Série de 100 de Porto Velho mostra história dos barbadianos que migraram para capital**. Publicado em outubro de 2014. Disponível em: http://g1.globo.com/ro/rondonia/videos/t/rondonia-tv/v/serie-de-100-de-porto-velho-mostra-historia-dos-barbadianos-que-migraram-para-capital/3669446/?fbclid=IwAR1zQd-EtCxWDqfOltj1WKdRIh0-2HghxrU5bW9BM2UfZVlwgrICN_aPK_g. Acesso em: 09 jun. 2020.

PERCIVAL Farquhar. Disponível em: <http://brasilrepublicano.an.gov.br/temas/98-percival-farquhar.html>. Acesso em: 29 abr. 2019.

POLON, Luana. **Mapa do Brasil: regiões, estados e capitais**. Disponível em: <https://www.estudopratico.com.br/mapa-brasil-regioes-estados-capitais/>. Acesso em: 22 jan. 2020.

PORTAL da Transparência. Disponível em: <http://www.portaltransparencia.gov.br/servidores/consulta?paginacaoSimples=true&tamanhoPagina=&offset=&direcaoOrdenacao=asc&colunasSelecionadas=detalhar>. Acesso em: 04 jan. 2020.

PORTAL da Transparência do Estado de Rondônia. Disponível em: <http://www.transparencia.ro.gov.br/Pessoal/Index>. Acesso em: 05 jul. 2019.

PORTAL do Governo do Estado de Rondônia. **Escola Estadual Lydia Johnson de Macedo, em Porto Velho, será inaugurada nesta quinta-feira**. Publicado em 24 de jun. de 2015. Disponível em: <http://www.rondonia.ro.gov.br/escola-estadual-lydia-johnson-de-macedo-em-porto-velho-sera-inaugurada-nesta-quinta-feira/>. Acesso em: 19 jun. 2020.

PORTO de Bridgetown (1902). Imagem pertencente ao York Museums Trust Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/History_of_Barbados#/media/File:Barbados_YORYM-TA0183.jpg. Acesso em: 17 ago. 2019.

PORTO VELHO. **Capital de Rondônia**. Disponível em: <http://portalamazonia.globo.com/pscrip/amazoniadeaaz/artigoAZ.php?idAz=799>. Acesso em: 11 mai. de 2010

PORTO VELHO. **Conheça mais sobre a história desta bela aniversariante**. Disponível em: rondoniadinamica.com. Acesso em: 02 out. 2014.

PRADO, Fernanda Batista do. **Entre o oratório e a profissão**: formação de professoras na Escola Normal Rural Nossa Senhora Auxiliadora em Porto Velho/RO (1930/1946). Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2017. Disponível em: <https://www1.ufmt.br/ufmt/unidade/userfiles/publicacoes/d090b30f3fc69fa3e841cbd378fb14fa.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2020.

PREFEITURA de Porto Velho - Portal da Transparência. Disponível em: <https://transparencia.portovelho.ro.gov.br/Servidores/Listar/>. Acesso em: 24 jan. 2020.

PRYSTHON, Angela. Imagens periféricas: os estudos culturais e o terceiro cinema. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Disponível em: www.compos.com.br/e-compos. Ago. 2006, pp. 2-15. Acesso em: 28 mai. 2019.

PRYSTHON, Angela. Histórias da teoria: os estudos culturais e as teorias pós-coloniais na América Latina. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens**. Universidade Tuiuti do Paraná, v. 9, n. 1, 2010.

PROCURADORIA da República em Rondônia. **Relação das Terras Indígenas de Rondônia**. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/ro/atuacao/indigenas-e-minorias/relacao-das-terras-indigenas-de-rondonia>. Acesso em: 03 jul. 2020.

PROFESSORA Rosilda Shockness morre em acidente. Disponível em: <http://g1.globo.com/ro/rondonia/videos/t/todos-os-videos/v/professora-rosilda-shockness-morre-em-acidente/4570459/>. Acesso em: 19 jun. 2020.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Cultura histórica em debate**. São Paulo: UNESP, 1995. Disponível em: https://historiacultural.mpbnet.com.br/artigos.genero/margareth/RAGO_Margareth-as_mulheres_na_historiografia_brasileira.pdf. Acesso em: 12 jun. 2020.

ROCHA; Elaine Pereira; ALLEYNE; Frederick. **Imigrantes negros**: na contramão da história. 20?. Disponível em: file:///C:/Users/DELL/Downloads/IMIGRANTES_NEGROS_NA_CONTRAMAO_DA_HISTOR.pdf. Acesso em: 17 jun. 2019.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. **O mar e a selva**: sobre a viagem de Henry Major Tomlinson ao Brasil. Curitiba: CRV, 2012.

RODRIGUES, Eliane. **Hábitos reforçam tradição**. Jornal Diário da Amazônia. 2004.

RONDONIAOVIVO. LUTO: **Professora universitária Berenice Johnson morre em Porto Velho** - Publicado em 30 de jan. 2019. Disponível em: <http://rondoniaovivo.com/geral/noticia/2019/01/30/luto-professora-universitaria-berenice-johnson-morre-em-porto-velho.html>. Acesso em: 21 jan. 2020.

ROHTER, Larry. **Rondon**: uma biografia. Trad. Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.). **Geografia**: temas sobre cultura e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005.

SÁ, José Carlos. **Marise Castiel** - pioneira do ensino. Gente de Opinião. 3 de novembro de 2018. Disponível em: <https://www.gentedeopinioao.com.br/colunista/jose-carlos-sa/marise-castiel-pioneira-do-ensino>. Acesso em: 04 out. 2020.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SALLES, Vicente. **O Negro no Pará, sob o regime da escravidão**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serviços de Publicações [e] Universidade Federal do 120 Pará, 1971. (Coleção Amazônica. Série José Veríssimo).

SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. **Uma escola (in)visível**: memórias de professoras negras em Porto Velho no início do Século XX. 2010. 145 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2010.

SANTILLI, Marcos. **Madeira-Mamoré: imagem & memória**. São Paulo: Empresa Vilares, 1987.

SANTOS, Eufrázia Cristina Menezes; GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. modernidade e dupla consciência. São Paulo/Rio de Janeiro: 34/Universidade Cândido Mendes - Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012002000100013. Acesso em: 03 out. 2020.

SAVIANI, Dermeval. **História das idéias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização: a implantação da escola graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima de; FARIA FILHO, Luciano Mendes. **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006. Cap.1- A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a renovação da história do ensino primário no Brasil. p. 21-49.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no Século XX: ensino primário e secundário no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2008.

SAUDOSISMO Portovelhense. **Entrevista Aurélia Banfield**. Publicado em 09 abr. 2016, por Luís Claro. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/199910546786793/search/?query=aur%C3%A9lia%20banfield&epa=SEARCH_BOX. Acesso em: 10 jan. 2020.

SAUDOSISMO Portovelhense. **Aurélia Banfield**. Disponível em: https://www.facebook.com/groups/199910546786793/search/?query=aur%C3%A9lia%20banfield&epa=SEARCH_BOX. Acesso em: 22 fev. 2020.

SAUDOSISMO Portovelhense. Personalidades. **Aurélia Banfield**. https://www.facebook.com/groups/199910546786793/search/?query=aur%C3%A9lia%20banfield&epa=SEARCH_BOX. Publicado em 16 fev. 2013.

SECRETARIA do Estado da Educação. SEDUC-RO. **Governador inaugura Salão Nobre "Rosilda Shockness"**. Publicado em 26/10/2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/seducro/posts/804705116334140/>. Acesso em: 22 jun. 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, vol. 15, nº 2, Jul/Dez de 1995. Trad. Christine Rufino Dabat; Maria Betânia Ávila. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 02 jun. 2019.

SCHUINDT, Elisangela Lima de Carvalho. **A diáspora barbadiana e o legado educacional em Porto Velho**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR, 2016.

SILVA, Berenice Elisa Johnson. **Aspectos da evolução educacional em Rondônia**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do "Sagrado Coração de Jesus". Bauru. São Paulo. Brasil. 1980.

SILVA, Claudilene Maria da. **Professoras negras**: construindo Identidades e práticas de enfrentamento do racismo no espaço escolar. Dissertação (Mestrado em Educação,) - Universidade Federal de Pernambuco, CE. 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/4887>. Acesso em: 23 fev. 2020.

SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. 3. ed. rev. atual. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Karina Barroso da. **Brasileiros com origem barbadiana**. Uma breve história de uma família de imigrantes em Belém no século XX. Monografia (Bacharelado em História) - Universidade Federal do Pará, 2010. (Enviada em 11 dez. 2013 pela autora da monografia para o e-mail da pesquisadora)

SILVA, Rita Clara Vieira da. Mulher barbadiana: um modelo educacional. **Zona de Impacto**. UNIR, Ano 15/1, Janeiro/Junho 2013, pp. 76-89. Disponível em: <http://www.revistazonadeimpacto.unir.br/Rita%20Vieira%20ANO%2015%20%201%202013%20%20Janeiro%20Junho%20.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2020.

SINDSEF constata: mais de 350 professores tiveram pagamentos da GEAD liberados. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/leandrolamarao/sindsef-constata-mais-de-350-professores-tiveram-pagamentos-da-gead-liberados>. Acesso em: 29 jan. de 2020.

SIQUEIRA, Eliene Moraes. **O processo de alfabetização dos descendentes de barbadianos no início do século XX, em Porto Velho**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) - Faculdade de Ciências Administrativas e de Tecnologia (FATEC-RO) Porto Velho. 2007.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe, (Orgs.). **Cultura infantil**: a construção corporativa da infância. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

SOUZA, Márcio. **Breve história da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

SOUZA, Márcio. **Mad Maria**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A. 1980.

SOUZA, Valdir Aparecido. **Rondônia, uma memória em disputa**. Tese (Doutorado). - Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP – Universidade Estadual Paulista, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103127>>. Acesso em: 16 out. 2020.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **Jovens afrodescendentes de Porto Velho - os caminhos para auto-afirmação**. 2006.

TELLES, Camila Ferreira da Silva; SANTOS, Isaías de Jesus; MAIA, Cinthia Nolácio de Almeida; FERREIRA, Lúcia Gracia. A mulher negra no magistério: reflexões em torno de trajetórias históricas. **Humanidades e Inovação** v. 6, n. 2 - 2019. p. 38-47. Disponível em: [revista.unitins.br > index.php > humanidadeseinovacao > article > view](http://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view). Acesso em: 19 fev. 2020.

TOMLINSON, H. M. **The sea and jungle**. 1912. Disponível em: <http://www.ibiblio.org/eldritch/hmt/hmt.htm>. Acesso em: 20 out. 2014.

ÚRSULA Maloney Relata trajetória como educadora em Porto Velho. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZgpZgauPDns>. Acesso em: 29 jan. 2020.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 23, p. 5-14, maio/ago. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a01.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.

VIANNA, Cláudia Pereira. O sexo e o gênero da docência. **Cadernos Pagu**, fev. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a03>. Acesso em: 19 fev. 2020.

WANDERLEY, Andrea C. T. **A construção da Madeira-Mamoré, a “Ferrovia da Morte”, pelas lentes de Dana B. Merrill (c. 1887 – 19?)**. Publicado em 16 de jan. 2018. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/?tag=dana-b-merrill>. Acesso em: 13 mai. 2018.

WELCH, Clifford Andrew. Vargas e a reorganização da vida rural no Brasil (1930-1945). **Revista Brasileira de História**, vol. 36, nº 71, pp. 81-105, 2015. Trad. Venceslau Alves de Souza. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbh/2016nahead/1806-9347-rbh-2016v36n71_004.pdf. Acesso em: 29 jan. 2020.

WILLIAMS, Raymond. Uma tradição do século XIX. In: WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: 1780 – 1850**. Trad. Leonidas H. B. Hegenberb, Octanny Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

XAVIER, Zola. **Aurélia Banfield**. [Mensagem pessoal]. Mensagem recebida por cleideblackman@hotmail.com, em 01/05/2019.

ZIMNIAK, Grazia Loparco e Stanislaw. Percezione della figura di Don Bosco all'esterno dell'opera Salesiana dal 1879 al 1965. **Associazione Cultori Storia Salesiana - Studi 8**. ATTI DEL 6° CONVEGNO INTERNAZIONALE DI STORIA DELL'OPERA SALESIANA. Torino, 28 ottobre-1° novembre 2015. LAS - Roma. Disponível em: https://centrostudifma.pfse-auxilium.org/it/pdf/csfma/ivone-goulart-lopes-inmaculada-da-silva-percepcao-da-figura-de-dom-bosco.pdf?GENEREDOCUMENTO_ID=18. Acesso em: 25 fev. 2020.